

DM

**Preconceitos e Vivências Insulares
na Escrita Ficcional de Carlos Martins**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Duarte Jaime Fernandes Pereira

MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

fevereiro | 2025

Preconceitos e Vivências Insulares na Escrita Ficcional de Carlos Martins

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Duarte Jaime Fernandes Pereira

MESTRADO EM ESTUDOS REGIONAIS E LOCAIS

ORIENTAÇÃO

Leonor da Fonseca Martins Coelho

COORIENTAÇÃO

Ana Isabel Ferreira da Silva Moniz

“Carlos de Freitas Martins - nasceu no Funchal e recebeu uma primorosa educação. Viajou muito e adquiriu uma boa ilustração. Possui uma inteligência viva e um grande dinamismo.

Em 1946 publicou um romance, que pode bem parecer uma autobiografia, mas onde o autor revela as suas belas qualidades de escritor, com imaginação rica, frase bem cuidada e naturalmente elegante e técnica do entrecho.

Esse livro intitulou-o Carlos Martins, “Mar de Nuvens”.

Tem no prelo outro livro interessante sobre assuntos marítimos.

Tem um grande poder de observação e comentário incisivo.”

Visconde do Porto da Cruz

(Porto da Cruz, 1953, III Volume)

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Leonor da Fonseca Martins Coelho, e co-orientadora, Professora Doutora Ana Isabel Ferreira da Silva Moniz, pela atenção e apoio que me dedicaram ao longo deste trabalho. Sem elas esta dissertação não teria sido possível.

Agradeço aos amigos e familiares que valorizaram a minha opção de fazer um Mestrado numa área totalmente distinta do meu campo de formação e de trabalho. Sendo certo que uns valorizaram mais do que outros, é para esses que vai o meu maior agradecimento.

Resumo

A presente dissertação de Mestrado apresenta o escritor madeirense Carlos Martins, a partir da sua vida e obra, evidenciando a sua relevância na literatura madeirense do século XX. Destaca os momentos marcantes da vida do escritor, as viagens que fez e o seu modo de vida singular, sem deixar de salientar a intersecção entre a sua vida e a obra.

A partir dos seus romances, *A Grande Paixão do Padre Abel Caim* e *O Grande Amor da Irmã Elsa*, que constituem o *corpus* desta dissertação, caracterizamos de um ponto de vista social e cultural a Madeira do século XX, mais concretamente os anos cinquenta e sessenta, revelando algumas das complexidades sociais e culturais da ilha.

A ficção de Carlos Martins mostra um Funchal luminoso e cosmopolita a contrastar com as zonas rurais da ilha, pobres e apartadas do centro urbano pela falta de meios, sem deixar de evidenciar a hipocrisia, a inveja e o cinismo que caracteriza a maioria das relações sociais.

Entendendo a literatura como cosmovisão de uma época e de uma sociedade, esta dissertação demonstra como a obra de Carlos Martins é reveladora da estratificação social, do desajuste cultural e do preconceito. A partir da visão do autor sobre a sociedade conservadora, atávica e em conflito, são analisados alguns preconceitos sociais do seu tempo, vivências sociais e mentalidades, no período a que se reportam os enredos textuais, que procuraremos confirmar a partir do seu *corpus* desta dissertação.

Palavras-chave:

Carlos Martins, ficção, sociedade, igreja, vivências, preconceito.

Abstract

This master's thesis delves into the life and work of Madeiran writer Carlos Martins, highlighting his relevance in Madeiran literature of the 20th century. It analyses the remarkable moments in the writer's life, the trips he took, and his unique way of life, picking up on the overlap that can be identified between his personal life and his work.

Two of his novels, *A Grande Paixão do Padre Abel Cain* and *O Grande Amor da Irmã Elsa*, are at the core of this dissertation and will serve as a basis to characterize Madeira in the 20th century from a social and cultural standpoint, specifically during the fifties and sixties. They reveal some of the island's social and cultural complexities.

Carlos Martins's fiction shows a bright and cosmopolitan Funchal that feels antonymous with the rural areas of Madeira, poor and separated from the urban center due to lack of resources. It draws light to the hypocrisy, envy, and cynicism that characterize most social relations.

This thesis proposes that the worldview of a time and society, as written down in literature, represents contemporary social stratification, cultural maladjustment, and prejudice. The author's depiction of a conservative, atavistic, and conflicted society is taken to signify social prejudices of his time, social experiences, and mentalities.

Keywords:

Carlos Martins, fiction, society, church, experiences, prejudice.

Índice

Introdução	6
1. Carlos Martins – figurações insólitas de uma vida peculiar	8
1.1 A vida	8
1.2 A obra	41
1.3 As obras <i>corpus</i> da dissertação	43
2. <i>A Grande paixão do Padre Abel Caim</i>: a influência da igreja e a cultura pecaminosa	46
2.1 Ruralidade, vivências e temor a Deus	46
2.2 O sacerdócio como resposta para a pobreza rural	57
2.3 Do pecado da carne ao amor natural	65
3. <i>O Grande Amor da Irmã Elsa</i>: sociedade patriarcal e subjugações identitárias .	80
3.1 Sociedade religioso-patriarcal, preconceitos e outras disforias	80
3.2 Sociedade, religião e aparências	93
3.3 Do cosmopolitismo e abertura ao mundo à rendição ao amor tradicional ...	99
Conclusão	111
Referências bibliográficas	115
<i>Corpus</i>	115
Obras/filmes consultadas/os e/ou citadas/os	115
Anexos	121
Certidão de óbito de Carlos Martins	121

Introdução

A presente dissertação intitulada “Preconceitos e vivências insulares na escrita ficcional de Carlos Martins” é apresentada no âmbito do Mestrado em Estudos Regionais e Locais com vista à obtenção do grau de Mestre.

O Mestrado visa proporcionar uma formação avançada na área dos estudos regionais e locais, privilegiando uma abordagem pluridisciplinar. Nesse contexto, desenvolve-se este trabalho que, partindo da literatura, incide sobre a cultura e a sociedade de uma região, neste caso particular, a ilha da Madeira.

Procuraremos dar a conhecer a vida e obra do escritor madeirense Carlos Martins, nascido em 07 de abril de 1909 e falecido em 25 de janeiro de 1985, autor de vários romances, folhetins e contos radiofónicos.

O *corpus* deste trabalho é constituído pelas obras *A Grande Paixão da Padre Abel Caim* e *O Grande Amor da Irmã Elsa*. Decorrendo uma delas no espaço urbano e outra no espaço rural, procuraremos com a sua análise adquirir uma visão global em termos sociais e culturais da ilha da Madeira, nos anos cinquenta e sessenta do século XX, sob o ponto de vista do autor.

A dissertação está estruturada em três capítulos. O primeiro capítulo é dedicado à vida e obra de Carlos Martins e inclui uma abordagem sumária das obras que constituem o *corpus* da dissertação. O segundo e terceiro capítulos exploram cada uma das obras: o primeiro, *A Grande Paixão do Padre Abel Caim*, publicada em 1968, e o segundo *O Grande Amor da Irmã Elsa*, editada em 1980.

O primeiro capítulo pretende dar a conhecer a vida do escritor, desde a infância, fase em que saiu da Madeira para estudar fora da Região Autónoma, passando por diversos colégios internos, quer no Continente, quer em outros países europeus, até à idade adulta, quando, após ter viajado pelo mundo, regressa à terra natal. Este capítulo pretende explorar também os vários casamentos do escritor, bem como as excentricidades que caracterizaram a sua vida, os excessos de consumo álcool e de substâncias psicotrópicas, como a morfina, os seus internamentos em casas de saúde psiquiátricas, e a vida mundana que teve até ao momento em que decide mudar-se para a sua quinta no Monte, passando a viver uma vida pacata e isolada da mundanidade funchalense, fase que corresponde até cerca dos últimos 20 anos da sua existência.

A sua obra é também destacada neste capítulo, desde a ficção que começa com a publicação de *Madeira Mar de Nuvens*, em 1945, ao *O Grande Amor da Irmã Elsa*, em 1980. De referir outros livros e os vários folhetins radiofónicos que também escreveu, bem como contos radiofónicos que resultam da adaptação de alguns dos seus romances.

O capítulo termina com um breve resumo das obras analisadas nesta dissertação, incluindo uma breve caracterização sócio económica da época em que decorre a trama das obras, com vista a permitir a compressão da exploração mais profunda e centrada que se fará de cada uma delas.

No segundo capítulo que analisa o romance *A Grande paixão do Padre Abel Caim*, procuraremos evidenciar, sobretudo, a sociedade rural da ilha da Madeira dos anos cinquenta e sessenta do século XX, a influência da igreja na sociedade e a forma como a cultura da culpa e do pecado se impunha na vida das pessoas. Para isso, exploraremos questões relativas à ruralidade e ao temor a Deus e à pobreza rural em que viviam as populações do campo. Destaca-se o sacerdócio como única forma de os rapazes fugirem à dura vida que lhes era reservada caso não emigrassem, e ainda o entendimento do escritor sobre o pecado da carne dos sacerdotes que, na sua perspetiva, não existe, porque nada mais é natural do que amor de um homem por uma mulher.

No terceiro capítulo, tentaremos demonstrar como o romance *O Grande Amor da Irmã Elsa* destaca o caráter patriarcal da sociedade madeirense e respetivas subjugações identitárias. O enredo mostra o poder do pai no seio da família funchalense do século XX, no mesmo período a que se reporta a obra analisada no capítulo anterior. O escritor destaca preconceitos e disforias características da sociedade, bem como o culto das aparências. Referiremos, também, a vida mundana e cosmopolita que se vivia no Funchal, revelando uma abertura ao mundo ainda que a sociedade esteja ligada aos valores tradicionais.

O trabalho termina com as respetivas conclusões.

A finalizar acrescenta-se que, quanto às referências bibliográficas, optou-se pela indicação das obras do *corpus* da dissertação seguidas das obras/filmes consultadas e ou citadas.

1. Carlos Martins – figurações insólitas de uma vida peculiar

1.1 A vida

Carlos Martins, pela forma como viveu a sua vida, pouco habitual para a época, pode ser apontado como uma das figuras mais insólitas da cultura madeirense. António Fournier, em *A Condição de Ilhéu*, ao dizer que “A Madeira, como qualquer ilha, sempre teve personagens excêntricas” (Fournier, 2021, p. 23) parece confirmar que o espaço arquipelágico induz a estes comportamentos pouco habituais na ilha.

As viagens que fez e o facto de ter vivido no estrangeiro proporcionaram ao escritor experiências pouco comuns aos contemporâneos madeirenses e levaram-no a desafiar as convenções retrogradadas de então. Por esse motivo, a sua escrita tende a refletir não apenas a cultura conservadora da ilha, mas também as suas complexidades sociais, identitárias e culturais envoltas num contexto marcado tanto por tradições antigas como por influências externas dos estrangeiros que passavam pela Madeira ou nela residiam. A produção do autor reflete ainda a influência de com quem se cruzou fora da ilha, vindo a obra a traduzir uma certa cor local, sem, todavia, se reduzir ao regionalismo, abrindo-se ao cosmopolitismo e a uma modernidade muito própria de Carlos Martins.

O Jornalista Luis Marinho¹ afirma no prefácio da obra de Carlos Martins, *A Grande Paixão do Padre Abel Caim*, que o autor nasceu no Funchal a 7 de abril de 1909, na freguesia da Sé, e é filho do empresário João de Freitas Martins que, em 1888, criou a empresa de navegação João de Freitas Martins, ainda hoje em funcionamento na Madeira.

Filho de uma família madeirense abastada, Carlos Martins teve o privilégio de viajar e conhecer o mundo, o que fez dele uma figura cosmopolita e conhecedora de outras realidades. O privilégio de viajar e explorar outros países e culturas estava então reservado apenas às classes mais abastadas. Viajar, quando acontecia, para quem passava grandes carências na ilha, não significava conhecer o mundo, mas partir em busca de uma vida melhor, ou seja, emigrar para trabalhar arduamente no estrangeiro. Na vida dos mais pobres, as grandes necessidades e a escassez de oportunidades eram notórias. Maria Lamas, após ter vivido na ilha um ano e meio, publica, em 1956, *Arquipélago da Madeira - Maravilha Atlântica*, que resulta da observação e conhecimento direto da vida na ilha. Mostra-se impressionada e chocada com a grande pobreza dos madeirenses, que “ficaram parados há séculos nas condições de vida e na mentalidade” (Lamas, 1956, p.151).

Referindo-se ao anseio de emigrar presente na vida dos lenheiros e carvoeiros que, nas serras da Madeira, recolhem a matéria do seu ganha-pão, tentando assegurar as necessidades básicas de sobrevivência, mas sonhando com melhores condições de vida, a autora sustenta:

São homens que vegetam metidos consigo e com o seu cogitar na vida. Talvez tenham em mente a Venezuela, o Brasil, o Curaçau...São o Eldorado. Mas o que os impele no dia a dia é o pão imediato... E lá andam a arrancá-lo donde podem ainda que à custa da devastação das matas. (Lamas, 1956, p.160)

Outrora, a questão da mobilidade colocava-se em termos bem distintos. Até para os mais abastados, mesmo dentro da ilha, as viagens eram muito diferentes. A Madeira do século XX não tinha, ainda, as vias rápidas que hoje permitem a deslocação de um ponto da ilha ao outro em poucos minutos. O geógrafo Orlando Ribeiro na sua obra, *A Ilha da Madeira até meados do século XX*, recorda que:

A primeira estrada transitável medindo 9 km de comprimento e ligando o Funchal a Câmara de Lobos foi construída apenas em 1890. Em 1913, abriram ao tráfego a do Funchal a Machico e a do Funchal a S. Vicente. Mas só depois de 1928 é que executaram um vasto plano de conjunto, permitindo chegar a todas as regiões habitadas e fazer o circuito da ilha; trabalhos que ainda não estavam terminados em meados do século XX. (Ribeiro, 1985, p. 222)

Mais, diz que:

Em meados do século XX, o tráfego marítimo de passageiros ainda era muito importante. Várias localidades da costa sul, tais como o Paul do Mar, Jardim do Mar e Madalena do Mar, não eram acessíveis por carro, pelo que as comunicações foram ali asseguradas pela navegação de cabotagem. (Ribeiro, 1985, p. 222)

No que diz respeito à mobilidade da ilha na Madeira do início e meados do século XX, as limitações determinavam fenómenos migratórios internos bem diversos dos de hoje, incluindo as idas ao Funchal, única zona urbana na Madeira do século XX, já que,

até 1996, foi a única cidade do arquipélago. Deslocavam-se apenas com a frequência necessária para tratar de burocracias imprescindíveis e adquirir bens que apenas aí se conseguiam encontrar. Perante este cenário, viajar, ou seja, sair da Madeira para conhecer o mundo, era um sonho que não chegava a ser concretizado. Quando se realizava, era para cumprir a ânsia de melhorar de vida e alcançar uma nova configuração social e cultural.

O arquipélago da Madeira, tal como arquipélago dos Açores e todo o Continente Português, tem uma longa história de emigração.

Francisco José Terroso Cepeda considera a emigração um fenómeno basilar na sociedade portuguesa. No opúsculo: “Emigração portuguesa: um fenómeno estrutural” conclui que:

Portugal contribuiu, ao longo dos tempos, com enormes contingentes para a emigração, estando o fenómeno migratório sempre presente no horizonte de muitos dos seus filhos. A procura de uma vida digna e desafogada constituiu, desde sempre, uma das preocupações fundamentais dos portugueses, impossibilitados de aqui concretizarem os objetivos que pretendiam atingir e aos quais se achavam, naturalmente, com direito. Partiram. Foram à procura da sorte noutras terras, conviver com outras gentes, sofrer a saudade da família e dos amigos, recordar o luar de agosto na aldeia, as malhas, as sementeiras, os amores. (Cepeda, 1992, pp. 63, 64)

Maria Beatriz Rocha-Trindade conhecida pelo papel determinante que teve na criação do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais da Universidade Aberta, bem como pelos estudos realizados em contextos relacionados com Portugal e a diáspora portuguesa, tem abordado não apenas os aspetos históricos da emigração, mas também questões sociais, culturais e económicas que afetam as comunidades de emigrantes.

No trabalho “Universalismo e paralelismo cultural em contexto de migração – a desconstrução dos fluxos migratórios”, a investigadora dedicou-se ao estudo do passado, presente e futuro das migrações, em particular da emigração portuguesa, e aponta para uma transformação significativa dos padrões migratórios ao longo do tempo. Sustenta que a emigração do passado caracteriza-se por fluxos coletivos de indivíduos com origens rurais e qualificações limitadas. Por isso, reflete um contexto socioeconómico específico, onde a busca por melhores condições de vida se concentrava, tendencialmente, num número reduzido de destinos. Esses movimentos eram, em grande parte, impulsionados por fatores como a pobreza e a falta de oportunidades nas regiões de origem. Já a migração

mais recente, tende a ser mais diversificada e complexa. A mudança nas origens dos migrantes, agora predominantemente urbanas e com maior nível de educação e qualificação, indica uma nova dinâmica. Esses indivíduos, dotados de mais habilitações literárias, não se circunscrevem a um conjunto limitado de destinos; pelo contrário, têm a capacidade de escolher entre uma gama de oportunidades globais, refletindo um mundo mais interligado. A desestruturação dos fluxos migratórios tradicionais sugere uma maior individualização das experiências migratórias, onde cada migrante traça o seu próprio caminho, levando em conta fatores como preferências pessoais, redes sociais e oportunidades de trabalho. Assim, Rocha-Trindade conclui:

Aceite-se o postulado de que a emigração portuguesa do passado, com origens predominantemente rurais, composta de indivíduos de modesta habilitação acadêmica e fraca qualificação profissional se constituía sob a forma de fluxos coletivos, dirigidos essencialmente para um número restrito de destinos internacionais. E que pelo contrário, as migrações do futuro abrangerão em maioria indivíduos de extração urbana, com média ou alta habilitação e qualificação, e não mais constituída em correntes bem definidas, mas antes sob a forma autonomizada quanto aos seus inúmeros possíveis destinos. Nessas circunstâncias, entende-se que o universalismo que enformará tais movimentos acabará por se traduzir na “desconstrução” dos fluxos migratórios tais como os conhecíamos. (Rocha-Trindade, 2001, pp. 54, 55)

Nas ilhas, a míngua e o desejo de outras configurações levou muitos madeirenses a cruzar mares. A escassez não era apenas de alimentos, mas também de meios, de oportunidades e de soluções, assumindo uma dimensão ainda maior devido às condicionantes naturais da insularidade.

O historiador Nelson Veríssimo destaca a forma como a emigração moldou profundamente as vivências na ilha, criando um ciclo de expectativas e realidades que afetava não apenas os que partiam, mas também aqueles que ficavam. O sucesso de alguns tornava-se uma luz de esperança para outros, incentivando-os a seguir o mesmo caminho, apesar das incertezas e desafios que se antecipavam:

A emigração marcou as vivências insulares. O exemplo dos bem-sucedidos contagiou quem ainda hesitava. Pedia-se dinheiro para as viagens e partia-se com o receio de não poder cumprir a obrigação selada com um aperto de mãos. Partidas ficavam também as famílias. Despedaçadas esperanças de olhares e corpos apegados. (Veríssimo, 2021, p. 41)

No arquipélago da Madeira, vários são os investigadores que se têm dedicado ao estudo da emigração. Destaca-se o trabalho de Odete Souto, com particular incidência no tópico da emigração madeirense para as antigas colónias portuguesas em África. Refira-se, por exemplo, o artigo “Migração Madeirense para Angola e Moçambique (1940-1974)”, que, embora versando sobre a questão regional da migração para as colónias portuguesas de Angola e Moçambique, faz uma análise de âmbito nacional, identificando os pontos de convergência e divergência correspondentes. Atente-se, também, à dissertação de mestrado da investigadora, que incidiu sobre o tema *Os Retornados de África - Estudo de caso sobre a sua integração na Madeira*, procurando entender e explicar o processo de integração dos retornados à Madeira após o 25 de Abril de 1974.

Nos Açores, refiram-se os trabalhos de Susana Serpa Silva, investigadora que se tem dedicado ao estudo do fenómeno da emigração, particularmente no contexto daquele arquipélago. O seu artigo “Em Busca de Novos Horizontes, Açores, Emigração e Aculturação, Nos Finais do Séc. XIX, Inícios do Séc. XX” realça o papel estrutural da emigração na construção da história das ilhas atlânticas portuguesas:

A diáspora pode considerar-se um dos aspectos estruturais da história do povo das ilhas atlânticas e da sociedade portuguesa em geral, pois trata-se de um fenómeno secular que remonta à época da expansão ultramarina. Pela sua relevância, a temática da emigração tem constituído matéria privilegiada pela investigação histórica e sociológica, quer no país, quer na região. (Silva, 2001, p. 347)

As literaturas madeirense e açoriana também têm vindo a retratar a dura realidade da emigração. Leonor Martins Coelho tem destacado a importância da literatura como fonte de estudo da emigração. Em “Cruzando mares. Ilha(s) e emigração”, realça o papel da literatura como cosmovisão de uma época e de uma sociedade:

Partiremos, pois, da ideia de que a literatura pode ser um testemunho da consciência do espaço insular e das preocupações do ilhéu e que o fenómeno migratório constitui um dos vetores essenciais da expressão literária de autores ligados aos arquipélagos dos Açores e da Madeira. (Coelho, 2014, p. 587)

Acentua, ainda, o tema da emigração na literatura insular nos seguintes moldes:

Com efeito, o tempo pretérito pautado pela miséria, pelas diferenças sociais disfóricas e pela impossibilidade de um horizonte risonho fez com que o desejo de viajar para lugares mais promissores constituísse um *topos* significativo da ficção insular. (Coelho, 2014, p. 589)

Na mesma linha de ideias, Susana Serpa Silva, em “A Emigração para o Brasil vista por Intelectuais e Literatos Portugueses, (Séculos XIX-XX), chama a atenção para a riqueza de informações que a literatura fornece:

As obras literárias, com especial relevo os romances realistas e históricos, bem como as crónicas sociais dos séculos XIX e XX, podem e devem constituir fontes importantes para o estudo da emigração portuguesa para o Brasil (e não só), salvaguardado o distanciamento face ao conteúdo ficcional e aos rasgos criativos. Das descrições às personagens, múltiplos são os testemunhos e os registos associados ao fenómeno da diáspora, nas suas múltiplas vertentes ou faces, e enquanto realidade que os escritores viverem, conheceram e observaram de perto. (Silva, 2014, p. 415)

A produção literária madeirense tem largamente explorado a temática da emigração. Horácio Bento de Gouveia é disso exemplo, nomeadamente com a obra *Torna Viagem, O Romance do Emigrante*, publicada em 1979. Neste sentido, o subtítulo, - vidas ignoradas - da primeira parte do livro, revela que emigrar era a única forma de deixar de ter uma vida difícil e sem visibilidade. Veja-se:

- Vou emigrar! Vou emigrar! – disse o Artur de si para consigo sentado na tripeça de til preto, solando umas botas de atanado.
Não se sentia realizado em suas ambições. No termo da segunda infância começou como aprendiz de sapateiro a receber do trabalho duas patacas e com elas já fazia um figurão. Mas sempre notava um vazio, uma insuficiência em sua vida de rapazinho. (Gouveia, 1979, p. 11)

Mais adiante, a personagem principal, Artur, refere que:

O meu ofício rende pouquinho. Faço umas botas de cordovão e o que me fica depois de pagar o material, não dá para comprar umas calças! (Gouveia, 1979, p. 12)

As afirmações indicam ao leitor que para os mais necessitados a emigração era um sonho que lhes permitia alcançar uma vida melhor. Como afirma Mário Augusto, em *Mandem saudades: Uma longínqua história de emigração*, a escassez era notória e emigrar era a forma de “não morrerem devagarinho à mingua de alimento e trabalho” (Augusto, 2022, p.17). Viajar era assim uma forma de evitar morrer à fome na terra onde se nasceu.

Sendo a emigração um tema fraturante na sociedade madeirense também não deixa de estar presente noutras obras de Horácio Bento. Assim acontece em *Luisa Marta (Ficção e Memória)*. O diálogo entre a personagem Luisa Marta, a protagonista, e D. Clotilde, a patroa na casa onde servia no Funchal, revela a presença do tema no romance:

“Tens namorado na terra? - Não senhora. Tenho um primo no Brasil, que de longe em longe, me escreve e me falou em casar. (...) E contou pormenores sobre o primo. Disse que havia dois anos o rapaz embarcara clandestinamente para o Brasil.” (Gouveia, 1982, p. 102)

Thierry Proença dos Santos, em “Figurações da emigração madeirense na narrativa de Horácio Bento de Gouveia”, aborda as questões da emigração na sociedade madeirense através da sua obra literária. O emigrante simboliza a busca por melhores condições de vida, o desejo de escapar da pobreza e da dureza da vida insular. O investigador havia já explorado a obra benticiana em *De Ilhéus a Canga, de Horácio Bento de Gouveia*. Referindo-se precisamente a *Canga*, diz que:

Como lembra a voz do romance *Canga*, o mito do “Eldorado dos Brasis” permanecia, ainda na primeira metade do sec. XX, muito fluorescente no imaginário coletivo madeirense (Gouveia, 2008: 85), a par do português. Assistia-se à escapada em massa da população masculina e aguardavam-se notícias e remessas de dinheiro de filhos ou de maridos. Esposas ficavam em casa, muitas vezes desamparadas e a braços com filhos de tenra idade, à espera de um dia serem chamadas para junto do respetivo cônjuge. Famílias inteiras deixavam as freguesias do Norte da Ilha, com rumo ao Brasil. (Santos, 2011, p. 9)

Destaca ainda o chamado “Torna Viagem”, que define como:

O português que enriqueceu além Atlântico e que regressa à Pátria, endinheirado. Esse tipo social, elevado a estereótipo, suscitava uma simpatia irónica em Portugal e tornou-se naturalmente alvo de crítica humorística, comparável à atual figura do novo-rico bocal. (Santos, 2011, p. 8)

A escrita de João de França revela, igualmente, a importância do tema da emigração na literatura insular madeirense. *O Emigrante*, quer o conto, quer a comédia, mostra o caso da emigração de sucesso, através do personagem, Crispim Americano, que, ao regressar à ilha após ter emigrado, consegue adquirir várias terras que lhe permitem dedicar-se à agricultura com grande sucesso. Mostra o desejo de emigrar, presente nas populações mais pobres, através também do personagem Rique Brás, que tem uma certa inclinação para o alcoolismo. Para ter condições de casar com Mariquinhas, filha de Crispim Americano, está disposto a emigrar para a América, hipotecando a casa onde vivia com sua mãe, para conseguir comprar a viagem. Contudo, perante a tristeza que essa opção causa à mãe, Rique Brás escolhe não partir, valorizando a ligação afetiva à progenitora, pois conclui que, sendo as dificuldades da vida passageiras, tal como a chuva, acabam por passar. João França destaca, desta forma, a opção do personagem pelo vínculo emocional e familiar que persiste apesar das adversidades, em detrimento de uma vida desafogada:

E a América? Ora a América! Que fosse bugiar! Que se fossem bugiar a América, o Crispim e a Mariquinhas! Bem ou mal comparados, a Mariquinhas, o Crispim e a América, eram como a chuva a cair-lhe em riba do chapéu e do casaco: caía agora, mas havia de parar mais logo, até que viesse o sol para lhe secar a roupa. Depois a mãe passá-la-ia a ferro, com mil cuidados, certa de não vir a morrer de tristeza nem de fome enquanto ele fosse vivo. (França, 1978, pp. 39, 40)

Leonor Coelho, no artigo intitulado “O Emigrante de João França: da escrita à representação cénica”, evidencia como a emigração pode ser um tema complexo e multifacetado:

“O emigrante” de João França apresenta-se também como um registo histórico social, sublinhando quer a emigração bem-sucedida, protagonizada por Crispim Americano, quer a emigração almejada, mesmo que não realizada, como aconteceu com Rique Bras. Porém, não deixará de referir casos de insucesso dessas deslocalizações, a exemplo do infortúnio que vitimou um tio-avô do jovem Rique em terras brasileiras. (Coelho, 2011, p.5)

O texto de João França foi também levado à cena pela companhia de teatro madeirense ATEF – Associação Teatro Experimental do Funchal, em 1994. Então apenas, TEF, Teatro Experimental do Funchal, foi sob o tema “Quase por acaso um Emigrante”, que apresentou a peça.

Irene Lucília Andrade, em *Ilha Que é Gente*, num dos seus textos intitulado o “Emigrante”, escreve sobre a temática da emigração, destacando a saudade, como marca da vida de quem emigra, a busca de novas oportunidades num lugar diferente e a ligação emocional e afetiva às raízes que nunca se chega a perder:

Deixei a casa bem alto/pousada em cima da serra, /fiz-me ao céu sobre o mar alto/Disse adeus à minha terra.

Deixei raízes no fundo/da minha ilha distante/porque me afasto do mundo.
Vou à procura de sorte/nem sei que sorte desejo. mais quero enfrentar a morte/que esta morte em que me vejo
Hei-de voltar minha terra/minha gente a quem abraço, /a outros vou dar o sangue/a minha força, o meu braço.
De ti preciso de esp’rança/como a terra de orvalho. /Hás-de saber qualquer dia/quanto vale o meu trabalho.
Terei penas doutras aves/mas serei sempre quem era/minhas asas de andorinha/reclamam a primavera.
Só aqui farei o ninho,/guardarei minha viagem./Aqui vou plantar a vida/porque o resto é de passagem... (Andrade, 1986, p. 31)

Sendo a emigração um fenómeno que é marca da cultura portuguesa e madeirense, está igualmente presente no teatro. *A Família Do Demerarista*, de Álvaro d’Azevedo, é disso testemunho. Retrata a Madeira do século XIX, nos anos cinquenta, mostrando uma ilha em crise, destacando o vilão madeirense que embarca para Demerara e que à custa do seu trabalho regressa rico. Evidencia as questões à volta das quais girava a vida dos vilões, os habitantes das zonas rurais, os mais pobres da Madeira, que passavam grandes privações. Note-se a referência à partida de navios que saíam da ilha, carregados de emigrantes em busca de uma melhor existência, mas não se olvide que, a maioria dos que

partiam, não chegavam a regressar. Eram mais os que morriam que aqueles que regressavam, pelo que a fortuna só a alguns tocava. A utopia da emigração com o sonho de uma vida perfeita, nem sempre se concretizava, transformando-se a utopia em distopia, revelada em cenários sombrios e adversos, sem qualquer progresso e melhoria de vida. O texto evidencia esta situação:

Q'ando parte algum navio p'ra tal terra do dinheiro, /leva do porão às gavias De
vilhões grande viveiro. /Tantos a buscar fortuna! Mas de volta quantos vem?
/Morrem mil na terra alheia, À pátria só tornam cem. /Novas de lá? - são sabidas;
Aquill' é mémo uma sorte:!E p'ra poucos a fortuna . É pr'ós mais a freve e a morte.
(Azevedo, 1859, p. 9)

Elina Batista, em *Emigração e teatro em Portugal no século XIX, Retratos da Madeira e de Madeirenses*, conclui que a emigração, no século XIX, no teatro, revela-se um fenómeno complexo que, ao ser abordado pelos dramaturgos da época, promoveu um importante diálogo sobre identidade, pertença e as realidades sociais de um Portugal em transformação. As peças teatrais não apenas documentavam a experiência dos emigrantes, mas também serviam como apelo à reflexão crítica sobre as consequências dessa movimentação populacional na sociedade.

A emigração no século XIX é um fenómeno marcante a nível social, económico, político e cultural em Portugal, sendo retratada pelo teatro, já que se apresenta como um meio de libertação e de promoção da alteridade. Os dramaturgos do século XIX, conscientes do impacto que o teatro possui junto da sociedade da sua época, sobre a emigração e de todos os problemas que suscita, levam-no ao palco, considerando que é necessário mostrá-lo ao público para o elucidar e esclarecer. (Batista, 2008, p.167)

Também a literatura açoriana, ao refletir as angústias, as tradições e as lutas do quotidiano dos seus habitantes, tem oferecido uma visão única e profunda da sua identidade e tem explorado o tema da emigração. A título de exemplo, refira-se os nomes de Ruy Guilherme de Moraes (1904-1937), Dinis da Luz (195-1988), Manuel Ferreira (1916-2012), Eduíno Borges Garcia (1922-1979), Dias de Melo (1925-2008), José Martins Garcia (1941-2002), e, de certo modo, Onésimo Teotónio Almeida (1946).

Ao contrário de muitos madeirenses, Carlos Martins não saiu da Madeira para procurar melhores condições de vida, pelo que o seu caso tende a ser sobremaneira diferente. Saiu porque fazia parte do grupo das famílias madeirenses abastadas, as chamadas famílias de bem, endinheiradas, que podiam mandar os filhos estudar para fora: para o Continente e para o estrangeiro. Seu pai era comerciante e proprietário, chefe de uma agência de navegação, vereador da Câmara Municipal do Funchal, cônsul da Grécia, da Guatemala, do Haiti e da Venezuela. Estas e outras informações constam do artigo publicado na revista *Islenha*, n.º 12, Jan.-Jun. 1993, que Eberhard Axel Wilhelm escreveu sobre o escritor, já após a sua morte, na sequência de aturada investigação sobre a sua vida e obra, a que chamou “O aventureiro mais famoso da cidade: Carlos Martins descreve como virou meio Funchal”.

Quanto às razões que o levaram a sair para estudar fora da Madeira, Eberhard Axel Wilhelm, referindo-se ao pai do escritor, diz-nos, citando o prefácio da 1ª edição de *Madeira Mar de Nuvens* do jornalista Cesário Nunes, que:

Tendo o filho terminado a escola primária, na Ilha, João de Freitas Martins, pretendendo educar, formar e discipliná-lo “de acordo com as tradições da casa e da família, dentro das regras e as responsabilidades comerciais, (...) nos deveres e nas convenções, observadas nas relações dos grandes comerciantes” mandou estudar Carlos Martins, para um colégio na Figueira da Foz, mas como o rapaz fugiu de lá, o pai meteu-o no Vasco da Gama, em Lisboa. (Wilhelm, 1993, p. 147)

Estudar no estrangeiro fazia já parte dos planos do pai, o que significa que, sendo a sociedade madeirense uma sociedade patriarcal, as grandes decisões respeitantes à família, (filhos, esposa, irmãs solteiras que coabitassem na mesma casa e até a mãe quando se ia tornando mais velha) estavam reservadas ao pai que, neste caso, planeava para o filho um futuro semelhante ao seu, de grande empresário, dando continuidade ao império já antes iniciado pelo seu pai, Pedro de Freitas Martins. Desta forma, não só preservava, como aumentava o património, e ainda se preservavam as tradições e o bom nome conquistado.

Foi a rebeldia de Carlos Martins que apressou a sua saída da Madeira. De acordo com as informações do jornalista Luís Calisto, em *Nas margens da Madeira. Vilões, barões e Tubarões*, que inclui uma entrevista ao escritor. É o próprio quem afirma:

Depois dos embaraços que criei no “Colégio Lisbonense” à época, na Rua da Carreira, meteram-me num vapor e internaram-me no colégio da Figueira da Foz, de onde fugi por entender que não me competia aturar um diretor apoplético lá porque a noiva morrerá. Uma vez em Lisboa, pedi ao agente da firma, “João de Freitas Martins” lugar num navio para a Madeira. Mas, por indicações do Funchal, em vez da passagem o homem entregou-me um boletim de matrícula no “Vasco da Gama”. (Calisto, 1983, p. 12)

Note-se que, ainda segundo Eberhard Axel Wilhelm, no já citado artigo “O aventureiro mais famoso da cidade: Carlos Martins descreve como virou meio Funchal”, os seus três irmãos mais velhos, Óscar, Ludgero e João, também receberam educação fora da Madeira, mas as suas irmãs, Olga e Gabriela, (havia uma terceira irmã, de nome Maria, que terá falecido cedo) não terão tido a mesma sorte. A meados do século XX, as mulheres estavam ainda muito longe de ter o mesmo direito à educação que os homens.

De facto, como observa Gilles Lipovetsky, em *A Terceira Mulher*, a sociedade, em geral, regia-se pela matriz conservadora, masculina e patriarcal. Lipovetsky aborda o papel da mulher na sociedade ao longo dos séculos e refere, ainda, a dupla penalização para a mulher que se emancipava e trabalhava. Aborda de forma crítica as transformações na condição feminina, destacando como essas mudanças se distanciam de séculos de opressão e submissão. A emancipação das mulheres é retratada como um fenómeno que reflete as dinâmicas das sociedades pós-modernas, onde a personalização e a individualização se tornam centrais na organização social. Explora, também, as implicações desse movimento de libertação, examinando as novas realidades que as mulheres enfrentam ao ingressar no mercado de trabalho, ao vivenciar a sua sexualidade de forma mais autónoma e ao desafiar as estruturas de poder tradicionalmente dominadas por homens. A obra propõe uma análise abrangente, que abarca a história, e as ideias que moldaram a condição feminina, e estudos contemporâneos sobre sexualidade, trabalho e participação política das mulheres. Também em Portugal e na Madeira a mulher foi relegada para um plano secundário até as emancipações lhe outorgarem o lugar merecido.

A rebeldia de Carlos Martins levou-o a sucessivas fugas e expulsões dos colégios onde esteve internado em Portugal, mas também em Inglaterra e na Alemanha. Num colégio religioso onde esteve matriculado em Londres, perto de Battersea Park, diz-nos o artigo de Eberhard Axel Wilhelm que:

Escapuliu-se à noite pelo algeroz para se encontrar com uma rapariga quatro anos mais velha do que ele mas é apanhado porque o frade de vigília, fecha, por acaso a janela, e só não é expulso no fim do ano lectivo por surpreender o diretor com a tal senhora loira. Obtem por isso uma divisão própria podendo-se permitir uma vida bastante livre. (Wilhelm, 1993, p. 148)

Foi esta rebeldia, desde muito cedo presente na sua vida e que continuou a manifestar-se vida fora, que lhe valeu o alcunha de “estroina ou brigão”, sendo assim eternizado na história da Madeira da Madeira Atente-se ao que nos diz Eberhard Axel Wilhelm sobre a sua vida:

Pelo menos até ao dia 28.01.1949, início do seu internamento, por dois anos, na casa de Saúde de São João de Deus, Trapiche, Funchal, Carlos Martins levou uma vida profundamente irrequieta, parecendo um romance por ser, em muitos aspetos, quase inacreditável. (Wilhelm, 1993, p. 147)

Após a passagem por muitos colégios e expulsões, Carlos Martins regressa à Madeira, em 1926, depois de ter viajado pelo mundo. É quando o ex-colegial e o seu pai realizaram, de facto, uma viagem à volta do mundo, “visitando o Mediterrâneo, o Canal do Suez, Sabang (no Norte de Samatra) Singapura, Macau, Xangai, Honolulu, São Francisco e Nova Iorque” (Wilhelm, 1993, p. 147).

Uma vez regressado à Madeira, não se adapta à pacata vida da ilha nem tão pouco ao escritório do pai onde começara a trabalhar, e decide partir. A Madeira tinha-se tornado demasiado pequena para ele. Num primeiro momento, parte para África, onde viveu e casou pela primeira vez, e, mais tarde, para Portugal Continental, seguindo-se-lhe depois outros países da Europa e do mundo. Por aqui, como diz Leonor Martins Coelho, no prefácio da obra de Irene Lucília Andrade, *A Penteada ou o fim do Caminho*, eventualmente se revela:

... como a condição periférica aprisiona o indivíduo. Enclausurado num espaço delimitado pela imensidão do oceano, ele espelha a sua condição de ilhéu, que oscila entre o peso do fechamento ditado pelas margens, o apelo do horizonte e o desejo do regresso à terra. (Coelho, 2023, p. 12)

O que pode significar que Carlos Martins, ao viajar e ao viver no estrangeiro, poderá ter tentado fugir ao enclausuramento ilhéu, em particular, nos anos da sua juventude. O escritor Vítor Sousa, em *A condição de Ilhéu*, afirma que “Uma ínfima minoria de Madeirenses emigrou por desejo de mundo, por puro cosmopolitismo.” (Sousa, 2012, p. 148). Terá sido esse o caso de Carlos Martins, que sentir-se-ia restringido pelo mar que rodeava a ilha, com todas as limitações que daí advinham, em termos pessoais, sociais e culturais. Apesar disso, regressou sempre à terra, pelo que nos parece que o apelo do regresso à ilha esteve sempre presente na sua vida. Com o passar dos anos, ter-se-á apercebido de que a ilha era a sua verdadeira casa e por mais que andasse pelo mundo, por mais casas que tivesse em outros lugares, a casa era a sua ilha. Esta ideia parece ir ao encontro de Thierry Proença dos Santos, quando, em *A Condição de ilhéu*, diz que “Quem passa pela experiência da ilha, jamais a esquece...porque em cada ilha, cabe todo o mistério do mundo (Santos, 2021, p.47).

Vítor Sousa, na mesma obra, diz ainda que “Não se parte por inteiro, não se regressa por inteiro” (Sousa, 2012, p. 148). Desta forma, revela que a condição de ilhéu parece inscrita na ânsia de partir e no desejo de regressar. Essa bipolaridade, frequentemente associada à ideia de isolamento e separação, evoca uma profunda reflexão sobre a dualidade da experiência humana entre o desejo de partir e a necessidade de voltar.

A Ilha, de facto, pode ser um espaço paradoxal, onde as emoções e experiências humanas se entrelaçam de maneiras complexas, um lugar que provoca alegria e tristeza simultaneamente, oferecendo um refúgio e, ao mesmo tempo, um desafio. Parece ser esta a visão de Irene Lucília de Andrade, em *Ilha que é gente*, ao dizer que a ilha “doi e alegre, perturba e acalma, oprime e liberta, expulsa e retrai, condena e desafia. Faz o canto e a lágrima” (Andrade, 1986, p. 8). A ilha pode ser vista como um símbolo da dualidade da vida: a capacidade de trazer à tona tanto a opressão quanto a libertação. Na ilha, as pessoas podem sentir-se acolhidas mas também confrontadas pelas suas próprias verdades. É um lugar onde se pode refletir sobre as próprias lutas e conquistas, onde o passado e o presente se encontram, criando um espaço de transformação.

Podemos afirmar que a principal inspiração da escrita de Carlos Martins foi a sua própria vida. Não só a sua intensa e preenchida vida amorosa, mas toda a sua desinquieta existência. Ainda que não se possa confundir a ficção com a realidade, os livros de Carlos Martins parecem ser um reflexo da sua vida insólita. É disso prova o prefácio do seu quinto romance, *As Figuras de Proa do “Marco Wanda”*, em que o autor declara: “E

assim, como já tem sido por muitos comentado, de verdade todos os meus romances inserem páginas do que foi a minha amorosa, romântica, turbulenta, aventureira existência” (Martins, 1975b, p. 5).

Não é apenas da sua vida amorosa que falam os seus livros. Entre o intertexto da vida e da ficção os seus romances abordam também a sua infância, o facto de ter saído da Madeira por imposição do pai, a sociedade madeirense e a hipocrisia da igreja. A temática da sua infância/transição para a idade adulta é particularmente focada nas obras *As Figuras de Proa do “Marco Wanda”* e *O Grande Amor da Irmã Elsa*, ao passo que a crítica à hipocrisia da igreja e à sociedade madeirense é transversal a todas elas.

Da agitada vida de Carlos Martins fazem parte vários casamentos e muitos divórcios. Casa pela primeira vez, aos 19 anos, pela igreja, em África, com Albertina Miranda, rapariga mulata, filha do homem mais rico do Sul de Angola, já se podendo entrever uma certa megalomania característica de Carlos Martins, que se manifesta tanto nas suas obras como na sua vida. Nos seus livros, os protagonistas apresentam-se quase sempre como uma ideia refletida, reflexo dele próprio ou refletem características da sua personalidade e destacam-se por serem sempre os melhores, os mais ricos, os mais apessoados, os que fazem sempre as melhores escolhas, frequentam os melhores hotéis ou restaurantes, têm a melhor casa, entre outros. Esta megalomania está bem presente nas suas obras. Veja-se, em *A Grande Paixão do Padre Abel Caim*, o modo como o autor se refere ao protagonista do romance, Abel Caim, dizendo que: “Quanto aos seus estudos, Abel Caim passou logo de início a ser o primeiro da sua classe, e respeitante a comportamento a ser apontado como exemplo aos companheiros” (Martins, 1968, p. 8). Em *O Grande Amor da Irmã Elsa*, quando o protagonista Élvio Montenobre está a referir-se ao escritor Marco Carlos, que na obra representa Carlos Martins, diz:

Tinha fortuna pessoal, tornou-se escritor apenas para passar o tempo e dar expansão ao seu exuberante talento, e, assim, desinteressadamente, valorizando como nunca ninguém fez, a literatura da ilha onde nascera. Tudo isso causava despeito, num meio mesquinho, como era o madeirense. Convivia no meio cosmopolita dos hotéis, e estava-se nas tintas para a restante balofa sociedade de toda a ilha da Madeira. (Martins, 1980, p. 119)

Em *As Figuras de Proa do “Marco wanda”*, atente-se, ainda, como wanda Olga, namorada/futura mulher de Marco Carlos de Vasconcelos, descreve o protagonista que parece igualmente representar o escritor Carlos Martins:

Alto, acima do normal. Magro, moreno, a musculatura de um Hércules. Cabelo: castanho claro, ondedo. Olhos: castanho-escuros, envoltos em compridas, arqueadas pestanas. Nariz: Retilíneo. Dentes: Lindos, artisticamente enfileirados. Génio: másculo, vinculando relevante personalidade. Temperamento: independente, alegre, desprezando totalmente maléficis críticas lhe intentadas. (Martins, 1975b, p. 12)

Esta forma de valorizar os protagonistas dos seus romances e as situações em que estão envolvidos repete-se ao longo da sua ficção romanesca referida, bem como na restante a que tivemos acesso, como *Madeira*, *Mar de Nuvens* e *A mulher que o Diabo me ofertou*. Ora, isto leva-nos a considerar a possibilidade de Carlos Martins ter de facto um grande ego. Veja-se que nos seus romances não perde uma oportunidade para elogiar o grande escritor Marco Carlos de Vasconcelos, personagem presente em muitas dos seus livros, que parece representar o próprio Carlos Martins. Além do elogio às personagens que parecem representar o autor, também nos próprios prefácios das suas obras não hesita em auto elogiar-se. Disso pode ser exemplo o prefácio de *As Figuras de Proa do “Marco wanda”*, em que afirma “ser o romancista madeirense que até ao momento mais obras no género tenha escrito” (Martins, 1975b, s. n.). Também em *O Grande Amor da irmã Elsa*, pode ver-se, nas “Breves considerações concernentes a edições da literatura romanesca madeirense”, como o escritor se autoproclama “o mais proeminente escritor madeirense e que, até ao momento, na história da Madeira mais romances tenha escrito” (Martins, 1980, p 13).

Com a primeira mulher Carlos Martins chega a viver na Madeira durante um ano, mas a relação não terá corrido bem, acabando por se dar o seu primeiro divórcio. Do primeiro casamento nasceu a sua filha Maria Manuela, conhecida como Nekas, bailarina de renome em Portugal e no estrangeiro e, conforme diz Luís Marino nas notas biográficas do autor em *O Grande amor da Irmã Elsa*, “uma das mais eminentes bailarinas de ballet de Paris” (Marino, 1980, Notas biográficas do autor em *O Grande Amor da Irmã Elsa*, *Funchal*, s.n.). É a filha que após a segunda Guerra Mundial se junta a ele na Madeira e

que terá tido grande influência no facto de ele ter começado a escrever, conforme o próprio informa no seu primeiro romance, na parte inicial em que conta como nasceu *Madeira Mar de Nuvens*:

Um dia comentando à Nekas a minha inação, respondeu-me ela:
- Escreve um romance. Deves ter experiência de vida, mais do que suficiente, para avolumares uns poucos de volumes. (Martins, 1945, “Como nasceu *Madeira Mar de Nuvens*”, p. 32)

E para continuar a incentivá-lo, decide comprar o material que acha necessário para o pai começar a escrever. Ao voltar a casa diz-lhe:

- Aqui tens a ferramenta para te dedicares a um trabalho que, certamente irá adaptar-se ao teu temperamento.
Tratava-se, efetivamente, de volumoso livro (ainda o conservo como uma das mais preciosas recordações da minha vida) semelhante aos dos empregos em casas comerciais. Conjuntamente, achava-se uma dúzia de lápis, um apara-lápis, e duas borrachas. (Martins, 1945, Como nasceu *Madeira Mar de Nuvens*, p. 33)

Ao primeiro casamento, seguiu-se um segundo, desta vez apenas civil. Querendo ou não casar-se pela igreja, e pressupondo que não queria, já que abertamente se declarava ateu, a igreja não reconhecia o divórcio, tal como ainda hoje não reconhece, o que significava que perante a igreja, o autor continuava casado com a primeira mulher, não podendo mesmo voltar a casar-se catolicamente. A igreja católica entende o casamento como o sacramento que reconhece a união íntima entre homem e mulher (exclusivamente homem e mulher, ao contrário da lei civil de alguns países, nomeadamente Portugal, que, atualmente, já reconhece o casamento entre pessoas do mesmo sexo), para toda a vida, admitindo somente a sua anulação em casos excepcionais, sendo este um processo muito moroso em que apenas o Papa tem poder para tomar essa decisão. É o que se pode concluir do *cânone 1055, do título VII, Do Matrimónio, do Código do Direito Canónico*, que de seguida se transcreve:

O pacto matrimonial, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si o consórcio íntimo de toda a vida, ordenado por sua índole natural ao bem dos cônjuges, à procriação e educação da prole, entre os batizados foi elevado por Cristo Nosso Senhor à dignidade de sacramento. (Código do Direito Canónico, 1983, p. 186)

Sublinhe-se que João de Freitas Martins, pai do escritor, era profundamente ateu, sendo este um ponto comum entre pai e filho. Já a mãe era católica devota e praticante. Esta informação é-nos dada por Eberhard Axel Wilhelm, tendo Carlos Martins aproveitado esta diferença religiosa dos pais para o rumo que deu ao seu romance *As Figuras de Proa do “Marco Wanda”*:

Num romance seu, o herói, Marco Carlos de Vasconcelos, não frequenta primeiro colégios na Figueira da Foz ou em Lisboa, mas segue do Funchal diretamente “para um colégio de frades Jesuítas em Londres” conforme o desejo da mãe, católica praticante, com quem o pai, declarado ateu, concorda, “simplesmente por princípios de disciplina. (Wilhelm, 1993, p. 147)

O segundo casamento com a alemã Hertha Hempel aconteceu em Berlim, onde o escritor tinha ido “matar saudades” dos seus tempos de estudante. Com a segunda mulher volta a viver na Madeira, mas divorcia-se três meses depois. Retoma as suas viagens e em Oslo, casa-se pela terceira vez com uma norueguesa, de quem se divorcia quatro meses mais tarde. Regressando à Madeira, envolve-se com muitas e atraentes milionárias com quem frequenta os melhores hotéis e em cuja companhia cavalga pelas serras da Madeira, como revela *Madeira Mar de Nuvens*. O seu quarto casamento dá-se na ilha de Trindade com uma inglesa que aí vivia, e onde o escritor se encontrava, na sequência da sua “expulsão” da Madeira, expulsão que o autor replicou no seu primeiro romance *Madeira mar de Nuvens*:

Eberhard Axel Wilhelm conta como começou o incidente:

Provavelmete em 24.11.1938 houve então a famosa briga com os oficiais e marinheiros alemães do cruzador “Deutschland: Visto achar que já era tarde para jantar, Carlos Martins, andando na altura a cavalo, pelo Largo do Chafariz, dirigiu-se a uma tasca, onde abriu, mais tarde, uma snack bar, e pediu uma sanduiche de presunto e um copo de vinho branco. Dentro do estabelecimento, estavam uns marinheiros e oficiais do cruzador alemão “Deutschland” e o madeirense chamava a

sua atenção pela “impecável” forma de vestir, pelo que murmuravam entre eles, rindo-se dele. Um dos mainheiros exclamou: “Olhem o D. Quixote está com fome!” “Aqui nesta porcaria de terra, a nobreza tem de ir às tascas comer. (Wilhelm, 1993, p. 149)

Não terá sido por acaso que Carlos Martins ganhou o alcunha de “brigão”, como referimos anteriormente. Terá respondido à altura ao que considerou uma ofensa a si e à sua terra, tanto mais que ao sair da tasca, é novamente provocado pelo mesmo grupo a que se juntou um oficial, que, querendo saber o que se passava, defendeu os seus homens. Perante as ofensas que voltaram a ser-lhe dirigidas, o madeirense atirou a sanduíche à cara do oficial. A situação complicou-se mais junto ao cabaret, o Trocadero, onde Carlos Martins volta a cruzar-se com os alemães armando-se uma briga que originou a ida de alguns alemães, ao Hospital, levando à detenção de escritor no dia seguinte, acabando por ser expulso da Madeira.

O seu quarto casamento também duraria pouco, pois ela seria uma mulher muito possessiva, chegando ao ponto de ir levá-lo e buscá-lo de carro ao escritório. Enfurecido, o português, referindo-se ao seu cavalo, que adorava ao ponto de o mandar buscar à Madeira quando exilado em Trindade, ter-lhe-á mesmo dito: “Não trocava aquele cavalo por cinquenta mulheres como tu. Fez as malas e foi por Londres a Lisboa” (Wilhelm, 1993, p. 151), terminando assim, a relação ao fim de 42 dias. O quinto casamento dá-se em Santana, vários anos depois, com a madeirense Rosa dos Ramos e dura 8 meses. Até agora, completara cinco casamentos e cinco divórcios.

De certa forma, Carlos Martins antecipa a ideia de “amor líquido”, que muitas décadas depois o sociólogo polaco Zygmunt Bauman haveria de explorar na obra com o mesmo nome. Em *Amor líquido*, o individualismo que caracteriza as sociedades capitalistas tende a criar relações assentes em vínculos fugazes e efémeros. Esta fragilidade dos laços afetivos bem como a necessidade de os manter flexíveis já é bem visível na vida e obra de Carlos Martins, revelando as suas inúmeras relações que os sentimentos estão, frequentemente, associados ao fracasso e, de certo modo, acentuando o que pode ser a individualização do autor e dos seus alter-egos.

Há ainda a acrescentar um sexto casamento à vida de Carlos Martins, com a empregada doméstica e apenas realizado por gratidão. Às portas da morte, casa-se catolicamente com Maria Mendonça, madeirense, que cerca de trinta anos antes entrara

ao seu serviço como empregada doméstica. O casamento visou garantir que a mulher, que tinha cuidado dele por longos anos, ficasse protegida após a sua morte. Trinta anos antes já tinha perfilhado um dos seus filhos com outro homem, igualmente para a proteger.

Dois factos dignos de nota. Primeiro: este casamento voltou a ser católico o que deverá ter sido aceite pela igreja, pois à data certamente já seria viúvo do seu primeiro casamento. Segundo: se os efeitos pretendidos com este casamento eram apenas civis, como se pode explicar que o autor se tenha casado pela igreja católica? Pensamos que talvez tenha sido a forma mais fácil de casar, apesar de, segundo as informações disponibilizadas por Eberhard Axel Wilhelm, Carlos Martins tenha feito questão no casamento católico. Estando hospitalizado na sequência de um acidente vascular cerebral, portanto já muito fragilizado, e provavelmente estando acompanhado da empregada doméstica, com quem já teria uma grande familiaridade, pressupondo que seria católica, e prevendo-se de algum modo a rápida morte do escritor, parece fazer sentido que tenham chamado um padre para lhe dar a extrema unção, último sacramento ministrado pela igreja aos católicos antes da morte, vindo o padre a formalizar a união.

Quanto aos vários casamentos de Carlos Martins, embora Thierry Proença dos Santos, na introdução a *Madeira Mar de Nuvens*, refira que Carlos Martins casou cinco vezes e descasou quatro (Santos, 2023, p.17), parece que, de facto, o escritor ter-se-á casado seis vezes e divorciado cinco. O seu sexto casamento é atestado pela certidão de óbito que adiante se transcreve e inclusivamente já vem referida na bibliografia que Eberhard Axel Wilhelm consultou para redigir o seu artigo sobre Carlos Martins:

Nome: Carlos de Freitas Martins
Sexo: Masculino
idade: 75 anos
Estado: Casado(a) com Maria Mendonça Martins
Naturalidade: freguesia de Funchal (Sé)
Concelho de Funchal
Última residência habitual: Sítio do Pico, Monte, Funchal
Hora e data do falecimento:
7 horas 00 minutos, do dia 25 de Janeiro de 1985
Lugar: freguesia de Monte
Concelho de Funchal
Sepultado: no cemitério do Monte, concelho do Funchal.
(Assento nº 139/1985, 1985, p.1)

Sejam cinco ou seis os casamentos, e quatro ou cinco os divórcios, juntamente com as muitas aventuras amorosas que viveu com estrangeiras, bem como as várias viagens que fez, foram com certeza material bastante inspirador para os seus romances. Dessa inspiração sobressai a figura da estrangeira tão presente na sua vida pessoal como nas suas obras ficcionais. No seu primeiro romance, *Madeira Mar de Nuvens*, com primeira edição em 1945 e uma segunda em 1972, a estrangeira que mais espaço ocupa é a Americana Ramona, com quem Fernando Porto Moniz, o protagonista, vive um grande amor e acaba por se casar ao fim de muitas peripécias e de forma pouco ortodoxa, nas ilhas Selvagens. Ramona, contudo, não esgota a figura da estrangeira nesta obra, pois ela foi apenas a sucessora de Ethel, de Eve e de muitas outras. Neste sentido, a criada de Fernando Porto Moniz, logo no início do romance, acaba por referir:

-Lembra-se o senhor do dia da chegada da menina Ethel? A menina Eve havia embarcado às onze da manhã no Astúrias e às cinco horas, quando o senhor voltava do Boston, já vinha acompanhado da menina Ethel. Desde que aqui está no Hotel, ainda não o conheci descasado! E já vai para três anos. A maior parte das vezes, viúvo de manhã e quando chega a noite, já o vejo casado. (Martins, 1946, p. 47)

Muito preenchida é a vida do galã Fernando Porto Moniz que mais não parece ser do que a projeção do homem que foi Carlos Martins. Thierry Proença dos Santos, na introdução a *Madeira Mar de Nuvens*, refere-se a esta obra como uma espécie de autoficção (Santos, 2022, p. 24). O Visconde do Porto da Cruz já havia dito também que a obra “parecia tratar-se de uma autobiografia” (Porto da Cruz, 1953, III Volume).

Ao refletirmos sobre a autobiografia, pensamos num relato da vida do autor feito na primeira pessoa, sendo o próprio a contar as suas experiências, reflexões e sentimentos. Distinto da biografia, que é escrita por outra pessoa que analisa e interpreta a vida de outrem a partir de fontes externas, a autobiografia oferece uma perspectiva íntima e subjetiva na qual o autor tem a liberdade de se focar nos aspetos que considera mais relevantes da sua vida, podendo omitir ou enfatizar eventos conforme a própria visão e interpretação. A autobiografia permite, assim, um mergulho mais profundo nas emoções e pensamentos do autor, possibilitando ao leitor uma ligação mais íntima com a sua história pessoal.

Philippe Lejeune, em *O Pacto Autobiográfico*, explorou o conceito de autobiografia, alertando para a sua complexidade e indicando possíveis aceções para o conceito. A título de exemplo define como, “relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, colocando ênfase na sua vida individual e, em particular, na história da sua personalidade” (Lejeune, 2008, p. 48).

Andrea Czarnobay Perrot, em “Da “Casa vazia” de Philippe Lejeune ao neologismo de Serge Doubrovsk: os primórdios do conceito da autoficção no século XX”, distingue este conceito do de autoficção, ao afirmar que:

Fica claro, nesta primeira tentativa de definir o que é a autoficção, que Doubrovsky coloca esta nova forma narrativa entre a autobiografia e o romance, advindo daí a hibridez do conceito, uma vez que ambos estão presentes numa formulação diferente das suas próprias tomadas individualmente. Simultaneidade é um termo-chave da autoficção. (Perrot, 2019, p.5)

Significa que a autoficção, como conceito literário, situa-se numa interseção entre a autobiografia e o romance. Essa hibridez permite que os autores explorem as suas experiências pessoais de maneira mais livre e ao mesmo tempo mantenham a liberdade criativa típica da ficção. Foi do diálogo entre o escritor e crítico literário francês Serge Doubrovsky com o professor e ensaísta francês Philippe Lejeune, que o conceito se autonomizou, nos anos setenta do século XX. Desde então, tem sido muito utilizado por escritores em todo o mundo. Esta forma narrativa não se limita a um relato factual da vida do autor, já que incorpora elementos ficcionais que enriquecem a narrativa. Essa simultaneidade entre o real e o imaginário é fundamental, pois possibilita uma reflexão mais profunda sobre a identidade, a memória e a experiência humana. Ao utilizar a autoficção, o autor pode criar uma obra que é, ao mesmo tempo, íntima e universal, ligando as suas vivências pessoais a questões mais amplas que ressoam com os leitores. Essa dualidade e a interação entre os dois polos — autobiográfico e ficcional — convidam a uma interpretação multifacetada, onde o leitor é desafiado a discernir o que é real e o que é construção literária.

O escritor utiliza experiências pessoais e eventos da sua vida real como base para a narrativa, mas, ao mesmo tempo, incorpora elementos fictícios, criando uma obra que não é totalmente factual, mas também não é completamente inventada. Esse estilo permite uma exploração mais profunda da subjetividade e da identidade do autor, já que as

fronteiras entre o eu real e o eu ficcional se tornam nebulosas. O género ganhou popularidade nas últimas décadas, refletindo uma busca por uma autenticidade e uma nova forma de contar histórias que ressoam com as experiências contemporâneas. Em Portugal, *Morreste-me e Abraço* de José Luis Peixoto podem ser exemplos de autoficção na literatura portuguesa, bem como *Os Cus de Judas*, de António Lobo Antunes, e *Gente Feliz com Lágrimas*, de João de Melo, que, recorrendo às suas histórias de vida, constroem as suas ficções.

Sendo a autoficção a designação usada a nível literário para se referir a uma autobiografia ficcional que combina dois estilos, a autobiografia e a ficção, a escrita de Carlos Martins, pela forma como combina factos da sua vida, recriando-os em novos ambientes, poderá nela inserir-se. Poder-se-á, assim, dizer que as obras de Carlos Martins parecem ser uma transcrição da sua vida, descrevendo, quando não toda, pelo menos grande parte dela, recriando-a com novos ambiente e factos resultantes da sua criatividade e imaginação e desenvolvendo-a numa escrita autoficcional.

A propósito da forma como a vida do autor se entrelaça com a vida dos seus personagens, Eberhard Axel Wilhelm confirma: “Já em relação à juventude de Carlos Martins, a sua vida real e o conteúdo dos romances se entrelaçam de tal forma que não se chega a saber nitidamente o que é verdade e o que é invenção” (Wilhelm, 1993, p. 148).

“A estrangeira por quem o madeirense suspira” referida por Ana Isabel Moniz e Thierry Proença dos Santos, em *Funchal (d)escrito*, “O Funchal na narrativa literária e na crónica” (Moniz e Santos, 2011, p. 53), parece ser um elemento significativo que enriquece a narrativa e a construção dos personagens da escrita ficcional de Carlos Martins. É o caso de Elvino Montenobre, de “*O Grande Amor da Irmã Elsa*”, e de Fernando Porto Moniz, de *Madeira Mar de Nuvens*, cujas identidades se constroem a partir da sua ligação com as estrangeiras. Também é o caso de Marco Carlos de Vasconcelos, protagonista de *As Figuras de Proa do “Marco Wanda”*. Reencontrou Olga Wanda - mulher madeirense que conhecia desde a infância com quem casa no dia a seguir ao reencontro, mas tinha sido casado com uma estrangeira de nacionalidade inglesa.

A forma como os personagens masculinos se relacionam com as estrangeiras, que se encontram hospedadas nos melhores Hotéis da Madeira, à data o Reids e o Savoy, com quem passam as noites e passeiam pelas serras da ilha, parece ditar uma atitude de admiração dos madeirenses. Embora a admiração se associe aos homens, não se exclui a ideia de que a mulher madeirense também pudesse suspirar por uma estrangeira. A este

propósito, veja-se a menção que Carlos Martins faz, em *A Mulher que o diabo me ofertou*, às mulheres lésbicas madeirenses:

As mulheres, as com pretensões a cabecilhas de elite, são de um pirismo inaudito, em todas destituídas da mais rudimentar noção social. E, tanto em educação como em ilustração, acham-se centenas de furos abaixo de qualquer criada doméstica duma cidade civilizada. E, quanto a lésbicas, é de assombrar o número delas aqui dispersas. (Martins, 1975a, p. 67)

Ora, a ser de facto tão grande o número de lésbicas na Madeira, como refere o escritor, parece poder pôr-se a hipótese de o suspiro pelas estrangeiras não ser exclusivo dos homens. Numa sociedade tradicional e conservadora como era a da Madeira, as lésbicas sentir-se-iam certamente muito limitadas na sua vida sexual na ilha, e as estrangeiras representariam uma atitude aberta e nova em relação à sexualidade.

Seja dos homens e/ou das mulheres, parece-nos que o “suspiro pela estrangeira” se deve ao facto de as estrangeiras (que na Madeira por vezes eram apenas chamadas de inglesas, reduzindo-as na sua quase totalidade a esta nacionalidade, quer fossem de Inglaterra, da Suécia ou da Noruega) terem um comportamento mais liberal do que as mulheres madeirenses, permitindo aos homens da ilha (e quiçá às mulheres também) ter uma relação mais aberta, não só a nível social, mas também a nível íntimo. Para este entendimento, contribuía o facto de as estrangeiras saírem para jantar fora e dançar na companhia de homens que acabavam de conhecer, sem que isso significasse necessariamente um compromisso. Passavam a noite com homens que tinham acabado de conhecer, o que não era habitual acontecer com as mulheres madeirenses. Veja-se, em *Eternidade*, como a situação descrita por Ferreira de Castro revela uma atitude aberta da estrangeira que sem pudor convida o homem madeirense a juntar-se a ela durante a noite:

Qual é o número do seu quarto? É o cento e vinte e um, não é verdade? /Ele sorriu ao verificar que ela já havia fixado o número. /É./Bem. O meu fica um pouco mais adiante. É o cento e vinte e quatro, ao fundo do corredor. Espero-te logo à noite à uma hora. (Castro, 1933, p. 60)

Carlos Martins considerava a sociedade madeirense deveras atrasada, “com mais de trezentos anos atrasada do restante mundo” (Martins, 1977a, p. 47). Em *A Mulher Que o Diabo me Ofertou*, a protagonista Ângela Vilarides apresenta-se como o equivalente aos galãs de outras obras de autor, semelhante a Fernando Porto Moniz de *Madeira Mar e Nuvens* e a Élvio Montenegro de *O Grande Amor da Irmã Elsa*, portanto, uma mulher vanguardista, em nada representativa da mulher madeirense de então. Referindo-se à Madeira, Ângela diz:

E então, numa ilha destas! ... Onde se vive mais de trezentos anos atrasados do restante do mundo!...um vez ao teatro, de dez em dez anos; os filme para aqui exportados, uma sensoria; uma elite saloia; sinos; procissões; navios selvaticamente a apitarem do porto a qualquer hora do dia ou da noite!!!...Simplesmente, horrível!!Selvagem!!Em poucos anos, em semelhante detestável ambiente, uma jovem se apresentará deformada. (Martins, 1975a, p. 47)

Um cenário destes, atrasado e retrógrado, significava que qualquer relação de caráter íntimo que um homem estabelecesse com uma mulher madeirense tinha como fim o casamento, com vista a constituir família e a procriar. Era assim que devia ser o modo de estar na vida numa sociedade conservadora, católica e beata, como era a da Madeira do início e meados do século XX.

A união entre um homem e uma mulher, através dos laços matrimoniais, visava apenas a procriação, a união entre famílias no caso de famílias abastadas servindo para aumentarem as suas posses e propriedades. Este entendimento parece ser um rescaldo de pensamentos mais remotos na ilha, quando ainda no século XVI, segundo diz Sérgio Guimarães de Sousa, no posfácio de *António e Isabel do Arco da Calheta*, de João França: “o matrimónio, em sede de fidalguia, dependia de acordos destinados a manter ou mesmo favorecer o valor linhagístico e patrimonial das famílias implicadas (França, 2021, p. 253. Já no caso de famílias pobres, o casamento pretendia manter a união nos mesmos lugarejos que resultava da única existência conhecida, pelo que não podiam aspirar a mais. Às mulheres madeirenses estavam proibidas quaisquer intimidades antes do casamento, em nome da boa conduta moral e religiosa vigente. O que não significa que a descoberta íntima não acontecesse. Quando acontecia, era necessário tratar de organizar um casamento à pressa antes que a gravidez se tornasse visível e toda a sociedade

soubesse do “mau passo” que a mulher havia dado. Quando já era visível e nada era possível fazer para a ocultar, casava-se de madrugada, a horas em que houvesse menos assistência a testemunhar a subida ao altar da mulher impura.

Carlos Martins, em *As Figuras de Proa do “Marco Wanda”*, aborda estas questões salientando a diferença de tratamento destas situações conforme se trate de uma mulher de uma família abastada ou de uma família sem posses. Critica o puritanismo da sociedade madeirense e põe a nu as suas hipocrisias. Veja-se a situação que descreve ao falar de sociedade *versus* casamento:

São na sua maioria uns seres ignóbeis, idiotas. Não nos compreenderiam. E, quanto a moral, o dinheiro é para eles como a benzina: elimina as nódoas. E haver ainda gente que acredita e os levam a sério! Nas suas cínicas, hipócritas convenções, se for a filha de um trabalhador que dê o que eles qualificam de um mau passo, deve ser escorraçada de casa, desprezada por toda a gente e lhe é imposta como ferrete, uma caderneta de prostituta nas mãos. Mas se o pai é rico, já observaste? Quanto mais o seu temperamento se assemelhar aos de Messalina, mais bem conceituada é por todas as rodas sociais; acham-lhe muita graça, originalidade e tudo é levado à conta do exotismo. E o casamento é de uma desfaçatez atroz! Quando é uma exótica que casa vai toda enfeitada de flor de laranjeira à Igreja, faz-se grande estardalhaço nos jornais na coluna da Elite e Sociedade Elegante, meia cidade é convidada ficando muitos invejosos com a sorte do noivo que “casa rico”. Mas sendo um casamento por amor, cuja noiva seja pobre e que anteriormente fora ludibriada por outro, a cerimónia tem que ser realizada às ocultas, não se atrevendo ela enfeitar-se com flor de laranjeira, a fim de não ser chasqueada; o noivo é escarnecido e todos lhe vêm crescer ornamentos invisíveis. (Martins, 1975b, p. 14)

Daí que se torne talvez mais fácil entender que a estrangeira, oriunda de uma sociedade mais aberta, fosse apetecível. É certo, contudo, que na Madeira, como no resto do mundo, existiam as designadas mulheres de alterne, com quem homens solteiros e por vezes até casados passavam parte das suas noites. Todavia, com estas mulheres, ditas de má vida, não era conveniente ser-se visto, pelo que, em geral, o convívio reduzia-se ao bar de alterne onde recebiam os homens/clientes. A este propósito, veja -se *Madeira Mar de Nuvens*. Fernando Porto Moniz envolve-se com a rameira Marrusstika, e apesar da condição da mulher, deixa-se ver socialmente na sua presença, o que será uma exceção e não contradiz a regra aludida:

A manhã e parte do dia da véspera da partida passou-a a cavalo pela levada da Serra, a despedir-se da Madeira. À tarde, ao chegar a casa, convidou Marrusstika a passear no seu automóvel. Ao transitar na rua do Aljube, parou à porta da ourivesaria Simfrónio e entrou com a bailarina. Escolheu um lindo anel pelo qual pagou uns milhares de escudos e metendo-o num dos dedos dela, disse-lhe acariciando a mão: Em recordação da bela amizade e camaradagem que foi a nossa. (Martins, 1945, p. 140)

Atente-se que o recato era exigido apenas à mulher. O homem podia estar com as mulheres que desejasse, sendo este comportamento até bem visto. A visita a uma casa de rameiras era incentivada sobretudo se o homem fosse jovem. Veja-se o que afirmam Ana Isabel Moniz e Thierry Proença dos Santos, em *Funchal (d)escrito*, nomeadamente no capítulo “O Funchal na narrativa literária e na crónica”:

A saída do jovem estudante da freguesia rural para a cidade viria também constituir um dos motivos recorrentes em crónicas e em textos de ficção da época. A sua iniciação à cidade implicava frequentemente a visita a uma casa de rameiras. (Moniz e Santos, 2011, p. 56)

Carlos Martins inspirou-se em diversos acontecimentos da época em que viveu para servirem de mote aos seus romances. Disso pode ser exemplo o naufrágio do Iate Physália, propriedade de uma conhecida figura da sociedade madeirense, Humberto Passos Freitas, ligado ao desporto e à criação do Clube Desportivo Nacional que o escritor aproveita para o final apocalíptico do seu romance, *As Figuras de Proa do “Marco Wanda”*, o seu quinto romance publicado em 1975. O veleiro que Marco Carlos, protagonista da obra, decide construir com Wanda Olga, a mulher com quem já tinha namorado em criança e com quem se casa quando a reencontra de novo na Madeira, no conhecido complexo balnear do Lido. Naufraga para os lados da Ponta de São Lourenço devido a uma forte tempestade, não se salvando ninguém. Eberhard Axel Wilhelm descreve o episódio que serviu de inspiração ao romance da seguinte forma:

Encontrando-se, em 15-12-1926, no iate “Physalia” ou “Fizália” de Humberto Passos Freitas, fundeado na Baía do Funchal, Carlos Martins lembrou-se de repente que a firma do pai o tinha incumbido de “fazer a Agência” ao Vapor “Siera Ventana”,

dirigindo-se, numa lancha, ao cais, com o mar “encapelado”. Depois do serviço terminado, nenhum barqueiro o quis levar de volta ao iate, devido ao temporal, pelo que escapou à morte, porque, perecendo ou desaparecendo quase todos os tripulantes, entre eles uma inglesa casada, Ângela George, que acharam morta, quatro dias mais tarde, no Caniçal ou na Ponta de São Lourenço... (Wilhelm, 1993, p. 148)

Outro exemplo da inspiração de Carlos Martins em acontecimentos da época em que viveu, é o romance *A Grande Paixão do Padre Abel Caim*, uma das obras que constituem o *corpus* desta dissertação. Inspirou-se no caso real do Padre José Marques Jardim e na construção do monumento em honra de Nossa Senhora no Terreiro da Luta. Assim o referem Ana Isabel Moniz e Thierry Proença dos Santos, em *O Funchal (d)escrito*, em particular no texto, “O Funchal na narrativa literária e na crónica”, quando observam:

Em memória das consequências dramáticas da Primeira Guerra Mundial, foi inaugurado a 14 de Agosto de 1927 o monumento em honra de Nossa Senhora da Paz, no Terreiro da Luta, devido, em grande parte, ao esforço do Padre José Marques Jardim para angariar donativos que tornassem possível a realização da referida obra. Um facto que o terá levado a deslocar-se ao estrangeiro e que serviu de inspiração para o enredo de *A Grande paixão do Padre Abel Caim* de 1968, de Carlos Martins. (1909- 1985) (Moniz e Santos, 2011, p. 25)

Carlos Martins, por volta dos anos quarenta do século XX, saturado da vida boémia que levava, tendo já passado por quatro casamentos e uma filha do primeiro, seguidos de quatro divórcios, cansado da inércia que a Segunda Guerra Mundial arrastara para a sua vida, começa a escrever. Teria 35 anos e uma vida financeira relativamente confortável. Com a morte da mãe, em 1934, já poderia ter recebido a herança a que tinha direito, mas isso provavelmente não aconteceu, já que é comum esperar pela morte do segundo progenitor para fazer as partilhas. O pai morre em 1939 e nesta sequência deve então ter recebido uma herança considerável, a fazer fé de que a suas obras falam da sua vida, como já antes referimos, e de resto como ele próprio reconhece nos prefácios dos seus livros. Em *As Figuras de Proa do “Marco Wanda”*, Marco Carlos, o protagonista, diz que: “após a morte do pai tomou posse da fortuna conjunta que herdara de seus pais, comprou a quinta à estrada Monumental e fez uma viagem à volta do mundo” (Martins,

1977b, p. 65). Parece-nos que o escritor Carlos Martins não terá comprado uma quinta na Estrada Monumental, mas uma quinta no Monte, a quinta Monteverde, para onde se muda no final dos anos cinquenta e onde reside até morrer.

A Madeira não esperava que aquele que ficou conhecido como “estroina” criasse *Madeira, Mar de Nuvens*, o seu primeiro romance publicado em 1945. Nesta, como noutras das suas obras, o escritor, através dos personagens que materializa, surge como alguém de uma outra casta, diferente dos restantes madeirenses. Neste romance, o escritor começa por dizer que “a Madeira é uma ilha de sol para gente sombria” (Martins, 1945, p.90), sendo este curiosamente o título de uma das suas obras publicadas no *Jornal Comércio do Funchal* em noventa partes. O protagonista Fernando Porto Moniz diz: “sou independente e não me inspira o mais ínfimo interesse, a ridícula sociedade da minha terra e as suas hipócritas convenções lamechas” (Martins, 1945, p. 86). Noutras obras, volta a destacar esta ideia, nomeadamente em *As Figuras de proa do “Marco Wanda”*, quando, Marco Carlos, o protagonista, referindo-se a si próprio e a Wanda Olga, sua esposa, diz: “Era-lhes integralmente indiferente, todos e quaisquer comentários. Imensamente ricos e independentes, evoluíram numa atmosfera à-parte do charco onde se borrifava a ridícula, bonifrate, pretensa sociedade Funchalense” (Martins, 1975b, p. 128).

Os seus romances retratam uma sociedade que vive de aparências e criticam uma classe alta que detém o poder económico e por consequência controla toda a ilha. Os ricos vivem, luxuosamente, em grandes casas, frequentam os melhores hotéis da Madeira, viajam e enviam, com frequência, os filhos para estudar no estrangeiro. Embora o mundo das classes sociais mais abastadas seja em grande parte o foco da sua escrita, que critica com veemência, também retrata uma Madeira pobre e muito carenciada que vive com grandes necessidades. *A Grande Paixão do Padre Abel Caim*, obra que publica em 1968, disso dá conta, através do retrato que apresenta sobre clivagens sociais e a penúria em que vivem alguns habitantes.

O escritor, nas suas obras, também tece grandes elogios à beleza da Madeira e aos cenários deslumbrantes que a mesma proporciona a quem a visita. Por essa razão, há quem entenda que a sua escrita pode ser vista como um Guia de Viagens, de divulgação da Ilha da Madeira, que proporcionaria ao leitor turista o conhecimento da sua geografia e hábitos. Thierry Proença dos Santos, no prefácio de *Madeira Mar de Nuvens*, alude a esta ideia. Atente-se, como em *Madeira, Mar de Nuvens*, os pensamentos de Fernando

Porto Moniz, ao olhar Ramona, num dos seus passeios pelas serras da Madeira, refletem esta possibilidade:

Em que estaria pensando a linda Amazona? No estranho sortilégio daquele pôr de sol, que imprimia à natureza uma cor de sonho? Na majestosa paisagem, que se desdobrava aos seus olhos? Na vida atribulada dos pescadores que via, lá ao longe, sobre as ondas em frágeis embarcações? no silêncio religioso que a envolvia, só perturbada de vez em quando pelo retoiçar dos passarinhos?... (Martins, 1945, p. 62)

Note-se que em escritores anteriores a Carlos Martins já encontramos o elogio da beleza da ilha da Madeira, pelo que apenas parece dar continuidade a uma tendência já antes presente na literatura insular. De facto, em *A Mão de Sangue*, de João Augusto de Ornelas, romance publicado em 1874, a Madeira era retratada como uma ilha formosa. Atente-se à seguinte passagem: “Pouco depois, o lorde disse a Júlio que entre os seus convivas, esperava uma família portuguesa, filha do Éden do Atlântico – a formosa Madeira (Ornelas, 1874, p. 126).

Thierry Proença dos Santos, no artigo designado “Gerações, Antologias e outras Afinidades Literárias: A Construção de uma Identidade Cultural na Madeira”, indica que o escritor Carlos Martins, nos anos quarenta, faz parte de uma geração de ficcionistas de cunho regionalista que tem um importante papel na construção da memória da Ilha:

No que à narrativa de ficção diz respeito, podemos verificar que nos idos de quarenta, na senda de um Reis Gomes, surge uma geração de ficcionistas, a saber, Carlos Martins, Ricardo Nascimento Jardim, Horácio Bento e João França, que apostam na narrativa de ficção com forte cunho regionalista e que, quase nunca se encontrando, seguindo caminhos divergentes e cultivando cada qual um estilo que lhe é próprio, parecem comungar do mesmo propósito artístico e cultural: o de constituir uma história, uma memória, uma biblioteca, uma identidade cultural forte para as gerações futuras da Ilha. (Santos, 2009, p. 569)

Na revista *Veredas*, este investigador, em “Madeira: reflexões à margem do sistema cultural português”, referindo-se ao surgimento de uma literatura que se abre para um regionalismo crítico com base na “ilheidade”, diz que:

É, pois, com a geração de escritores como Carlos Martins (*Madeira, Mar de Nuvens*, 1945), Ricardo nascimento Jardim (*Saias de Balão*, 1946) Bento de Gouveia (*Ilhéus*, 1949), João França (*Ribeira Brava*, 1954) e António Aragão (*Um buraco na Boca*, 1971) que a série da moderna ficção madeirense se abre para um regionalismo crítico com base numa “ilheidade” ideológica preocupada com o conhecimento da alma e do viver madeirense. Esse regionalismo aposta numa estética de permanência desejoso de mostrar a “ilheidade” através da arte literária e apontado para a elevação moral e intelectual. (Santos, 2009, p. 32)

É, pois, possível defender que Carlos Martins faz parte de uma geração de escritores que alteraram o rumo da literatura madeirense, passando a focar-se em questões relativas à ilha e às suas experiências. A “ilheidade” alude às características próprias da ilha, conceito que, mais tarde, Paulo Miguel Rodrigues trabalhou. Ao referir-se à ilha da Madeira, o historiador, designou-a de “Madeirensidade”, sobre a qual, no artigo designado “Da Madeirensidade: Contributo Para Uma Reflexão Necessária”, afirma:

Se reconhecemos, por vezes até com alguma superficialidade, a existência de uma Caboverdianidade e de uma Açorianidade, se alguns nem duvidam, até por natureza (note-se!), mas sobretudo por razões históricas e político-administrativas, da nossa Portugalidade – e aqui temos uma ideia de que hoje é (re)emergente em diversos fóruns –, por que razão não havemos de estudar e investigar a respeito da Madeirensidade, enquanto conceito operatório que nos ajudará a reflectir sobre as múltiplas modalidades identitárias (sincrónicas e diacrónicas) identificáveis no Ser insular madeirense? (Rodrigues, 2021, pp. 19, 20)

A “Madeirensidade”, para Paulo Rodrigues, “é um conceito que emerge, antes de mais, de uma correlação de contributos de diversas áreas disciplinares que se ocuparam da realidade madeirense” (Rodrigues, 2021, p. 2), sendo assim resultado de várias matrizes. Não deixando de estar associado ao movimento da Madeira pela luta da autonomia político administrativa, também se relaciona com a literatura, que igualmente contribui para a construção do conceito.

A escrita de Carlos Martins, ao abordar questões como a condição de ilhéu, o conflito entre a Modernidade e a tradição e o cosmopolitismo *versus* provincianismo presentes na realidade da ilha retratam características da ilha que certamente ajudaram na construção do conceito de “Madeirensidade”.

Os excessos da vida de Carlos Martins foram além das suas leviandades com as mulheres. O consumo de álcool, que desde cedo fez parte da sua vida, bebendo, a avaliar

pelos seus romances, muito champagne, aguardente inglesa e whisky, atingiu níveis que o levaram a uma situação de alcoolismo. Não se ficou pelo álcool, tendo também passado a consumir drogas, nomeadamente morfina, tornando-se dela dependente. O álcool e as drogas potenciaram o seu por si já fosforado temperamento, levando-o a comportamentos excessivos que foram muitas vezes além do socialmente aceitável tendo levado mesmo a que fosse detido e preso. Eberhard Axel Wilhelm relata alguns desses comportamentos:

Este continuava aventureiro, tendo idílios com turistas anónimas e atrizes estrangeiras, p. ex. Ruth Sharitau. Entrava de cavalo no “Golden Gate, quando descobria um inimigo no interior, e como “Zaragateiro inveterado”, armava um “pé de vento infernal” sendo depois preso. Por não possuir carta de capitão, comandava clandestinamente barcos de pesca às ilhas Selvagens e foi dono de uma traineira de 90 toneladas, chamada “Pioneiro”. (Wilhelm, 1993, p. 149)

Além de ter sido detido e preso em várias ocasiões, foi por duas vezes internado na casa de Saúde S. João de Deus, o manicómio madeirense, conhecido por “Trapiche”. O segundo internamento teve a duração de dois anos e foi muito marcante na vida Carlos Martins cuja culpa atribui à família. Talvez por isso os seus livros parecem ser uma espécie de acerto de contas com a família e a sociedade em que viveu. Após a batalha judicial, que o liberta do internamento a que tinha sido sujeito por dois longos anos, refugia-se na Quinta Monteverde, no Monte, isolado do Funchal e das suas mundividências, numa vida recatada, sem álcool, dedicada inteiramente, à escrita e à música clássica. Parece ser possível depreender-se de muitos dos comportamentos de Carlos Martins uma reação a uma certa falta de amor paterno. Por isso, Eberhard Axel Wilhelm questiona quem terá querido o escritor atingir com os seus comportamentos excessivos:

Não terão sido, atrás dos burgueses funchalenses, e os próprios irmãos e descendentes, no mundo, os pais que lhe negaram uma essência vital que lhe fez imensa falta no tempo decisivo da infância e da adolescência – o amor paterno? Esta teoria é confirmada por uma informação do filho adoptivo do escritor: quando era novo, Carlos Martins escutou uma conversa dos pais que consideravam o seu nascimento, o do último filho, como um acidente. Sentia-se indesejado desde o princípio. (Wilhelm, 1993, p.158)

Os internamentos no “Trapiche” devem ter sido muito marcantes para Carlos Martins ao ponto de, na sala da Quinta Monteverde, onde viveu os últimos trinta anos da sua vida, ter afixado o seu diploma de louco, que transcrevemos conforme consta do estudo de Eberhard Axel Wilhelm:

Eu abaixo assinado, Dr. Aníbal Augusto de Faria, Médico Psiquiatra pela Faculdade de Medicina de Lisboa, e Diretor Clínico desta Casa de Saúde S. João de Deus, Trapiche (Santo António, Funchal), atesto para os devidos efeitos que Carlos de Freitas Martins, de 53 anos de idade, casado, escritor, filho de Joao de Freitas Martins e de Clementina de Freitas Martins, natural do Funchal, freguesia da Sé, esteve internado nesta casa de Saúde, desde 22 de Outubro de 1942 até 27 de Novembro de 1942. E uma segunda vez 28 de Janeiro de 1947 até 25 de janeiro de 1949 por sofrer de Psicopatia Constitucional e Alcoolismo Crónico. Por ser verdade e me ser pedido passo o presente que assino.
Saúde S. João de Deus, Trapiche, 9 de janeiro de 1963.

No estudo de Wilhelm, também consta a informação que, aos 54 anos, o escritor escreveu as instruções para o seu funeral, que emoldurou na parede da sua sala de escrever da Quinta Monteverde. Essas instruções, além de proibirem um funeral em moldes tradicionais, privilegiando a simplicidade e discrição do momento fúnebre, são uma espécie de imprecação dirigida à sua família, uma maldição, segundo ele diz, pelo facto de o terem enganado nas partilhas e terem sido responsáveis pelos seus internamento no manicómio:

Após a minha morte não quero estar exposto absolutamente, para ninguém. Atirem-me ao caixão sem retoques de qualquer espécie e com a única roupa com que eu falecer. O esquifê terá que ser construído em madeira da mais ordinária, portanto barata, em forma de caixote vulgar, sem fôrro, nem mesmo de saca do tecido mais safado. Um homem, um verme, um rato, uma baleia ou outro ser que tivesse animado pela essência vital, depois de morto em nada diferem uns aos outros: lixo, matéria em decomposição. Proíbo terminantemente que a minha morte seja anunciada ou noticiada e que, ao ir a enterrar, ao meu cadáver se juntem acompanhantes, quer pelo caminho, quer no cemitério (isto se eu morrer em terra,) condeno semelhante fantochada. Não quero outrosim *sic*) que ostentem luto por considerar tal sistema de vestuário incomodo, dispendioso entrudo. Caso não proporcione importunação em casa, que me enterrem à hora mais tardia que a lei permite num canto sul do cemitério do Monte. Morro – Ateu Convicto de maneira que, não quero igualmente a presença de padre, nem sacristão. O reino vegetal ao morrer, devolve à atmosfera, à natureza a substância vital com que ela o animou e que se lhe vai novamente englobar; assim sucede com todo o ser existente. O resto, na Terra são mistifórios inventados e

apregoados pelos místicos e pelos tiranos para se irem engando uns aos outros e os incultos. Meus irmãos, foram eles e os filhos da minha irmã mais velha, Olga, uns degenerados, manifestos gatunos que me exoliram do meu património. Amaldiçô-os (*sic*) em vida; e que, jamais até serem exterminados (*sic*) as suas gerações da Terra, tenham eles e os seus descendentes paz ou socêgo (*sic*) Que as suas existências seja atormentadas tanto por males físicos como psiquiátricos.

Quinta Monteverde, Monte, 27 de Novembro de 1963 (Wilhelm, 1993, p. 154)

As instruções de Carlos Martins não foram levadas em conta já que a família entendeu que, ao casar-se catolicamente antes de morrer, ter-se-á reconciliado com Deus. Por essa razão, teve um funeral que seguiu as regras da Igreja Católica e nem sequer foi enterrado no local que tinha escolhido.

Carlos Martins viveu uma vida intensa, rodeada de luxo e de glamour, vivendo inclusive parte dela no Hotel Savoy. Contudo, o seu final foi bem menos abonado já que, provavelmente devido à vida de excessos que levou, terá delapido o seu património e o valor mensal que recebia da empresa da família Freitas Martins não era suficiente para fazer face às necessidades da sua vida. O subsídio que o Governo Regional da Madeira lhe atribuiu, nos últimos anos da sua vida, não lhe permitiu recuperar a abundância em que nasceu e viveu grande parte da sua vida.

Morreu no Funchal em 1985, aos 76 anos.

1.2 A obra

Carlos Martins publicou, em livro, seis romances.

Madeira, Mar de Nuvens foi o primeiro romance a vir a lume, em 1945, e foi a única obra que teve uma segunda edição, em 1972. Seguiu-se *Se Eu Tivesse Casado Contigo*, não existindo informação sobre a data exata da publicação. Em 1968, edita *A Grande Paixão do Padre Abel Caim*, obra que, durante muito tempo, foi proibida pela censura. Em 1975, dá à estampa *A Mulher Que o Diabo Me Ofertou* e *As Figuras De Proa do “Marco Wanda”*. Em 1980, publica *O Grande Amor da Irmã Elsa*.

A ordem de escrita dos romances, já que nem todos foram publicados nem em livro nem em Jornal, é a seguinte: 1945, *Madeira, Mar de Nuvens*; 1955, *Corações em Ruína*; 1957, *Gente Sombria numa lha de Sol*, originalmente, *Homens Sombrios numa lha de Sol*, e *Se eu Tivesse Casado Contigo*; 1958, *O Filho Proscrito*; 1961, *Só Quem*

Conhece a Saudade; 1962, *As Figuras De Proa do “Marco Wanda”*; 1964, *Monteverde*, originalmente *Monteverde do Córrego dos Sussurros*; 1968, *A Grande Paixão do Padre Abel Caim*; 1977, *A Mulher Que o Diabo Me Ofertou*; 1969, *(Madeira) Sinfonia a Sandra*; 1980, *O Grande Amor da Irmã Elsa* e 1981 *O Pacto de Evaristo Com o Diabo*.

Eberhard Axel Wilhelm refere que de acordo com notícias publicadas nos Jornais *A Voz da Madeira* e o *Comércio do Funchal*, Carlos Martins estaria a escrever outros romances. Menciona ainda que haveria uma edição venezuelana de *Madeira Mar de Nuvens*, muito embora nada mais se saiba, até à data, deste assunto. Segue abaixo a notícia:

Em Janeiro de 1957, *A Voz da Madeira* noticiou que um livraria venezuelana estava a editar uma tradução espanhola de *Madeira Mar de Nuvens*, em 21-2-1958 o mesmo jornal esclareceu que Carlos Martins estava a redigir “*Carta a uma Finada*” e a “*Seita dos intermediários de Imigração*” e em 5-11-1961 *O Comércio do Funchal* anunciou que o autor se encontrava a escrever outro romance, “*A ilha Dourada*” referindo-se à Ilha do Porto Santo. (Wilhelm, 1993, p. 156)

Além dos romances, Carlos Martins também escreveu vários folhetins radiofónicos bem como alguns contos radiofónicos. Os Folhetins são uma adaptação de alguns dos seus romances, nomeadamente, entre outros, de *Madeira Mar de Nuvens*, *O Grande Amor da Irmã Elsa*, *A Grande Paixão do Padre Abel Caim*. Quanto aos contos Radiofónicos, destacam-se os seguintes: *A Minha Amiga Com Feições de Cavalinho de Xadrez*, *Uma Esposa Desportiva*, *Mónica*, *O Lunático*, e *O Filho Proscrito*, e *Estelas Cadentes*.

Os folhetins e contos radiofónicos em Portugal foram um formato popular de entretenimento, especialmente nas décadas de 1930 a 1970., conforme afirma o jornalista Juvenal Xavier. Esses programas eram uma espécie de novela ou série dramatizada, transmitidos pelo rádio, que contavam histórias de forma serializada, mantendo os ouvintes ansiosos pelo próximo episódio. Abordavam uma variedade de temas, desde romances e dramas familiares até mistérios e aventuras. As histórias eram frequentemente adaptadas de obras literárias ou criadas por autores originais. A narrativa era enriquecida por efeitos sonoros e atuações dramáticas, o que contribuía para a imersão do público.

Algumas rádios portuguesas e madeirenses destacaram-se na produção de folhetins, como a Rádio Renascença e a Emissora Nacional. Esses programas ajudaram a

moldar a cultura radiofónica em Portugal, criando uma ligação forte entre os ouvintes e as histórias contadas.

O jornalista Juvenal Xavier, num artigo intitulado “radiodifusão portuguesa/rdp – madeira”, publicado em *Aprender Madeira*, refere a forma com o aparecimento da televisão fez a rádio passar para um segundo plano:

Com o aparecimento da televisão, a rádio deixou de ser a protagonista dos serões que reuniam a família à sua volta, embora na Madeira, onde as novidades demoravam muito mais tempo a entrar na moda, a sua idade da fama tenha sido mais prolongada, atingindo e porventura ultrapassando os anos 80 do séc. XX ainda com considerável vigor e penetração no tecido social. (Xavier, 2020, n.p)

Carlos Martins também colaborou com vários jornais regionais, tais como: *Correio das ilhas*, *Agora*, *Gazeta do Sul*, *Comércio do Funchal*, *Voz da Madeira*, *Diário da Madeira*, *Eco do Funchal*, *Jornal da Madeira* e revista *Madeira ilustrada*.

1.3 As obras *corpus* da dissertação

A Grande Paixão do Padre Abel Caim e *O Grande Amor da Irmã Elsa* constituem o *corpus* desta dissertação. Pelas informações que retiramos do desenlace de ambas, parece poder-se afirmar que ambas decorrem entre os anos cinquenta e sessenta do século XX. Na cidade já não se andava a cavalo e circulavam automóveis. Não há também quaisquer referências à segunda guerra mundial ao contrário de *Madeira Mar de Nuvens*, cuja ação decorre parcialmente neste período, havendo a isso expressa menção.

Nas obras em análise, não existe qualquer alusão ao transporte aéreo, sendo que o aeroporto do Porto Santo foi inaugurado em 28 de agosto de 1960 e o da Madeira em 7 de julho de 1964. Muito embora amarassem aviões na baía do Funchal, desde 1921 o transporte regular mais utilizado para sair da ilha era ainda o navio, assim acontecendo nas obras que serão analisadas, já que nenhuma delas faz qualquer referência ao transporte por hidroavião e todas as viagens para fora da Madeira se realizam de barco.

Orlando Ribeiro, em 1949, refere-se à inexistência de qualquer aeroporto no arquipélago a meados do século XX, bem com a uma opção estratégica para a transporte aéreo na ilha que não se veio a concretizar:

A Madeira em meados do século XX, ainda não possuía um aeroporto, encarando-se a hipótese de um grande aeródromo no Porto Santo, transferindo-se os passageiros com destino à Madeira em aparelhos mais pequenos, que podiam aterrar numa pista a construir na freguesia de Santo António, nos arredores da cidade. (Ribeiro, 1985, p. 223)

O historiador Rui Carita, em *História da Madeira, Séc. XX*, caracteriza a Madeira dos anos cinquenta do século XX traçando um cenário de desenvolvimento da ilha rumo a uma economia que viria a ter o turismo como principal atividade:

O ano de 1950 marca, de facto uma nova etapa na Madeira.... A partir de então, a insistência nas ligações aéreas, na ampliação no molhe do porto e na hotelaria, assim como nos seus serviços, seria progressivamente a única e quase exclusiva diretiva das atividades produtivas insulares, dada a transformação do centro do Funchal, dentro de certos limites, num ponto de encontro de cosmopolitismo internacional, vindo do anterior, mas então progressivamente alargado e, inclusivamente, já indiciando outras centralidades que não somente a parte baixa da cidade. (Carita, 2020, p.184)

A Madeira encontrava-se assim numa fase de desenvolvimento, criando infraestruturas que permitiram ao turismo vir a destacar-se como o seu principal vetor da economia. A ilha vinha, contudo, de um século que se caracterizava por uma situação de “baixa produtividade da terra e do trabalho na agricultura madeirense” (Carita, 2020, p.184). Referindo-se ao século XIX, o historiador diz que:

Ajudou ainda a situação a inoperante atividade do Estado que ao longo de todo o século não conseguiu responder de forma minimamente eficaz aos problemas das águas de rega, à construção de uma pequena rede viária terrestre e à necessidade de infraestruturas portuárias. (Carita, 2020, p. 219)

Quanto ao espaço diegético, ambas as obras de Carlos Martins decorrem com particular incidência na ilha da Madeira. Contudo, enquanto *O Grande amor da Irmã Elsa* centra a sua ação privilegiadamente na cidade do Funchal, *A Grande Paixão do Padre Abel Caim* decorre sobretudo no espaço rural, concretamente na freguesia dos Prazeres, concelho da Calheta.

A Grande Paixão do Padre Abel Caim foi publicada em 1968 e nela Carlos Martins conta a história do grande amor do padre Abel Caim pela sua afilhada Humberta Cristiana, desde o tempo em que eram vizinhos e crianças à idade em que se tornam amantes em adultos, até que a morte os separou. O enredo desenvolve-se a partir da ideia do Padre José Marques Jardim relativa à edificação do monumento erigido a Nossa Senhora no Terreiro da Luta, recriando-a à sua maneira, dando-lhe uma estrutura que permita criticar fortemente a igreja, a sua demagogia e a forma como contribui para manter o povo na ignorância, perpetuando, assim, o atraso social e cultural da sociedade madeirense. O jovem Abel Caim aceita cumprir o desejo do pai em ter um filho padre, vontade que o seu irmão mais velho, Humberto Cristiano, não realizou. Desde a saída de Abel Caim da freguesia dos Prazeres para o seminário no Funchal até à sua ordenação, a obra narra o percurso do futuro padre, evidenciando, em particular, o conservadorismo da sociedade rural madeirense e o seu temor a Deus. Mostra o percurso de vida de Abel Caim e a forma como, já padre, aceita viver o seu amor com a amiga de infância, Humberta Cristiana, pois entende o amor como um ato natural, sem que isso pusesse em causa o sacerdócio. Desde a sua ascensão a padre à revelação como génio musical, o livro revela as viagens que fez para angariação de fundos com vista a erigir o monumento em honra de Nossa Senhora, até à sua queda. Esta surge quando padre e afilhada não conseguem esconder mais da sociedade a vida dupla que viviam e têm necessidade de se separar, primeiro arranjando um casamento de fachada e depois com o embarque da amante para a Venezuela, de modo a calar os comentários do povo. Afinal, era disso que se tratava, de salvaguardar aparências e não de viver verdadeiramente de acordo com o que se pensava. A obra narra a trama em que ambos estiveram envolvidos, acabando o padre por sucumbir à morte, com a partida de Humberta Cristiana para a Venezuela.

O grande amor da irmã Elsa, romance publicado em 1980, tem Elvío Montenegro como protagonista, figura que demonstra uma certa inclinação para a diversão, a frequentação do casino, e os proveitos de uma noite estrondosa com uma estrangeira. Leonor, sua irmã mais nova, que se encontrava num convento na Bélgica, contrai

tuberculose e os pais trazem-na de volta à Madeira com a esperança de poder recuperar da enfermidade, situação recorrente em muitos romances e contos. De facto, a ilha terapêutica era a última esperança. Não será por acaso que vários escritores tenham, também eles, procurado encontrar na ilha a solução para uma maleita com desfecho quase sempre trágico. Assim aconteceu com António Nobre, que após estadia na Madeira sucumbiu à doença aos 33 anos.

Élvio Montenobre é o galã da noite, percorrendo-a, desde o casino aos melhores hotéis do Funchal até ao Santo da Serra, onde vai sempre acompanhado de uma estrangeira ver o nascer do sol do dia seguinte.

A Irmã Elsa é a religiosa que é contratada para, em casa dos Montenobre, prestar assistência a Leonor durante a recuperação. Contudo, após o aparatoso acidente de viação, a que milagrosamente Élvio escapa, é ela quem também lhe vai dar toda a assistência necessária. Élvio, ateu convicto e descrente no amor e no casamento, descobre nela a mulher da sua vida, com quem vive feliz para sempre. É através da família Montenobre, em particular de Élvio, que aspirando a uma vida aberta, livre e sem dramas religiosos, que Carlos Martins mostra uma sociedade conservadora e patriarcal. Embora vivendo na cidade do Funchal, esta família nem por isso é menos religiosa do que a sociedade dos Prazeres, descrita em *A Grande Paixão do Padre Abel Caim*.

2. *A Grande paixão do Padre Abel Caim*: a influência da igreja e a cultura pecaminosa

2.1 Ruralidade, vivências e temor a Deus

A Grande paixão do Padre Abel Caim revela a influência da igreja na vida rural da ilha da Madeira de meados do século XX. O romance desenvolve-se, em grande parte, na freguesia dos Prazeres, concelho da Calheta, meio pequeno e fechado e, assim, mais influenciável pelo poder da igreja, e conseqüentemente, pelo temor a Deus que ganhava maiores proporções.

A obra evidencia uma sociedade rural afastada do centro urbano pela distância que a geografia da ilha determinava e pelas tradições ancestrais que a ruralidade ajudava a manter. Vivendo essencialmente da agricultura, as zonas mais recônditas da ilha da

Madeira acentuavam uma rudeza que pressupunha comportamentos e atitudes distintos dos da cidade. Associando-se aos valores tradicionais, a sociedade rural vivia permanentemente com temor a Deus e muitos dos comportamentos que hoje consideramos normais eram, então, considerados pecado e que, de acordo com a igreja católica, podiam levar o infrator dos códigos da boa conduta à condenação ao fogo do inferno.

De igual modo, quem vivesse de acordo com a lei de Deus, ou seja, de acordo com os mandamentos da igreja católica, praticando o bem, após a morte teria o paraíso como recompensa. Pode dizer-se que a visão de Dante Alighieri do inferno, vertida na *Divina Comédia*, poema épico e teológico da literatura italiana escrito no século XIV, com o seu terror pela punição e, ao mesmo tempo, com esperança na redenção, parece encontrar ainda ecos na sociedade madeirense retratada, em particular, nesta obra de Carlos Martins.

Italo Borzi, na introdução à *Divina Comédia*, revela já um pouco da visão do inferno, do purgatório e do céu, que surgem como consequência das escolhas que o indivíduo faz ao longo da vida:

A meio do caminho, ou seja, da duração expectável de sua vida, Dante, consciente de se haver desviado do reto procedimento, encontra-se perdido numa alegórica “Selva Escura”. Encontra aí a figura de Virgílio, o poeta latino que, a pedido da alma beata de Beatriz, o grande amor da juventude de Dante, vem se lhe oferecer como guia para o Inferno e o Purgatório onde, pelo exemplo dos pecadores e de suas penas, Dante poderá encontrar o caminho da sua salvação. (Alighieri, 2019, p. 19)

A visita ao inferno e ao purgatório assume um carácter pedagógico, pois pretende, através do confronto com o padecimento a que se sujeitam as almas condenadas ao inferno, recolocar Dante, aqui simbolizando o ser humano, no caminho reto, ou seja, no que é considerado o bom caminho. Enquanto as boas escolhas representam o caminho da salvação, o desvio do reto procedimento terá o inferno e o purgatório como desfecho. Ao longo da análise de *A Grande paixão do Padre Abel Caim*, constatamos que os campos semânticos de palavras como “reto procedimento”, “inferno”, “pecadores” e “caminho da salvação” fazem parte do romance, o que poderá confirmar a aproximação da visão dantesca pós-morte da visão apresentada por Carlos Martins na obra em análise.

Rene Rémond, na *Introdução à História do Nosso Tempo*, afirma que “o fenómeno religioso, seja o que for que se pense das suas origens e do seu conteúdo, é um aspeto

importante da vida das sociedades contemporâneas e que contribui para as especificar” (Rémond, 2003, p. 245). De acordo com Carlos Martins, a sociedade madeirense retratada nos seus romances sublinha o impacto da religião e a dicotomia bem/mal que insere o pecado nas inúmeras ações das personagens conforme a cultura criada e fomentada pela igreja católica. Apesar de a noção de cultura ser uma “selva conceptual, no dizer de Michel Wieviorka, sustentamos, como refere Isabel Ferin Cunha ou Maria Laura Bettencourt Pires, que a cultura refere construções práticas, usos e convenções. De facto, os comportamentos, as atitudes e as práticas religiosas regulam a sociedade e determinam o entendimento cultural dos indivíduos.

Como já tivemos oportunidade de referir, a igreja católica desempenhou em Portugal, historicamente, um papel importante na regulação da moral e dos comportamentos sociais, tendo exercido uma forte influência sobre a cultura e sobre os indivíduos. Funcionou como uma autoridade moral que definiu a ética e os valores da sociedade, embora essa influência tenha sido muitas vezes controversa, com muitas vozes críticas apontando para casos de abusos de poder e de imposições de moralidade que revelam contradições e hipocrisias.

Como afirma José Eduardo Franco, “a relação da Igreja Católica com a história de Portugal tem sido marcada pelo complexo paradoxal do amor/ódio” (Franco, 2011, p. 9). Na senda desta ideia, Carlos Martins situar-se-á do lado do ódio, não considerando apenas as obras de que aqui tratamos, mas toda a sua ficção romanesca. O escritor critica veementemente o papel da igreja na sociedade, que, segundo ele, sempre contribuiu para manter os homens na ignorância, para deles melhor se poder aproveitar. Entre outros predicados, chama a igreja de oportunista e hipócrita, sendo os crentes seres à sua semelhança. Uma crítica virulenta de que dá conta a sua produção literária.

Veja-se, na obra aqui em análise, *A Grande paixão do Padre Abel Caim*, a propósito da ordenação do Padre Abel Caim, o modo como o autor se refere aos católicos, chamando-os “hipotéticos católicos” e acusando-os de apenas se importarem com as aparências e nada com a fé e/ou com o sacramento que se celebrava, salientando a hipocrisia da seguinte forma:

Começaram a aparecer os primeiros automóveis, na generalidade conduzidos por hipotéticos católicos que se haviam juntado à comitiva do alto prelado, apenas como pretexto para darem nas vistas e usufruírem um dia bem passado no campo. Quase

se distinguiam pela expressão despreocupada, quase indiferente da sua fisionomia. (Martins, 1968, p. 26)

A ideia de amor/ódio pela religião também é mencionada pelo padre Manuel Antunes, em *Religião, Teologia e Espiritualidade*, quando afirma:

Frente à vida religiosa, desde que ela existe, os homens foram experimentando sempre atração e repulsa. Pode dominar um ou outro momento, pode prevalecer a atração ou pode prevalecer a repulsa— na Idade Média vence a atração e no Romantismo vence a repulsa – mas a realidade bipolar permanece. (Antunes, 2008, p. 20)

Quanto ao título *A Grande paixão do Padre Abel Caim*, pensamos que a sua escolha não terá sido fruto do acaso. Como refere Leo Hoek, em *Dispositifs sémiotiques d'une pratique textuelle*, o título de uma obra é relevante para a compreensão do texto. Num diálogo entre várias personagens do romance, o padre Agostinho, da freguesia dos Prazeres, diz ao padre Abel Caim, o protagonista, o seguinte:

Creio, colega, ser o colega, a primeira pessoa batizada com o nome de Abel Caim. Pelo menos, que seja do meu conhecimento. E, acho bem. O nome de Caim, ligado ao de Abel, quase se torna um símbolo de sublime perdão. Abel, ligado ao nome de seu irmão e seu assassino ao seu, não só o redime, como o purifica. Se fosse Caim a ligar o nome de Abel ao seu, aviltava-o, incriminava-o. E vejamos, como já não soa tão bem: Caim Abel...Não acham? As raparigas limitaram-se a sorrir: o padre Abel Caim exprimiu um sorriso de concordância. (Martins, 1968, p. 65)

Trata-se de uma alusão a Abel e Caim que encontramos em *A Bíblia*. O seu livro *Génesis* narra assim a história desta família:

Adão conheceu Eva, sua mulher. Ela concebeu e deu à luz Caim, e disse: Gerei um homem com o auxílio do SENHOR. Depois, deu também à luz Abel, irmão de Caim. Abel foi pastor, e Caim, lavrador. Ao fim de algum tempo, Caim apresentou ao SENHOR uma oferta de frutos da terra. Por seu lado, Abel ofereceu primogênitos do seu rebanho e as suas gorduras. O SENHOR olhou com agrado para Abel e para a sua oferta, mas não olhou com agrado para Caim nem para a sua oferta. Caim ficou muito irritado e andava

de rosto abatido. O SENHOR disse a Caim: Porque estás zangado e de rosto abatido? Se procederes bem, certamente voltarás a erguer o rosto. Se procederes mal o pecado deitar-se-á à tua porta e andará a espreitar-te. Cuidado, pois ele tem muita inclinação para ti, mas deves dominá-lo. Entretanto Caim disse a Abel: Vamos ao campo. Porém logo que chegaram ao campo, Caim lançou-se sobre o irmão e matou-o. O SENHOR disse a Caim: Onde está o teu irmão Abel? Caim respondeu: Não sei dele. Sou porventura guarda do meu irmão? O SENHOR replicou: Que fizeste? A voz do sangue do teu irmão clama da terra até mim. De futuro serás amaldiçoado pela terra, que por causa de ti, abriu a boca para beber o sangue do teu irmão. Quando a cultivardes não voltará a dar-te os seus frutos. Serás vagabundo e fugitivo sobre a terra. Caim disse ao SENHOR: A minha culpa é excessivamente grande para ser suportada. Expulsas-me hoje desta terra; obrigado a ocultar-me longe da tua face, terei de andar fugitivo e vagabundo pela terra e o primeiro a encontrar-me matar-me-á. O SENHOR respondeu: Não! Se alguém matar Caim morrerá sete vezes mais. E o SENHOR marcou-o com um sinal, a fim de nunca ser morto, por quem viesse a encontrar. Caim afastou-se da presença do SENHOR e foi residir na região de Nod, ao Oriente do Éden. (*A Bíblia, Génesis, IV*)

A história de Abel e Caim tem sido objeto de numerosas interpretações teológicas, literárias e filosóficas, refletindo questões sobre moralidade, desumanização e a complexidade das relações humanas

Abel e Caim são personagens bíblicas referidas no livro de *Génesis*, o primeiro livro de *A Bíblia*. São filhos de Adão e Eva e frequentemente usados como símbolos da discussão sobre o bem, o mal, o ciúme e a culpa. Abel era pastor de ovelhas, enquanto Caim era agricultor. Ambos ofereceram sacrifícios a Deus: Abel ofereceu a melhor das suas ovelhas, enquanto Caim trouxe alguns frutos da terra. A oferta de Abel foi aceite por Deus, mas a de Caim não, tendo essa atitude gerado ciúmes e raiva em Caim, que, num ataque de ira, acabou por matar o seu irmão.

Este ato de fratricídio é frequentemente interpretado como uma alegoria do conflito humano, da inveja e das consequências da violência. Após o crime, Deus confronta Caim e, como punição, determina que ele seja vagabundo e fugitivo na terra, e ao mesmo tempo marca-o para que não seja assassinado e para que o seu sofrimento se prolongue até ao fim da vida.

Ora, Carlos Martins, ao escolher juntar os nomes Abel e Caim, no título desta obra, parece pretender afirmar uma notícia de redenção e purificação, já que, segundo diz, a junção do nome Abel a Caim faz com que o bem se sobreponha ao mal. A mensagem transmitida parece ser de salvação a todos aqueles que são considerados pecadores pela igreja e pela sociedade, pois, embora o personagem padre Abel Caim possa ser, à luz dos princípios da igreja católica, um pecador, por quebrar os votos de castidade, segundo

afirma o autor, o pecado por ele cometido “fora e continuaria a ser amor... e ... por amor havia o filho de Deus, remido o mundo” (Martins, 1968, p. 11). Se o padre Abel Caim se une à afilhada Humberta Cristiana por amor, se o amor é a base da igreja, como pode o seu ato de amor ser pecado? Como pode desagradar a Deus?

A influência da igreja era inegável em toda a sociedade portuguesa de então. Verificamos que o que se passava na Madeira estava em linha com o que se passava no continente português. O filme *A traição do padre Martinho*, uma produção da RTP de 2022, baseado na peça de teatro homónima de Bernardo Santareno¹, disso poderá ser exemplo. Decorre nos anos sessenta do século XX, numa cidade do interior do País, a Covilhã, e retrata um Portugal rural, muito pobre, marcado por uma forte presença da igreja.

Escrita em 1957, *A promessa*, obra do mesmo escritor, que revelou na sua produção literária uma tendência para mergulhar nas tensões e anseios humanos, apresenta uma reflexão profunda sobre questões existenciais, sociais e políticas. O discurso criado por Santareno constitui uma paródia ao comportamento religioso do povo português, revelando, desta forma, não só as suas crenças religiosas, mas também uma conceção do sagrado criada pelo próprio povo, que seguramente se revela mais castradora e limitadora do que a doutrina da própria igreja. O enredo deste drama gira à volta de uma promessa que os personagens, José e Maria, então noivos, fazem a Deus numa noite de tempestade, ambos prometendo se manterem castos para sempre, abdicando da sua vida íntima, se o pai de José, pescador, regressasse vivo do mar. A partir daí, vivem cativos da sua promessa e das consequências na vida de ambos e da restante família, o que acaba por levar a um desfecho com consequências nefastas para todos os envolvidos.

Na mesma linha de pensamento parece situar-se Carlos Martins que, usando o recurso à intertextualidade e à paródia, conceitos explorados por Linda Hutchon, em *Uma Teoria da Paródia*, problematiza a questão das crenças religiosas e a forma como os fiéis as entendem e exploram no contexto da ilha da Madeira dos anos cinquena e sessenta do século XX, em particular em *A Grande paixão do Padre Abel Caim*.

¹ Bernardo Santareno é o pseudónimo literário de António Martinho do Rosário, nascido a 19 de novembro de 1920, em Santarém, no Ribatejo. Filho de Maria Ventura Lavareda, católica devota, e de Joaquim Martinho do Rosário, republicano, anticlerical e opositor do Estado Novo e falecido em Lisboa a 29 de Agosto de 1980, ficou conhecido pelas suas obras que abordam temas sociais e políticos, frequentemente refletindo a realidade de Portugal durante o período do Estado Novo, regime autoritário que perdurou de 1933 a 1974. Santareno é considerado o mais pujante dramaturgo português do século XX, particularmente, por explorar temas como a condição humana, o existencialismo e as relações sociais.

Sendo o peso da religião inegável em todo o país, na ilha, por se tratar de um ambiente mais fechado, era ainda maior. A insularidade que enclausura o indivíduo acentua esta disforia, revelando as vivências de um povo atrasado e subjugado pela fé. Atente-se no que refere o padre Eduardo C. N. Pereira, a este propósito, na obra *As Ilhas de Zargo*:

A Idade - Média, que informou a vida política, social e militar da Madeira, não podia deixar de exercer sua influência no caráter religioso da população. É o nosso povo naturalmente crente, duma fé sincera, mas religiosamente atrasado por defeito de educação e por outros fatores morais. A feição dada à doutrina do povo analfabeto, durante cinco séculos, por inadapável talvez devido à sua inteligência rude e aos transvios do progresso social, enfraqueceu-lhe um pouco a cultura da fé que perdura geralmente por força de índole natural, e se transmite de pais para filhos como um tesouro de hereditariedade. (Pereira, 1989, p. 473)

Descoberta em 1419,² a Madeira dialoga com uma cultura pretérita, alicerçada na força da religião, na instrução inexistente e em muitos atavismos. Estes atrasos e condicionantes parecem atravessar séculos. Vemos assim que o Padre Eduardo C. N. Pereira, membro da Igreja, não deixa de salientar a forte influência e presença da idade média na cultura e religião madeirenses do século XX. Visto sob este prisma, passados tantos séculos, as condições do insular mantêm-se presas a comportamentos e usos distópicos. Esta influência levou o próprio Padre Eduardo C. N. Pereira a classificar o povo madeirense de religiosamente atrasado. Salienta o seu analfabetismo, a inteligência pouco desenvolvida e a passagem desse atraso de pais para filhos, bem como uma acentuada estagnação social. Pensamos que ao aludir à rudeza da inteligência se refere aos seus modos toscos, rudes, pouco desenvolvidos, considerados pouco adequados e que fazem adivinhar uma ausência de instrução escolar.

Nesta linha de pensamento, Carlos Martins salienta em toda a sua produção literária a falta de desenvolvimento sócio cultural da Madeira. Em *A mulher que o Diabo me ofertou*, refere um “atraso de trezentos anos, bem como as reminiscências da remota elite colonial” (Martins, 1975a, p. 47). Embora nos pareça manifestamente exagerado,

² Nelson Veríssimo em “Descobrimento e povoamento do arquipélago da Madeira”, refere que “As crónicas e a documentação conhecida não nos permitem datar com exatidão a chegada dos portugueses às ilhas do Porto Santo e da Madeira. Contudo, nada impede uma tentativa de situar esse acontecimento, ainda que de forma aproximada, com base nas fontes disponíveis” (Veríssimo, 2018, p.1)

acreditamos que existiria um significativo atraso em relação ao resto do país não insular e à Europa. Embora muito centrado no lado social da questão, o escritor considera a Madeira do século XX atrasada em relação ao resto do mundo, sugerindo que a sociedade vivia ainda reminiscências da remota elite colonial, equiparando assim a Madeira a uma colónia, apesar desta nunca o ter sido, pelo menos do ponto de vista jurídico-institucional. Aliás, as ilhas que compõe o Arquipélago da Madeira, tal como as que fazem parte do arquipélago dos Açores, foram de 1822 a 1975 consideradas ilhas adjacentes ao território português e, a partir daí, regiões autónomas. Apesar disso, Júlio Dinis, em carta de 30 de setembro de 1870 remetida a José Pedro da Costa Basto, também se refere à Madeira como colónia:

Este ano a afluência de doentes à Madeira é considerável. Estão todas as casas alugadas e as hospedarias bem fornecidas. Esta circunstância, que é lisonjeira para os que vivem nesta desalentada colónia, para mim não é muito agradável porque aumenta o número de caras amarelas e das organizações deterioradas que encontro pelas ruas. (Nepumoceno, 2008, p. 28)

A importância dos sacramentos é um dos aspetos patentes em *A Grande Paixão do Padre Abel Caim*. Aproximando-se a idade de Humberta Cristiana fazer o crisma, e não sabendo os pais quem escolher para madrinha, decidem, por sugestão do pai de Abel Caim, escolher Nossa Senhora. A formalização da opção resolve-se por procuração, sendo Abel Caim a melhor opção para procurador, vindo a representar Nossa Senhora como madrinha do crisma.

A procuração é um documento legal que permite a uma pessoa conceder a outra a capacidade de agir em seu nome em determinadas situações e para determinados fins. Essa prática é comum em diversas circunstâncias e permite a realização de um determinado ato sem a presença de uma ou mais pessoas, que se fazem assim representar por um procurador. No contexto da obra em análise, a procuração é outorgada pela igreja, através do seu representante na ilha da Madeira, que é o bispo, cujo poder deriva, por sua vez, do arcebispo, do cardeal e do papa, sendo este o representante de Deus na terra, segundo as crenças católicas.

Uma das situações mais comuns de recurso à procuração, sobretudo nos séculos XIX e XX, é a dos casamentos, que possui um importante significado cultural e social em

Portugal, em geral, e na Madeira, em particular. Maria Lamas diz, referindo-se ao Paul do Mar, que “os solteiros casam por procuração com as noivas que deixaram na freguesia” (Lamas, 1953, p.124), situação que, embora mais frequente no Paul do Mar, não deveria ser exclusiva desta zona da ilha.

A literatura madeirense, ao abordar a temática da emigração, tem inevitavelmente esbarrado na questão dos casamentos por procuração. Narra situações, em que os homens, que normalmente precediam as mulheres na saída da ilha em busca de melhores condições de vida, deixavam para trás as noivas, recorrendo ao casamento por procuração, como forma de garantir um compromisso que tinha necessidade de ser selado.

A escritora madeirense Lilia Mata, em *Contos de Embarcar*, relata várias dessas situações. Vejamos uma delas:

Infelizmente ele não podia vir à Madeira nessa altura. Não havia remédio senão fazer o casamento por procuração. Maria do Rosário não seria a primeira nem a última a ir à Igreja de braço dado com o pai, fazendo de conta que era o noivo quem estava ali ao seu lado. (Mata, 2002, p. 28)

A autora também se refere aos problemas que por vezes advinham de casamentos em que os nubentes, sem se conhecerem, entravam na aventura de uma vida em comum. Atente-se que mesmo dentro da ilha, noutros tempos em que o Norte parecia ser uma outra ilha distante do Sul, também havia quem acedesse a este tipo de aventura.

Carlos Martins realça o valor que tinha para um católico ter Nossa Senhora como madrinha, sendo considerado uma honra inigualável. Veja-se a conversa entre Silvestre da Conceição, pai de Abel Caim, e Remígio, pai de Humberta Cristiana:

O senhor Bispo concorda e autorizou o Abel Caim ser procurador de Nossa Senhora, a fim de servir de madrinha da crisma à Humberta Cristiana! E dirigindo-se Remígio: - Devemos seguir já para sua casa, a dar lhes conhecimento da suprema, privilegiada, graça que lhe foi concedida. Nosso Senhor distingue sempre os que lhe são fiéis e queridos. (Martins, 1968, pp. 22, 23)

Uma vez decidida a questão da madrinha de Humberta Cristiana, havia que organizar a festa da comemoração do Crisma. A família Baptista pediu dinheiro

emprestado para a festa, e, nas compras, quase nem regatearam os preços pois isso poderia até ser encarado como pecado. Este episódio permite demonstrar a importância e o valor da Igreja na sociedade rural de então, ao ponto de as famílias pobres se endividarem, ficando ainda mais pobres, para celebrar a recepção dos sacramentos. Veja-se o que se lê na obra em estudo:

A família Baptista pediu dinheiro emprestado, indo Remígio indagar-se no principal estabelecimento da freguesia acerca dos fornecimentos que havia de levar para casa. Quase nem regateou: e as encomendas foram feitas. Não seria mesmo considerado pecado, sendo tudo o que ia adquirir destinado a celebrar a graça concedida por Nossa Senhora em ser madrinha de sua filha? E depois ainda, ser ele o único, na freguesia dos Prazeres, que podia apresentar-se como legítimo e privilegiado compadre da Esposa de Deus! Não só na Madeira, como no mundo inteiro, poucos, muito poucos, podiam anunciar-se como tal. (Martins, 1968, p. 23)

O romance de Carlos Martins vai evidenciar o momento. No dia do crisma, estava uma esplendorosa manhã de sol e as pessoas vestiram as suas melhores roupas para a celebração, sublinhando, desse modo, o lugar que a igreja detinha. Carlos Martins aproveita para criticar a igreja, ao falar-nos de uma cultura de aparências, ao mesmo tempo que descreve uma certa histeria coletiva dos paroquianos em querer aproximar-se do automóvel onde viajava o Bispo. Segue-se a descrição dessa situação:

Os foguetes redobram de estrondo e mulheres homens e crianças atiravam à pressa, antes de se ajoelharem, punhados e pétalas de flores. O bispo de mão erguida abençoava-os, e a multidão, empurrando-se e acotovelando-se, fazia por correr atrás do automóvel, separando o séquito, sem pensarem ou mesmo se preocuparem de serem atropelados. (Martins, 1968, p. 23)

Destaca-se a honra que significava receber o bispo em casa, o que acaba por acontecer na moradia de Silvestre da Conceição, dado que é lá que se realiza a festa do Crisma, pelo facto de a sua residência ter melhores condições do que a dos pais de Humberta Cristiana. Ponto alto da visita é o ritual de beijar o anel do bispo. Todos os convidados, que estão na casa de Silvestre da Conceição, o fazem. Nota-se a atitude de servilismo em torno do bispo e da Igreja, uma cultura de subjugação à igreja, baseada na crença de que os padres são mensageiros de Deus e representam na terra o poder divino.

São vários os rituais que evidenciam o papel soberano e altivo da igreja bem como a submissão dos crentes que sempre reservam e oferecem o que de melhor que têm a Deus e aos seus representantes.

Além do ritual de beijar o anel do bispo, atente-se que lhe é servido o melhor bolo:

O Bispo ao aproximar-se de Silvestre, abrandou o passo e parou para dar-lhe o anel a beijar. Silvestre beijou-o ferverosamente e ainda de joelhos, com as pontas dos dedos do alto prelado seguros nos seus, balbuciou em voz tremula: - O senhor bispo faça o favor de entrar. (Martins, 1968, p. 37)

Mais adiante, o texto de Carlos Martins volta a reiterar este entendimento:

- Silvestre olhou o Bispo e depois a mulher: - O Senhor Bispo talvez fosse servido de uma fatia de bolo e de um copinho de vinho tratado... - fico-lhes muito agradecido, obrigado. - Agradeceu o Bispo. - De vinho não me sirvo, mas servirme-ei de uma fatia de bolo. Aprecio imenso os doces caseiros. Silvestre considerou não ser indicado insistir: - dirigiu-se à mulher. - Vai num instante à cozinha e traz aquele bolo que levou muitos ovos, bastante manteiga e que ainda está inteiro. (...) Gracinda talhou grossas fatias de bolo. Depois um tanto indecisa como as havia de servir ao Bispo, ajoelhou-se e entendeu-lhe o prato. (Martins, 1968, pp. 42, 43)

A fartura da festa contrasta com a crua realidade do quotidiano dos restantes dias. Nos dias de festa, comem, bebem e divertem-se, e nos restantes dias, por vezes, passam fome. O importante é honrar a Deus neste dia e sublinhar o modo como a imanência e a transcendência tecem esses laços de aparente comunhão.

Se a fartura da festa do crisma de Humberta Cristiana parece ser excessiva face às condições de vida das populações rurais da Madeira, mais luxuriante é a abundância da festa de ordenação de Abel Caim. Veja-se como a abundância e os o excesso da festa se inscrevem se no texto de Carlos Martins:

Para a festa, mataram-se galinhas, perus, pombos bravos, vitelos e até uma vaca. Também se confeccionaram muitos bolos e variedades de doces... A família do padre, da afilhada e da vizinha e muitas outras da freguesia estiveram envolvidas na organização da festa/banquete. (Martins, 1968, p. 43)

2.2 O sacerdócio como resposta para a pobreza rural

A narrativa *A Grande paixão do Padre Abel Caim* começa com a primeira missa do Padre Abel Caim após a sua ordenação.

Silvestre da Conceição, vilão da freguesia dos Prazeres, no concelho da Calheta, é o pai de Abel Caim, que, já antes de casar, tinha o sonho de ter um filho padre. Este anseio era comum em particular nas zonas rurais da ilha, a que era habitual chamar-se campo. Trata-se de uma designação que surgia associada à ruralidade sendo usada para referir-se a tudo o que não era cidade, em particular às zonas mais recônditas e menos desenvolvidas da Madeira.

O desejo de ter um filho padre era usual sobretudo nas famílias mais pobres, pois a sua concretização era uma forma de garantir uma vida melhor para o filho bem como para a família que, direta ou indiretamente, acabava por beneficiar do estatuto do filho eclesiástico. Assim, garantia-se desde logo ao futuro sacerdote o acesso à continuação do ensino escolar no Funchal, já que as freguesias e concelhos rurais da ilha da Madeira se limitavam ao ensino primário. As famílias com menos posses não tinham capacidade financeira para, a suas expensas, enviar os filhos para o Funchal estudar com todos os encargos que daí advinham. Pertencer ao clero era garantia de casa, comida, e um bom rendimento e educação. Alberto Vieira, no seu artigo “O ensino publico e particular na Madeira. A Propósito do Colégio Lisbonense”, relata que, até 1964, “o ensino secundário só existia no Funchal, contando-se a partir desta data com os primeiros colégios rurais em S. Vicente e Machico” (Vieira, p. 9, s/d).

Na conversa que Abel Caim tem com Humberta Cristina, que é sua amiga, vizinha e, posteriormente, sua amante, ficam claras as razões que levaram o pai a querer que ele fosse padre bem como as razões que o levaram a aceitar esse caminho. Constata-se que seguir o sacerdócio parecia ser a melhor opção de vida pois, sendo pobre, não se vislumbravam melhores alternativas:

Na vida, todos têm que exercer um mister, uma profissão. À maioria não lhe é facultada, certamente o da sua vocação. Meu pai, enfim, é pobre. Que outro curso, me poderia ele dar? E depois todos parecem empenhados em que seu seja padre. Estou disposto a fazer-lhes a vontade. Concordo que será, talvez, dignificante para a freguesia; mas quanto ao meu pai e restante família, motivo para se sentirem orgulhosos. Se eu desistir do Seminário, nenhuma outra alternativa me restará, senão

regressar aqui para a freguesia, me dedicar à lavoura e ser carregador. Teria também sempre de contar com a má vontade do meu país, por lhes ter causado mais essa desilusão. (Martins, 1968, p. 45)

O sonho do pai de Abel Caim já era mais antigo. A vontade de ter um filho padre provinha dos seus tempos de solteiro. Tinha alimentado o sonho já com o seu filho mais velho: Humberto Cristiano. Contudo, este sonho não se realizou, pois, quando faltavam dois anos para concluir o seminário, o jovem raptou a filha do mais abastado proprietário da freguesia, levando-a para um Hotel de uma das freguesias do Norte da Ilha. O rapto da noiva do irmão de Abel Caim foi um grande escândalo. A família dela não aceitou o casamento e foi buscá-la à força. Foram então movidas grandes influências para que Silvestre da Conceição mandasse o filho para o estrangeiro, tendo depressa sido embarcado para a Venezuela. Thierry Proença dos Santos, no artigo “Figurações da emigração madeirense na narrativa de Horácio Bento de Gouveia”, refere este tipo de situação, em que: “um ou outro rapaz, a quem convinha cortar definitivamente com o passado, embarcava para as ilhas Sanduiches ou até clandestinamente para as Américas, não dando mais sinal de si” (Santos, 2012, p. 8). Efetivamente foi o aconteceu, com Humberto Cristiano de quem se perdeu definitivamente o rasto. Note-se que uma das rotas dos fenómenos migratórios é o continente americano, e, nesse exílio forçado, a escolha de Carlos Martins recai num país onde a diáspora madeirense tem uma expressão relevante.

Passado algum tempo, a jovem casou-se com um advogado, filho de famílias humildes. Vivia-se numa sociedade fortemente hierarquizada em que o normal, dentro das rígidas normas sociais, era o casamento acontecer entre pessoas do mesmo nível social. O casamento da filha do mais abastado proprietário da freguesia com um advogado humilde só terá sido aceite devido à situação especial de se querer remediar o acontecimento e que o episódio do rapto caísse rapidamente no esquecimento.

Em Portugal, são vários os romances que acentuam a falta de vocação para o sacerdócio. No século XIX, acontece em *Eurico o Presbítero* de Alexandre Herculano³, o que levou o autor a entrar numa contenda com o clero. O romance histórico escrito por

³ Alexandre Herculano (1810-1877) foi um escritor, historiador e político português, reconhecido como uma das principais figuras do movimento romântico português. É mais conhecido pelos seus romances históricos e pelas suas contribuições para o estudo da história portuguesa, que abordou com uma mentalidade crítica e analítica. As obras de Herculano refletem frequentemente o seu profundo interesse pelo período medieval e pelo património cultural de Portugal.

Herculano, publicado pela primeira vez em 1846, é um marco na literatura portuguesa e reflete a preocupação do escritor para com a identidade nacional e a história de Portugal. A narrativa decorre durante a época do domínio visigodo na Península Ibérica, no século VI, e é contada sob a forma de um relato, feito por Eurico, um jovem presbítero que vive num tempo de conflitos e transições. O protagonista simboliza a luta pela fé e pelo amor, num mundo assolado por guerras e intrigas políticas. Eurico está dividido entre os seus sentimentos pela jovem Hermengarda e as obrigações religiosas. Através da jornada de Eurico, o romance explora temas como a busca pela verdade, o dilema entre a defesa da fé e o amor, e as consequências das escolhas pessoais.

Voltemos ao texto de Carlos Martins. Sinal inequívoco do caráter religioso da comunidade dos Prazeres, e pensamos poder dizer-se das comunidades rurais da Madeira, em geral, é o forte envolvimento que a sociedade manifesta face às opções de um seu paroquiano decidir ser padre. Salienta-se, assim, o impacto que uma mera decisão pessoal podia ter a nível social.

Efetivamente, a decisão de Abel Caim enveredar pelo sacerdócio teve impacto em toda a freguesia, que já se considerava afetada pela anterior decisão do irmão, sentindo-se envergonhada com o seu comportamento, esperando então redimir-se e regozijar-se com a decisão de Abel Caim. Destaque-se, ainda, a ideia católica de pecado mortal que pela sua gravidade e em caso de não haver arrependimento ter o inferno como castigo eterno. Estas conclusões resultam do que nos diz o escritor na obra em análise, sobre a decisão de Abel Caim abraçar o sacerdócio:

A notícia correu veloz por toda a freguesia e todos os bons paroquianos unanimemente pediram ao Altíssimo e ao Orago daquele belo recanto da ilha, para que se aquele filho de Silvestre da Conceição não viesse a ofuscar o grande pecado mortal cometido por seu irmão Humberto Cristiano, ao menos não fosse a lançar mais vergonha e a eventual ira do senhor sobre a freguesia. (Martins, 1968, pp. 2, 3)

Humberta Cristiana, então com onze anos, lamentou a decisão do futuro padre, pois anteviu já a perda do seu melhor amigo. “Logo realizou a perda vitalícia do seu amigo e pequeno companheiro”. (Martins, 1968, p. 3). A mãe interveio para apaziguar a sua tristeza, dizendo-lhe:

Ora o teu juízo, rapariga! retorquiu-lhe a mãe, um tanto humorística, bondosamente - Então o ser padre, demanda que se dedique menos amizade ao próximo?! Antes pelo contrário: a lei de Deus Nosso Senhor, manda-nos gostar do vizinho tanto ou mais do que de nós próprios! (Martins, 1968, p. 4)

Humberta Cristiana, filha da família que morava na casa ao lado da de Abel Caim, curiosamente com o mesmo nome do irmão de Abel Caim, “o que se devia ao facto de os seus pais acharem o nome bonito e pouco vulgar” (Martins, 1968, p. 3), tinha, contudo, uma condição mais humilde que aquela, sem que isso afetasse a boa relação que as famílias mantinham entre si. Esta chamada de atenção de Carlos Martins ao facto de a condição social não afetar a boa relação que as famílias mantinham entre si é reveladora do valor que se atribuía à condição social. Privilegiava-se uma visão baseada na classe social, na origem familiar, na profissão e até no estilo de vida, em detrimento da meritocracia e esforço pessoal.

A mãe de Humberta Cristiana não tinha noção das proporções que a proximidade da jovem e de Abel Caim iriam atingir. Via a relação de ambos “como uma amizade Santa, da Igreja” (Martins, 1968, p. 4). A futura amante do padre sabiamente respondeu à mãe que embora assim fosse não seria a mesma coisa. Note-se que as amizades desenvolvidas no âmbito da igreja eram consideradas santas, puras, inofensivas e abençoadas por Deus, sendo este mais um sinal da forma como a igreja se encontrava enraizada e subjugava, com os seus preconceitos, a sociedade de então. Era imperativo não esquecer a lei de Deus, ou seja, os mandamentos da Santa Madre Igreja, que ditavam a forma como cada um se devia comportar.

Outra forte evidência da influência da igreja é o facto de se aceitar do futuro padre ares de superioridade, já que, uma vez ordenado, toda a freguesia lhe devia beijar a mão em sinal de respeito e reconhecimento da sua posição. “Era, portanto, compreensível que ele lhes fosse já fazendo sentir a distinção com que havia de ser recebido e tratado” (Martins, 1968, p. 4).

Nesta obra, verifica-se que o poder familiar está concentrado na figura masculina: homem, marido e pai, sendo ele o chefe da casa ou da família, revelando-se assim a estrutura patriarcal da sociedade. O poder do pai manifesta-se de diversas formas, nomeadamente, na decisão sobre o casamento dos filhos bem como sobre as opções antes de casarem. A subjugação da mulher ao poder masculino, que se infere da leitura da obra de Carlos Martins, encontra-se nos romances oitocentistas, quer nos romances de Eça de

Queiroz, quer nos contos de Fialho de Almeida, entre outros. Na Madeira nos séculos XIX e XX, esta tendência é visível, por exemplo, em *Mão de Sangue*, de João Augusto Ornelas, conforme plasmado no diálogo entre filha e pai, vincando o poder do pai relativamente ao casamento da filha: “Que queres desgraçada? – perguntou o pai com voz que denunciava bondade do coração, a pureza daquela alma de oiro – Que me ligue a Henrique, que o chame seu filho” (Ornelas, 1874, p. 40). Por sua vez, em *Luisa Marta, Ficção e Memória*, de Horácio Bento de Gouveia, é visível a hegemonia do marido em relação à mulher, a quem é lícito exigir determinadas condutas: “Depois anda és minha mulher. Eu exijo que voltes comigo” (Gouveia, 1982, p. 271).

No romance que constitui objeto de atenção neste estudo, o poder patriarcal destaca-se pela aceitação submissa de Abel Caim em ser padre por decisão do pai.

Não menos evidente do que o poder patriarcal é o poder/pressão da sociedade para com o indivíduo. A este propósito, atente-se no que diz Abel Caim nas suas reflexões individuais sobre o sacerdócio:

Mas se era aquela a vontade de seus pais e aguardado por quase toda a freguesia, ele vir a ser padre, o que havia de fazer? Não concebia a ideia que tivesse ou lhe fosse dado qualquer direito a se opor à vontade da família, e até certo ponto, contrariar a expectativa e confiança que haviam depositado nele quase toda a população dos Prazeres. (Martins, 1968, p. 19)

Sobressai aqui o enraizamento do poder da sociedade sobre o indivíduo. Abel Caim deixa-se comandar por esse poder, anulando qualquer opção pessoal. Verifica-se que a pressão do coletivo aniquila por completo o íntimo e pessoal.

Já no Funchal, Abel Caim começara a frequentar o seminário, com grande êxito, passando a ser o melhor da sua classe. Carlos Martins refere que, tanto o jovem seminarista como os colegas seminaristas eram alvo de gozo, conforme descreve:

O que não era muito de agrado de Abel Caim, era quando nos seus passeios com os colegas, debaixo de formatura, envergando as vestimentas de seminaristas, ao passarem por algumas ruas do Funchal, alguns transeuntes proferirem dichotes, tais como: Hum...lá vem os sacos de carvão!... Que azar!...Já sei que hoje vou ter o dia estragado! ... O Marquês de Pombal não voltar cá outra vez! ... Aquilo era metê-los no porão de uma fragata e afundá-los todos lá fora no alto mar!... Etc. Etc. (Martins, 1968, p. 8)

A partir deste excerto, é possível compreender como Carlos Martins evidencia o escárnio a que os seminaristas por vezes estavam sujeitos e de algum modo também a sua posição face à igreja: era completamente ateu e criticava severamente a instituição católica e a sua intervenção na sociedade. Atente-se à menção que o escritor faz à expulsão dos Jesuítas em Portugal pelo Marquês de Pombal, pretendendo, desta forma, vincar a sua simpatia pela eliminação da Igreja católica em Portugal.

Nas férias e interrupções escolares, ao contrário do irmão Humberto Cristiano, Abel Caim voltava à freguesia dos Prazeres sempre com grande alegria. O pai ia ao Funchal buscá-lo e inteirava-se com o reitor do andamento dos seus estudos. Recebia sempre grandes elogios. De seguida, iam de autocarro para os Prazeres, onde era cumprimentado por todos os residentes da freguesia que lá se encontravam e “olhavam-no como pessoa já seu superior” (Martins, 1968, p 9).

Apesar da superioridade que a sociedade já lhe conferia, depois de ter frequentado o seminário, Abel Caim tentava manter os seus anteriores hábitos de vida: levantava-se e ia para casa dos vizinhos. Contudo, perante a sua vontade de ir com eles para a serra, diziam-lhe: “Este género de passeio, não é para um estudante ainda mais para um futuro padre” (Martins, 1968, p. 13). Denota-se aqui um preconceito discriminatório pela positiva a favor dos estudantes e dos padres: o facto de ser estudante já lhe conferia um estatuto especial que o protegia de realizar certas tarefas - as que exigiam mais esforço físico. Por ser padre ainda mais era protegido, pois como mensageiro de Deus não deveria sujeitar-se a tarefas meramente físicas e como tal indignas do seu estatuto superior.

Após o banquete da ordenação de Abel Caim, as famílias dele e de Humberta Cristiana decidem distribuir as sobras do banquete pelos pobres da freguesia e, para isso, articulam-se com a igreja. Gracinda, mãe do agora padre Abel Caim, não permite que os padres carreguem os cestos com os mantimentos para dividir pelos pobres da freguesia. A superioridade conferida aos padres é atestada pela transcrição que segue abaixo:

E a nós não nos é dado levar nada aos pobres? – interrompeu-o o vigário – Eu, pelo menos, já que não posso concorrer em géneros, deixem-me franquear-lhes os meus músculos, para lhes levar comer. – Os senhores padres – interveio Gracinda – dão-nos melhor alimento do que a terra, proporcionam-nos com o trabalho do seu cérebro e a inspiração que lhes envia o senhor, o salvamento das nossas almas; ou seja, o caminho do Céu. São eles, quem nos fornecem o alimento espiritual. (Martins, 1968, pp. 66, 67)

Saliente-se que a maioria da população do meio rural era analfabeta e, como tal, dependia dos mais letrados para tudo o que dissesse respeito a ler ou escrever, especialmente para lhes lerem as cartas remetidas pelos familiares emigrados no estrangeiro, bem como para redigir a respetiva resposta. Os analfabetos dependiam dos letrados para todas as tarefas que não fossem manuais. Este cenário ajuda-nos a compreender a atribuição deste estatuto superior ao estudante e aos padres.

Veja-se a este propósito o que diz o *Elucidário Madeirense*, que situa a taxa de analfabetismo na Madeira, no século XX, num valor médio de 85%.

Da publicação do Ministério das Finanças intitulada *Analfabetismo em Portugal* (folha para vulgarização - nº 5) vê-se que a percentagem do analfabetismo global de ambos os sexos no distrito do Funchal era de 88,4 por cento em 1864, de 90,1 em 1878, de 84,5 em 1890, de 90,0 em 1900 e de 82,7 em 1911.” Acrescenta ainda que embora não sabendo com rigor qual a sua percentagem atual- reportando-se á data da sua publicação (1946) é de crer que embora o analfabetismo tenha decrescido. (...) Os indivíduos das classes mais pobres nem sempre cuidem em obrigar os seus filhos á frequência das escolas”. (Pereira, 1989, p. 406)

Também Luciana Paredes e Justino Magalhães no artigo publicado no *E- letras com vida*, intitulado: “História do ensino primário na Madeira: uma escolarização lenta e desigual”, concluem que:

O ambiente geográfico, as condições socioeconómicas e a estrutura administrativa da Ilha são elementos imprescindíveis para a compreensão da evolução do processo de escolarização da população. (...) As dificuldades de circulação dentro da própria Ilha foram as condicionantes que tiveram mais impacto no desenvolvimento da mesma. A orografia acidentada e as dificuldades de navegação tornavam distante o espaço mais imediato, o que prejudicava o progresso em todas as áreas, nomeadamente, no ensino. (Paredes e Magalhães, 2023, p.173)

Parece poder concluir-se que não só a Madeira teve um atraso na alfabetização em relação ao continente português como esse atraso se verificou dentro da própria ilha, especialmente, em zonas rurais relativamente às zonas urbanas, entenda-se o Funchal, sendo esse atraso tanto maior quanto a distância do campo para a cidade, ou seja das zonas rurais para a zona urbana. Na verdade, esta situação era sensivelmente análoga à das

regiões rurais do continente, que padeciam dos mesmos flagelos. Fernando Catroga⁴ tem-se dedicado ao estudo de temáticas como a cidade e o campo. Conclui que, no século XX até à Revolução dos Cravos, Portugal era ainda um país rural, o campo triunfava sobre a cidade e a maioria da população portuguesa era ainda analfabeta.

De igual modo, as diferenças também eram patentes entre as várias classes sociais, sendo mais analfabetos as classes menos abastadas, enquanto os mais ricos podiam frequentar a escola primária e a secundária e alguns até ir para a Universidade - o que implicava necessariamente sair da Madeira⁵. Mesmo assim, dentro da ilha, apenas os mais abastados podiam optar por prosseguir os seus estudos superiores pois isso implicava, na maioria das vezes, não iniciar a sua atividade profissional e continuar dependente de famílias que não tinham condições para isso.

A propósito das carências que grassavam sobretudo na vida das classes mais pobres da ilha da Madeira veja-se, em *Eternidade*, como Ferreira de Castro descreve o trabalho das bordadeiras, nos anos trinta do século XX, numa casa de bordados. Destaca as privações que estas mulheres ressumbravam e salienta a falta de condições de vida. Castro, na mesma obra, refere que as bordadeiras à data são “umas sessenta mil” o que “é que metade da população da ilha”, (Castro, 1933, p. 36). Embora o escritor se reportasse aos anos trinta do século XX, cremos que nos anos cinquenta e sessenta a situação não seria muito diferente, o que em nada se mostrava favorável ao acesso da população da ilha ao ensino. Veja-se como descreve a situação das bordadeiras e o ambiente em que trabalhavam:

Algumas tinham jeito de harpias e todas pingavam miséria das suas pobres roupas encardidas e do seu cabelo desgrenhado. Enquanto estas, curvadas sobre os tanques asseavam os bordados, aquelas iam passando a ferro, em longas mesas, os que já haviam secado. Cheirava a suor, a brasido, a água suja – e a temperatura era quente e pesada. (Castro, 1933, p. 48)

⁴ Fernando Catroga, nascido em 30 de julho de 1945, em Abrantes, é um historiador português que se dedica sobretudo ao estudo da História das Ideias e da História da Cultura.

⁵ Só em 1988, foi criada a Universidade da Madeira. É certo, contudo que, até 1982, funcionaram, na ilha, alguns estabelecimentos de ensino universitário, tais como o Instituto Universitário da Madeira, o Instituto Superior de Artes Plásticas da Madeira e o Conservatório de Música da Madeira e ainda algumas extensões da Universidade de Lisboa, da Universidade Católica e da Universidade do Minho, o que permitiu aos madeirenses o acesso a alguns cursos superiores sem sair da Região.

Em *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*, o mesmo escritor, referindo-se ainda à Madeira, realça a pobreza do povo madeirense e os seus efeitos na sua alfabetização, quando diz: “chega-se ao ponto da maioria das crianças não ir à escola porque os pais não podiam comprar os livros de ensino.” (Castro, 1937, p.186)

Para melhor enquadrar esta questão da baixa escolarização da população madeirense, refira-se que, no período do Estado Novo, o ensino obrigatório ficava-se pela 3ª classe, atual 3º ano. A 4ª classe, atual quarto ano, passou a ser obrigatória para os rapazes apenas em 1956 e para as raparigas em 1960, um facto que permite justificar o nível de instrução dos portugueses em geral e dos mais pobres em particular.

2.3 Do pecado da carne ao amor natural

Durante a festa de ordenação de Abel Caim, Humberta Cristiana pergunta ao recém ordenado padre se ele considera ter vocação para o sacerdócio, ao que ele responde não saber, mas que tem de ser esse o seu caminho, pois é a vontade dos pais e de quase toda a gente. Vinca-se aqui, mais uma vez, o carácter patriarcal da sociedade bem como o forte peso da sociedade e da religião na vida particular das pessoas.

A afilhada também pergunta ao futuro padre se tem coragem para renunciar a tudo na terra ao que, novamente, ele responde não saber. Tudo isto parece revelar a forma submissa como se aceitava a vontade dos pais, bem como o que era considerado ser um desígnio de Deus. Neste sentido, a pergunta da afilhada ao padre parece ser resultado de um processo reflexivo para vincar a subjugação do indivíduo. Pode, contudo, considerar-se que possa ser uma forma de Humberta Cristina testar o seu impacto na vida de Abel Caim, tentando perceber e antecipar qual o será o seu papel na vida do amigo, após o sacerdócio.

Com o início da nova vida de Abel Caim, Humberta Cristiana dá-se conta de que essa fase representava o fim da sua felicidade e decide abdicar do seu genuíno amor e dedicá-lo a Nossa Senhora. Opta, pois, por sublimar os seus sentimentos a favor da mãe de Jesus Cristo, ainda que o texto de Carlos Martins mostre em vários momentos que a relação entre homem e mulher deveria ser o caminho escolhido.

Ao afirmar que é vontade de Deus que homem e mulher se amem, Carlos Martins recupera a tese levantada, por exemplo, por Alexandre Herculano, quando, no século

XIX, fala da ligação natural homem mulher, nomeadamente na nota que precede *Eurico o Presbítero e o Monge de Cister*. Em *Eurico o Presbítero*, Herculano destaca a luta interna de Eurico, entre os seus sentimentos e as suas obrigações religiosas. Essa dualidade entre amor e dever é um dos principais conflitos da narrativa, mostrando como o amor natural é um impulso humano que muitas vezes entra em choque com normas sociais e religiosas. Mas, atentemos na nota do escritor, que considera o celibato uma sentença de exílio mental, ao afirmar o autor que:

Eu por minha parte, fraco argumentador, só tenho pensado à luz do sentimento e sob a influencia da impressão singular que desde verdes anos fez em mim a ideia da irremediável solidão da alma a que a Igreja condena os seus ministros, espécie de amputação espiritual, em que para o sacerdote morre a esperança de completar a sua existência na terra. (Herculano, Alexandre, 1843, p.7)

Na noite anterior à ordenação, Humberta Cristiana não consegue dormir e, num estado de semiconsciência, começou a ver uma massa esbatida, uma espécie de aparição de Nossa Senhora, a quem diz:

Roubaste o meu amor... porque roubaste o meu amor Senhora?...a aparição respondeu: - minha filha, minha afilhada, que tens tu criança...? Ah humanidade, humanidade – tornou a responder-lhe a aparição em tom de censura, mas ao mesmo tempo acariciante - logo esqueceu o que lhes foi recomendado pelo meu Divino esposo: Não fareis imagens à minha semelhança! Podereis amar-vos na terra sem prejuízo ao amor que dedicais ao reino dos céus... é vontade do meu esposo e minha que o homem e a mulher se amem na terra. (Martins, 1968, pp. 56, 57)

Carlos Martins afirma que a humanidade entende mal a doutrina de Deus, que o seu verdadeiro desígnio é que os homens e mulheres se amem. Sublinha que esse amor não é impeditivo do amor a Deus, revelando-se, assim, contra o celibato do clero. Na igreja católica, o celibato refere-se à prática de os clérigos se absterem do casamento e de relações sexuais. Esta imposição de castidade resulta de um compromisso de vida com Deus, dedicando-se à igreja e à comunidade. É importante notar que o celibato não é uma norma partilhada por todas as religiões cristãs. A igreja ortodoxa, por exemplo, permite que os padres casem, enquanto para a igreja anglicana o celibato é opcional.

Embora o escritor se tenha declarado ateu ao longo de toda a vida, parece poder colocar-se a hipótese de, à imagem de Voltaire, no século XVIII, mais do que não acreditar em Deus, não acreditar no Deus da igreja católica, criado pelos Homens. O filósofo francês também parece desaprovar a forma como a igreja católica passa à humanidade a sua mensagem, mostrando-se contra a ideia de idolatrar imagens. Acreditava também que Deus não intervém diretamente nos assuntos dos humanos.

Carlos Martins destaca a mendacidade da igreja, quando Abel Caim já padre, ao encontrar-se com uma paroquiana muito pobre, lhe diz, citando a *Bíblia*, que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus. Ela responde-lhe que:

- Contudo, no Mundo, não obstante essas palavras de Deus Nosso Senhor, todos se esforçam por serem ricos!... – Comentou Angélica sentenciosamente – Não temem a ira do Senhor!... Ele, que é Grande e Misericordioso, que se compadeça das suas almas! (Martins, 1968, p.70).

O autor vinca, deste modo, o quão profundamente falsa tende a ser a doutrina da igreja que enaltece a pobreza, embora viva no meio da riqueza. Deixa novamente patente a ideia de que a igreja quer manter o povo numa conveniente ignorância.

O escritor critica a igreja através do romance, tecendo uma crítica social, nomeadamente, aos mais ricos, que vivem da exploração dos mais pobres. Neste sentido, a sua ficção recupera a imagem da bordadeira para melhor revelar o seu intuito. A propósito do baixo preço que é pago pelo trabalho das bordadeiras, salienta a forma como são exploradas, sendo mal pagas enquanto os donos das casas de bordados enriquecem, ao vender os bordados a preços muito mais elevado do que aquele que pagam às bordadeiras. Quando, após o banquete de celebração da ordenação de Abel Caim, no dia seguinte se distribuem as sobras pelos pobres, o texto refere o assunto:

Aqui pela vizinhança há uns casais necessitados. Principiamos por eles e depois cada um de nós se vai lembrando de outros dispersos. E, para começar, entramos já ali em baixo, em casa do Marão. Passa a vida a bebericar e a mulher e as filhas a puxarem pela agulha. Ao preço que estão a pagar os bordados, mal lhes chega para pagarem o milho que levantam semanalmente na mercearia. (Martins, 1968, p. 68)

Note-se que Ferreira de Castro, em *Eternidade*, havia já salientado esta discrepância ao evocar a carência da vida das bordadeiras, que viviam numa “luta anónima pelo pão de cada dia” (Castro, 1933, p. 49) e os industriais de bordados que viviam sumptuosamente, mencionando o caso do dono da casa de bordados, que vivia no “seu conforto, no seu bem estar, com duas criadas, a mulher e a filha, que tocava piano, sabia francês e inglês” (Castro, 1933, p. 49).

Assim, Carlos Martins segue a filiação da denúncia que se inscreve na literatura. No romance, começa a manifestar-se em Abel Caim o desejo carnal por Humberta Cristiana. Ele pede à Virgem que lhe dê força, que não o abandone na sua fraqueza humana. O protagonista tem consciência e acredita que, sendo um mensageiro de Deus, tem um dever acrescido de não pecar. Por isso, afirma que, quando um padre peca, o pecado branco transforma-se em pecado negro. Cremos estar a referir-se a uma espécie de agravamento da pena devido ao estatuto de padre. No entanto, é a própria Humberta Cristiana que lhe diz que Deus a todos perdoa, até aos padres, e lhe fala de uma passagem da *Bíblia* em que Jesus diz que pode pecar-se “não sete vezes, mas setenta vezes sete” (Martins, 1968, p.76). Trata-se de uma referência ao Evangelho segundo S. Mateus, patente no diálogo entre o apóstolo Pedro e Jesus Cristo: “Aproximando-se então, Pedro disse-lhe: Senhor, quantas vezes errará contra mim o meu irmão e o perdoarei? Até sete vezes? Diz-lhe Jesus: Não te digo para perdoares até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (*A Bíblia*, 18, 21,22).

Para fugir à tentação, Abel Caim decide voltar mais cedo para o Paço Episcopal, antes de terminar os dias a que tinha direito após a sua ordenação, junto da família, nos Prazeres. Tenta assim não cometer o pecado da carne, apesar de Humberta Cristiana fazer parte do seu pensamento, sentindo-se cada vez mais impotente para resistir.

Por outro lado, o padre começa já a demonstrar o seu talento como músico. Uma vez regressado ao Funchal, onde lhe iria ser designada a paróquia para exercer o sacerdócio, dado o grande talento que já anteriormente tinha manifestado, é-lhe destinado ensinar música no seminário. Daí à realização de grandes concertos no Funchal seria um pequeno passo.

É no Teatro Baltazar Dias que o Padre realiza o seu primeiro grande concerto e é lá também que Abel Caim e Humberta Cristiana dão o seu primeiro beijo. Desta forma, Carlos Martins destaca a ligação entre o sagrado e o profano, pretendendo demonstrar que apesar de duas atitudes distintas do homem no mundo, ambas podem coexistir sem que uma anule a outra. Ao escolher o cenário do teatro como local para o primeiro beijo

com Humberta Cristiana, o escritor apresenta o palco da sala de espetáculos como espaço para outras representações e atuações da vida.

Após o beijo, Abel Caim começa a sentir-se indigno, pensando inclusivamente em autoflagelar-se. Apesar disso, a tentação é cada vez maior, e apenas se sente dominado por um único pensamento: Humberta Cristiana. Por essa razão, tudo faz para ficar cada vez mais perto dela. A pretexto do aniversário do pai pede permissão para ir passar uns dias aos Prazeres.

É na igreja dos Prazeres que começa a compor a sua “Antífona”. Na casa de Deus, enquanto ensaia e pratica a sua melodia curta, ao ver entrar Humberta Cristiana, toma consciência de que ela é a sua inspiração, razão pela qual lhe pede que não saia. Sem hesitar, ela fica, atravessa a nave da igreja vazia, sobe ao coro, e o amor de ambos consuma-se. O romance vem então registrar os indícios do crime, de forma subtil. Na manhã seguinte, a mãe do padre descobre três ganchos de cabelo na cama do padre. Cremos que serão os ganchos de cabelo de Humberta Cristiana que deixa assim uma recordação a Abel Caim. Esta situação não é explícita nem explorada por Carlos Martins, que parece, deste modo, conter algum decoro na sua ficção, pensando provavelmente num leitor mais sensível.

Apesar dos pensamentos de punição que o tinham atormentado, Abel Caim aceita o seu ato com naturalidade. Não ficou perturbado. Fora, a seu ver, um ato humano de amor natural. Sentia-se reconfortado. Abandonar Humberta Cristiana estava fora de questão. Seria maior ainda o seu crime. No dia do juízo final, Aquele que tudo sabia perdoar, havia de ponderar os prós e os contras. A igreja acredita no julgamento que existirá após a morte de cada um de nós, que Deus, tendo em conta o nosso percurso na Terra, decidirá sobre a vida eterna: no Céu, no Inferno ou ainda no Purgatório.

Ao longo da narrativa, a escrita de Carlos Martins mostra que Abel Caim aceita o sentimento que nutre pela afilhada e reconhece a beleza desse amor correspondido. Por essa razão, não se sente atormentado pela quebra do celibato. Vejamos o que diz a si próprio:

Era padre, mas amava e era correspondido. E isso era belo, tão sublime ou ainda mais do que a sua música, as suas composições. Renunciar à vida eclesial? Não. No seu caso, nas suas condições seria degradante. O que teria de sofrer por não lhe ser consentido ter Humberta Cristina a seu lado. (Martins, 1968, p. 108)

Mais ainda, considera que tudo se resumiu a amor, e se foi por amor que Deus salvou o mundo e dessa forma o tornou melhor, que mal poderia haver em amar alguém e ser amado. Realça, também, que mesmo sendo padre continua a ser homem:

Não obstante, inteiramente consciente da gravidade da sua falta, ela não atormentava profundamente a consciência do padre Abel Caim. Fora e continuaria a ser amor. Por amor havia o filho de Deus remido o Mundo. E com amor havia também o mundo se tornado melhor. Nem mesmo poderia dar uma explicação, do que se passara e a sua vontade em querer prosseguir. Era padre, mas na sua essência era homem. (Martins, 1968, p. 113)

A reflexão de Carlos Martins parece dizer que, mesmo para um padre, amar uma mulher é algo natural. Mais do que isso, afirma que o amor afasta os pecados. Reflete uma ideia presente em muitas tradições religiosas e filosóficas, onde o amor é visto como uma força poderosa para a transformação e o perdão, aliás, como defende a própria igreja católica. Acredita-se que o amor é fundamental na relação entre Deus e a humanidade, e o amor ao próximo é um dos mandamentos. Quando as pessoas agem por amor tendem a fazer escolhas que são mais alinhadas com o bem, afastando-se do mal e do pecado.

Embora a mãe de Abel Caim tenha descoberto o que se passava entre ele e Humberta Cristiana, decide nada fazer, nem informar o marido pois não sabe como fazê-lo, vivendo sozinha essa angústia de saber que o filho padre se desviou do bom caminho.

Como forma de compensar Deus, de se redimir pelo seu comportamento, Abel Caim decide construir um monumento em honra de Nossa Senhora e fazer uma viagem para angariar fundos para essa construção. Como já foi referido no primeiro capítulo desta dissertação, Carlos Martins inspirou-se na ação do Padre do Padre José Marques Jardim e no monumento do Terreiro da Luta.

Para dar mais viabilidade à viagem e à angariação de fundos, decide inventar um milagre. Estando a compor sentado ao órgão, um hino em louvor a Nossa Senhora, ouviu uma voz, que não podia ser de outros senão de Nossa Senhora. O texto refere que a Virgem se dirige ao padre recuperando a união entre dois mundos, o terreno e o celestial, que agora comunicam, numa atração curiosa, mas necessária para o desenrolar da intriga. Nossa Senhora diz-lhe que é vontade do Senhor que ele vá pedir donativos pelo mundo para que seja erguido um monumento em sua honra. Pela conversa posterior de Abel Caim com o Bispo, apercebemo-nos de que à igreja não importa averiguar se é ou não verdade

que aconteceu o milagre, revelando-se aqui o oportunismo não só da igreja, mas do próprio padre. Na verdade, quer Alexandre Herculano, quer, mais tarde, Antero de Quental criticaram essa atitude. Volvido mais de um século, Carlos Martins também questiona estes entendimentos barrocos.

De qualquer forma, decide erguer um monumento para homenagear Nossa Senhora. Vai precisar de apoios, a começar pelos apoios para a viagem transatlântica que decide fazer. O protagonista vai pedi-los, para a viagem e alojamento, às agências de navegação, e pede-o concretamente à agência de Joao de Freitas Martins: agência que pertencia à família de Carlos Martins que, prontamente, aceita ajudar em tudo o que for necessário. Vemos que, entre o texto da vida e o texto da ficção, o romance interliga cenários e situações. Nesta viagem do padre Abel Caim, Carlos Martins também replica o percurso da viagem que fez com os seus pais após sucessivas expulsões dos colégios internos em que viveu quando era criança.

À partida do Funchal, o padre cruza-se com o escritor Marco Carlos que lhe dá a entender que percebe que o milagre foi inventado. Contudo, no romance, os crentes dotados de uma fé cega não conseguem ver a forma como a igreja explora esta e outras mentiras. Marco Carlos elogia o padre pela capacidade de engendrar toda uma situação que lhe permite conhecer o mundo, e ao mesmo tempo, auto-elogia-se já que ele possui essa capacidade de reconhecer uma mentira.

Carlos Martins não perde também a ocasião para censurar a Igreja e os padres, fazendo-o aqui mais uma vez, ao sublinhar a forma opulenta como vivem, e, neste caso, viajam, enquanto Maria, José e seu filho Jesus viveram uma vida humilde. Critica o facto de a Igreja Católica em nada seguir o exemplo do seu Criador quando, no mínimo deveria ser um exemplo a seguir pelos fiéis. Veja-se o que refere o texto de Carlos Martins:

Marco Carlos, o escritor ateu, que se achava naquela hora no cais a passear com amigos, ao ver o Padre Abel Caim descer a escada para tomar a lancha, acercou-se da varanda, sorriu satisfeito e comentou: - o nosso padre Abel Caim é um grande artista! Um artista! ... E, ainda por cima, um grande ponto!... Sim senhor, agora é que está a tomar juízo!... Com que então passagens e hospedagem de primeira classe para ir esmolar fundos para erguer um monumento a Nossa Senhora!... Que grande maganão!... A Maria e o José, seu filho Cristo, irmãos e irmãs na terra, habitavam um palheiro, e montavam um “gericus”...Mas deixa o rapaz se divertir! ... faz ele muito bem!... (Martins, 1968, p. 129)

Tal como o escritor Marco Carlos fizera aquando da saída do padre do Funchal, também o cônsul português de Trindade desmascara o sacerdote, deixando bem evidente que não acredita no milagre que está na origem daquela angariação de fundos, apesar de reconhecer o seu mérito como músico. Por isso, diz-lhe: “Far-lhe-ei uma boa propaganda, mas omitirei o milagre” (Martins, 1968, p. 146).

Uma carta que uma madeirense envia ao tio que vivia em Trindade, com vista a recomendar que o padre Abel Caim lá fosse bem recebido, demonstra a ignorância de alguns madeirenses que referimos anteriormente, quando diz que, em Trindade, há pretos e índios muito maus que comem gente. Por essa razão, pede ao tio que proteja o padre, fazendo prova não só da sua ignorância, mas também de uma atitude racista. Ressalva assim a falta de acesso dos madeirenses à informação e educação, que resulta no desconhecimento do que se passa além-mar, além de revelar uma cultura discriminatória em relação ao outro. Trata-se de um olhar eurocêntrico que terá contribuído para validar a ocupação de muitas terras conquistadas e que a cultura vigente queria perpetuar.

Durante a viagem, em todos os locais por onde passa Abel Caim, organizam-se diversos concertos para angariar fundos para a construção do Santuário de Nossa Senhora. Todos estão de acordo que o padre é um “Franz Liszt”, o grande compositor, pianista e maestro húngaro do século XVIII, que, desde jovem, mostrou um talento extraordinário para a música e amplamente reconhecido como um dos melhores pianistas de todos os tempos.

Liszt teve uma vida muito rica e diversificada, envolvendo-se em várias correntes culturais e sociais do seu tempo. Também ficou conhecido pelo seu envolvimento com as questões sociais e religiosas, especialmente nos últimos anos de sua vida, quando se tornou abade e se dedicou à música sacra. Foi a impossibilidade de se juntar pelo casamento ao seu grande amor, a princesa Russa Elizabeth Carolyne Ivanovska, cujo casamento o Papa recusou anular, que o fez seguir a vida religiosa. Ao referir que o padre Abel Caim é um “Franz Liszt”, além de salientar o seu talento, o autor estará, de igual modo, a referir-se ao seu amor pela afilhada Humberta Cristiana, inexequível aos olhos da igreja.

Carlos Martins aproveita também a escrita para fazer propaganda à ilha da Madeira, a que chama “Pérola do Atlântico”. A ilha é assim designada devido à beleza natural, ao clima ameno e às paisagens exuberantes. No romance, é apresentada como um destino turístico popular, conhecido pelas montanhas, falésias, jardins floridos e as famosas levadas. Carlos Martins não poupa em toda a sua ficção romanesca elogios à ilha

a que chamou “Mar de Nuvens”, que como já referimos dá título ao seu primeiro romance. Embora pressupondo que a utopia é um lugar de abundância, o escritor não deixa, em toda a sua produção literária, de referir a dissemelhança com a realidade, ao apontar a pobreza em que viviam as populações mais necessitadas da ilha. Em Nova Iorque, a receção do padre, tal como em Trindade, foi apoteótica. Seguiu-se S. Francisco e Los Angeles, após o que regressa à Madeira, pois as saudades de Humberta Cristiana foram-se tornando cada vez maiores.

No regresso à ilha, pai, mãe e afilhada foram esperá-lo. Também o esperavam os representantes das várias classes sociais da Madeira. Pela quantidade de vezes que a elas se refere, parece-nos que o autor pretende destacar o conceito e respetiva importância na sociedade madeirense. Assim, estão presentes no regresso de Abel Caim à ilha, elementos do povo, a classe média emergente e a classe alta, que incluía as altas patentes da política e do Governo da ilha, bem como as altas patentes militares, sem esquecer a igreja representada pelo seu mais alto cargo na ilha. Refira-se ainda a presença de intelectuais, aqui se incluindo, naturalmente, o escritor Marco Carlos.

O romance revela o tom festivo. De facto, preparam uma grande festa aquando do regresso do padre à ilha. O escritor Marco Carlos cruza-se com o sacerdote e abraçam-se impelidos pela ideologia da arte, já que ambos são artistas: um escritor e um génio da música. Marco Carlos parece ter-se esquecido da observação negativa que fez à sua saída da Madeira, ao sugerir que a viagem tem como base um milagre inventado pelo padre.

A descrição que Carlos Martins faz da festa tende a ser comparável com a chegada de Churchill à Madeira, em 1 de janeiro de 1950. Veja-se o aparato que se viveu à chegada do padre à Madeira:

Na Rua 5 de Outubro, o trânsito foi tornando-se mais afluente, e, ao voltarem para a Rua do Til, o séquito, que seguia o padre Abel Caim, teve que enfileirar atrás de uma infinidade de automóveis que se dirigiam também para o Monte, onde os seus ocupantes se empenhavam igualmente em prestarem homenagem ao popular artista sacerdote. Da levada de Santa Luzia para cima, os moradores dos prédios próximos da estrada vieram para o caminho acenarem ao padre Abel Caim, atirando alguns flores à sua passagem. Muitos, também o clamaram e deram vivas. Já próximo do pequeno largo em frente da “quinta Maria de Fátima” a população da freguesia do Monte havia-se aglomerado para presenciarem a chegada do padre Abel Caim. (Martins, 1968, p. 177)

O padre começa de imediato a dar andamento aos aspetos práticos da construção do monumento em honra de Nossa Senhora, tendo sido escolhido a Bica da Cana. Um paroquiano oferece o terreno para a construção do monumento e tudo se resolve muito rapidamente, podendo avançar-se com a obra. Abel Caim é nomeado pároco da Calheta para melhor poder acompanhar mais de perto a construção. Estando a igreja envolvida tudo se consegue resolver rapidamente. O padre consegue convencer os homens da paróquia a carregar o rosário que irá circundar o monumento.

A caminhada desde a Calheta até à Bica da Cana revelou-se dura, mas Abel Caim consegue fazer os homens chegarem ao fim, incentivando-os, dizendo que a caminhada para a Bica da Cana é um espelho da caminhada de Cristo para o Calvário. Com a ajuda de vinho, os homens conseguem fazer chegar o grande e pesado rosário ao seu destino. A dureza desta empreitada provoca nos homens sentimentos fortes e contraditórios, como dor, sofrimento e paixão. Com a barroquização deste cenário, Carlos Martins pretende novamente criticar o poder eclesiástico.

A caminhada é reveladora da forma como o vinho faz parte da vida do povo. Esta ideia de que em Portugal bebe muito vinho, também é veiculada pelo escritor Açoriano João de Melo, em *Gente Feliz com Lágrimas*, quando diz: “Em Portugal todos os dramas terminam numa grande festa e no perdão dos copos de vinho. Até certo ponto é um país feliz com vinho” (Melo, 1989, pp. 173,174). Por sua vez, Ferreira de Castro, em *Pequenos Mundos e Velhas civilizações*, refere esta ideia de excesso de consumo de bebidas alcoólicas do povo da ilha da Madeira, neste caso, referindo-se não ao vinho, mas à aguardente. Diz que “tal como na Córsega, a existência humana nas aldeias da Madeira caracterizava-se por uma forçada sobriedade na alimentação. Aqui bebe-se aguardente a mais e come-se pão a menos” (Castro, 1937, p. 186).

Com o passar do tempo, começam a surgir boatos sobre o padre dos Prazeres, pois começa a ser quase impossível esconder o relacionamento com a afilhada: “E de tal modo, que em toda a Ilha da Madeira, se falava ou ouvia-se mencionar, a amiga do padre dos Prazeres” (Martins. 1968, p. 225).

Carlos Martins censura a igreja, denunciando a situação de não cumprimento de votos de castidade de muitos padres, e não apenas de Abel Caim. Revela, assim, que para a igreja o importante é manter as aparências, não importando verdadeiramente os factos. Atente-se à seguinte passagem do romance:

O vigário da Ribeira Brava, tipo já entrado nos anos, censurando o procedimento do seu colega, ao presidente da Câmara, observou: - São coisas que se fazem, está muito bem; também eu as fiz; mas é preciso saber fazê-las.... Sei o tormento que eu passava quando em novo, via as raparigas de saias arregaçadas a regar ... E também quando passavam transportando comida para o gado, com as ancas a baloiçar!... Mas como lhe disse, são coisas que se fazem, mas é preciso sabê-las fazer!...como a paixão cega por completo os homens. (Martins, 1968, p. 320)

O padre Abel Caim também começa a comprar propriedades, segundo o que se dizia, com o dinheiro das esmolas. Numa terra pequena, a curiosidade é apanágio do lugar. Por isso, o texto de Carlos Martins aponta para esse costume. Assim, além da relação do padre com a afilhada ia-se igualmente tornando pública a sua ganância em acumular propriedades. Ao dar esse exemplo, o escritor denuncia que a igreja ao invés de cumprir a sua verdadeira missão de servir, se serve a si própria.

Ao pai de Abel Caim começam a chegar rumores sobre a relação do padre com Humberta Cristiana, razão pela qual decide falar com o filho. Antes, porém, fala com a mulher que lhe diz há muito saber da situação, desde que encontrou os ganchos do cabelo de Humberta Cristiana na cama do filho.

O escândalo do padre e de Humberta Cristiana começa a atingir proporções maiores. Para abafar o escândalo, há que arranjar uma solução. Numa sociedade presa a convenções, casar Humberta Cristiana parece ser a melhor opção.

Abel Caim e Humberta Cristiana falam sobre o facto de o seu amor estar a tornar-se do domínio público. Apesar disso, continuam a acreditar que o amor é a maior virtude de todos os tempos e Humberta Cristiana propõe que fujam para poderem viver livremente o seu amor. Todavia, o padre argumenta que não funcionaria, pois, a igreja está em todo o lado e facilmente seriam descobertos. Promete, contudo, continuar a lutar por ela, sustentando: “Mas farei tudo o que estiver ao meu alcance, para que não fiquemos esmagados sob o martírio da separação” (Martins, 1968, p. 256).

A solução para o caso surge naturalmente, como revelará a narrativa. O padre recebe a visita de um primo, de nome Amadeu, de Água de Pena: “solteirão e possuidor de avultadíssima fortuna” (Martins, 1968, p 257). Tudo é engendrado pelo próprio padre de modo que o futuro marido transmita a propriedade de todos os seus bens para Humberta Cristiana, com vista a que ele fique na sua total dependência. Por aqui se vê que as suas ações se movem à volta de interesses materiais bem como o seu espírito ardiloso ao arquitetar esta situação. Ao relatar este tipo de atitudes, Carlos Martins

evidencia o caráter desumano e egoísta da igreja e dos padres, denunciando o seu maquiavelismo.

Com o casamento de Humberta Cristiana, decide-se tapar as bocas do mundo, salvaguardar as aparências perante a sociedade. Amadeu mostra-se entusiasmado com o enlace e com a perspectiva de ter uma mulher submissa. O escritor evidencia que à mulher estava reservado, no casamento em particular, e na sociedade em geral, um papel de submissão. De resto, esta era também a doutrina defendida pela própria igreja, cujos preceitos acentuam o facto de as mulheres terem de ser submissas aos maridos. Apesar do maquiavelismo que o padre revela nesta situação, não deixa de sofrer com os ciúmes ao sentir a alegria de Amadeu com a perspectiva do matrimónio. Tudo se encaminhou, como previsto, para o dia do casamento. Antes, porém, conforme arquitetado pelo padre, Amadeu assinou uma escritura de compra e venda, entregando todos os seus bens a Humberta Cristiana.

Após a boda, Humberta Cristiana conseguiu esquivar-se ao marido e o casamento no sentido sexual, nunca chegou a concretizar-se. De facto, passam-se dois meses sem que qualquer convivência íntima exista entre Amadeu e Humberta Cristiana. Amadeu, inocentemente, acha que se confidenciasse ao padre o que se passava, talvez ele o pudesse ajudar. Por isso, decide sair uns dias de Água de Pena, onde vivia com a mulher, dirigindo-se à Calheta para visitar o primo.

O romance de Carlos Martins vai sublinhar os artifícios das vozes do texto. Para melhorar o relacionamento, a sugestão do padre é que o casal se mude para Calheta, pois assim ficam mais perto da família de Humberta Cristiana. Podem ainda dar apoio ao padre que começara a emagrecer e a desfalecer desde a partida da sua amada. Logo, Humberta Cristiana melhora bastante a sua disposição e Amadeu acha que isso se deve à mudança para a Calheta e que a vida deles será diferente.

A mãe de Abel Caim, ao tomar conhecimento desta decisão, tem um sobressalto, pois antevê que o escândalo do envolvimento do padre com a afilhada irá agravar-se.

Com a vinda de Humberta Cristiana para a Calheta, se o padre rapidamente recupera, o marido piora bastante. Angustiado, começa a ir para as tascas, lamentando-se que a esposa passa mais tempo com o padre do que com ele e revelando a sua inclinação para o alcoolismo. Além disso, refere que ela e o padre o despojaram dos seus bens. Veja-se o que afirma Amadeu nas mercearias onde vai lastimar a sua sorte:

E é um primo, um padre, uma pessoa de família, que me faz isto! A afilhada passa mais tempo em casa dele, do que na própria casa. E por vezes insistindo para eu dar uma volta, quando estou de regresso, lá está o senhor vigário a fazer-lhe companhia. Espoliaram-me de todos os meus bens, a minha honra e agora para aqui ando como um albergado! Se quiser tomar uma pitada de rapé, tenho de pedir dinheiro à senhora. (Martins, 1968, p. 319)

O ambiente que envolve a afilhada e o vigário foi-se tornando novamente muito falado. Toda a ilha comentava o escândalo.

Para evitar as conversas decorrentes dos desabafos do marido, Humberta Cristiana e o Padre Abel Caim decidem retê-lo em casa, alegando que sofre de perturbações mentais, o que acaba por conduzi-lo à morte. Trata-se de assédio, um ato de violência física contra a sua pessoa com vista ao seu isolamento social, podendo mesmo configurar um crime de sequestro.

Embora os pais de Humberta Cristiana quisessem que ela voltasse a viver com eles, ela e o padre tinham decidido continuar a viver na Calheta, levando a irmã Natércia como companhia e como forma de encobrir a sua relação. Os rumores, contudo, aumentou e passou a falar-se do padre, da amiga do padre e da sua irmã. Se a situação do padre e da afilhada já era considerada escandalosa, agora, para a época, passou a ser depravação, criando ainda mais razões para se falar destas dissonâncias comportamentais. Para enriquecer a história, juntou-se-lhe o facto de o irmão do padre ser pederasta.

Desta forma, Carlos Martins aflora o tema da homossexualidade. O tópico parece-nos pouco recorrente na literatura, por ser um assunto desviante. De facto, não tem sido explorado nas literaturas insulares portuguesas apesar de estar presente em alguns contos de José Viale Moutinho.

No período em que decorre a ação da obra, a homossexualidade tendia a ser considerada uma doença mental e estava frequentemente associada à criminalidade e ao desvio social. Quando denunciada podia levar à prisão e a tratamentos psiquiátricos forçados. Porém, nas décadas seguintes, passaria de uma fase de intensa repressão e estigmatização a outra de alargamento de direitos e de aceitação.

Tomando em conta a ficção romanesca de Carlos Martins, ela parece bastante tolerante em relação à questão da homossexualidade, pois limita-se a fazer pequenas referências à pederastia de algumas personagens sem com isso atacar ou diminuir a homossexualidade. Já Horácio Bento de Gouveia, em várias das suas obras, condena abertamente a homossexualidade. A título de exemplo, em *Luisa Marta, Ficção e*

Memória, afirma mesmo que: “A pederastia, mal do mundo, é o que de mais torpe enoja a sociedade em todo tempo” (Gouveia, 1982, p. 228), e em *Margareta*, Bento de Gouveia chama-lhe “uma modalidade da miséria humana” (Gouveia, 1980, p. 240), acentuando uma visão preconceituosa, discriminatória e conservadora da homossexualidade, baseada em crenças e valores que marginalizam e estigmatizam os indivíduos que se identificam como homossexuais. Veja-se:

Na bancada de trás iam dois sujeitos ainda novos, os quais, por certos adereços da indumentária cativavam a atenção. Foi Margareta quem os descobriu numa olhadela de linco. Um deles com conspecto de peralvilho trazia ao pescoço pequeno colar e cruz pendente; o outro usava no braço uma pulseira cravejada de pontos brancos. Derretidos um com outro como par de nubentes. Nuno observou-os, e exatamente ao espreitá-los por cima da cabeça de uma senhora, o do colar acarinhava a face do companheiro com a mão enluvada. Ao apearem-se no hotel, Margareta surpreendeu a frase do efeminado para o camarada: - Antony, qual é número do nosso quarto? Já me esqueci. Tenha as costas tão doridas!... Ó que saudades da nossa cama! O Nuno para Margareta: - É para que vejas Margareta, uma modalidade da miséria humana. (Gouveia, 1980, p. 240)

Irene Lucília Andrade, em *A Penteada ou o fim do Caminho*, obra que narra algumas das memórias da escritora e da vida local madeirense, se, por um lado, mostra uma posição mais moderada de uma franja da sociedade que entendia a homossexualidade como um defeito que inspirava pena, por outro lado, dado o desfecho que teve o personagem Joãozinho Leve, revela mais em profundidade uma sociedade homofóbica, capaz de atos selvagens e impiedosos como o que ditou o fim de Joãozinho Leve.

Joãozinho Leve apareceu morto num banco da avenida. Assassinado. A notícia escureceu a lembrança dos que o tinham conhecido no tempo em que passava por ali, de bíblia sob o braço, aos sábados. (...) O recado da desgraça foi circulando, ciciado de ouvido em ouvido pelo sítio, todos evocavam as suas falas sabedoras, a simpatia atenta ao cumprimento de saudação, uma bondade de homem era o que ele era, só tinha aquele defeito, sabe-se lá porquê. Diziam que ultimamente andava com rapazes novos. Que Deus se compadeça dele e dos seus pecados. (Andrade, 2023, p. 63)

Carlos Martins na sua obra literária toca em muitos aspetos fraturantes da sociedade, revelando, tendencialmente, uma posição aberta e arejada em relação ao que

eram então considerados desvios condenáveis não só pela igreja, mas pela sociedade em geral. O escritor critica, sobretudo, a ganância, a hipocrisia e a falsidade. Atente-se como estas questões continuam a ser reveladas no texto.

Abel Caim movido cada vez mais pela ganância, passa a usar o dinheiro das esmolas para a compra de mais propriedades. Humberta Cristiana com o intuito de atacar os paroquianos que a difamavam, passa a intervir nos sermões do padre. De forma a pôr termo aos boatos, Humberta Cristiana decide voltar a casar-se. O pretendente chama-se Pio, mas impõe como condição para o casamento que ela passasse todos os bens para o seu nome: queria fazer com ela, o que ela havia feito com o falecido marido. Ela, contudo, não aceita casar nessas condições. Assim, a única solução que encontra, para se reinventar, é embarcar para a Venezuela durante uma temporada para o escândalo cair no esquecimento. Vítor Sousa, em “Tudo o que acontece depois do mar”, publicado em *Condição de Ilhéu*, afirma que “ninguém se reinventa na ilha, a ilha não quer” (Sousa, 2012, p.151), e Humberta Cristiana, ao partir para se reinventar, parece dar razão a este pensamento.

Sem Humberta Cristiana, nada mais restava ao padre. Embora rezasse missa todos os dias passou a não comer, ficando cada vez mais fraco. Começou a ver Humberta Cristiana na imagem de Nossa Senhora, imaginando que ela o vinha buscar e ficavam juntos a ouvir a sua “Antífona”. Morre, aliás, neste delírio.

Dois pastores encontram o corpo do padre Abel Caim caído junto ao monumento de Nossa Senhora da Bica e, olhando para a imagem, dizem:

É bem as ventas da Humberta Cristiana!! E bem merecia também o padre um monumento ao lado dela!... E a gente ainda ter caído em carregar com aqueles moledos aqui para cima para isto! Escarrou, cuspiu e arrematou: - Ficaré sendo para sempre o monumento à GRANDE PAIXÃO DO PADRE ABEL CAIM! (Martins, 1968, pp. 322, 333)

Os pastores lamentam ter ajudado a construir um monumento que mais não parece ser do que uma homenagem à amante do padre. A escritora Maria Aurora Carvalho, no conto “A Santa do Calhau”, refere uma situação próxima à aqui descrita. Um emigrante, de nome Evangelino Feijão, regressado da Venezuela, endinheirado, cumpre o desejo, que o povo há muito acalentava, de dotar novamente a pequena capela à beira-mar, de

uma Santa. Fá-lo, contudo, com uma Santa que é a imagem de Amelinha, uma mulher da vida, com quem ele se havia aconchegado.

A Grande Paixão do Padre Abel Caim retrata a influência da igreja na sociedade rural da Madeira. O autor explora a forma como a igreja molda valores e comportamentos, mas também impõe uma cultura centrada no pecado e na punição, assim refletindo a moralidade e as tradições da época.

3. O Grande Amor da Irmã Elsa: sociedade patriarcal e subjugações identitárias

3.1 Sociedade religioso-patriarcal, preconceitos e outras disforias

O Grande Amor da Irmã Elsa retrata o quotidiano de uma família madeirense da alta burguesia, imersa em tradições e costumes, que evidenciam uma época pautada por valores conservadores. O enredo desenrola-se na cidade do Funchal, por volta dos anos cinquenta/sessenta do século XX. As mulheres da família, envolvidas nas suas rotinas burguesas, desempenham funções que refletem tanto a opulência da sua classe social, quanto a limitação das suas vidas. Subjugadas ao poder patriarcal, os papéis das mulheres desta época inscrevem-se num traçado específico. Regra geral, estão reservadas à economia doméstica e às obrigações religiosas. Assim, as personagens femininas do romance alternam entre atividades domésticas, como dar ordens às criadas e fazer trabalhos de costura, e momentos de lazer, como tocar piano. Rezar o terço também faz parte das rotinas diárias das mulheres desta família. Os homens, descritos como figuras de sucesso e dinamismo, ocupados nas suas atividades empresariais, são os provedores da família, e as suas vidas giram em torno de negócios que se desenvolvem no escritório. As noites são um pouco mais agitadas. Passam-se no casino e nos melhores hotéis do Funchal onde bebem champagne ou aguardente inglesa. Estes serões prolongam-se pelas manhãs do dia seguinte nas serras da Madeira onde o protagonista, o jovem Élvio Montenobre, após uma movimentada noite, vai assistir ao nascer do sol com mais uma das suas conquistas. Jerónimo Montenobre é o patriarca desta família. Vive dentro de portas uma existência fechada, convencional e temente a Deus, enquanto na rua a vida quer-se aberta, cosmopolita e laica.

O romance revela uma dinâmica social e familiar conservadora que reflete normas sociais que privilegiam a autoridade patriarcal. Neste modelo de organização social, o poder é detido pelos homens que dominam as várias esferas da vida, abrangendo a política, a economia, a cultura e a família. A sociedade e a cultura da época privilegiam os homens em detrimento das mulheres. Eles ocupam os papéis de liderança, elas são relegadas para um patamar secundário, sendo-lhes atribuído o papel de domésticas, portanto dependentes dos homens. Normalmente adquirem alguma visibilidade com o casamento ou com a maternidade. Na verdade, estão quase sempre relegadas para um segundo plano. Existem normas sociais que definem comportamentos considerados apropriados para homens e mulheres, assim se perpetuando os estereótipos de género. Por exemplo, existe a expectativa de que o sustento da família seja providenciado pelos homens, e as mulheres sejam responsáveis pelos cuidados domésticos.

Na obra agora em análise, a sociedade, além de fortemente patriarcal, é estruturada em princípios religiosos. O poder do patriarca, conferido pela igreja através do casamento, impunha-se a todos os que com ele coabitavam. Enquanto dono da casa tinha o direito de decidir como viviam os que lá moravam. A esposa e os filhos, jovens ou adultos, ao viverem sob o teto parental, eram obrigados a seguir as suas regras e a viver de acordo com os seus princípios e convicções.

O casamento atribuía ao marido uma espécie de poder absoluto de propriedade, de pôr e dispor da mulher e dos filhos. Perante vários atropelos físicos ou psicológicos, mesmo que se visse uma mulher a ser violentada pelo marido, nada se fazia, pois pelo casamento, ela passara a ser domínio do homem.

Vivia-se, ainda, num momento distante das conceções do filósofo Gilles Lipovetsky sobre o papel da mulher na sociedade. Em, *A terceira Mulher*, o autor sublinha que num mundo fechado, o lugar da mulher era preordenado. Só mais tarde, no final do século XX, se alterou, conforme assinalado:

O mundo fechado de outrora foi substituído por um mundo aberto ou aleatório, estruturado por uma lógica de indeterminação social e de livre gestão individual, análoga, no seu princípio àquela que rege o universo masculino. (Lipovetsky, 1997, p. 9)

O poder do pai era supremo dentro do núcleo familiar. Aos filhos e à mulher, enquanto dependessem dos pais, não era permitido qualquer livre-arbítrio. Nesta senda de ideias, as decisões relativas à família Montenegro pertenciam ao pai, Jerónimo, o *paterfamilias*. O seu poder no seio familiar fazia-se sentir desde as coisas mais simples do dia a dia, como horários de levantar, de deitar, de tomar as refeições, até às mais importantes, como a escolha da profissão ou com quem casar. Neste sentido, veja-se o que diz o patriarca da família Montenegro ao seu filho, o *bon vivant* Elvino Montenegro, elucidativo, deveras, desse poder:

O pai numa voz austera observou-lhe:

Aquí em minha casa, quero que venham todos a tempo para a mesa! Num Hotel é que cada um vem à hora que lhe apetece! E, ainda assim, adentro de horas convencionais, limitadas! Quando tiveres casa tua, procederás como melhor te aprouver. Mas, enquanto isso não suceder, terás que te sujeitar às leis e aos regulamentos por mim determinados, que enquanto eu for vivo serei o supremo senhor e autoridade nesta casa! E diligência por não me aborreceres mais, porque já estou farto das tuas irreflexões e levandades. (Martins, 1980, p. 42)

A sociedade patriarcal que caracteriza a Madeira no período em que decorre a ação, além de patriarcal, era também subjugada ao poder da igreja. O poder do pai era entendido como um poder que emanava de Deus. Essa era a percepção do patriarca, que se via como o verdadeiro chefe, um poder que era, de facto, reconhecido pelos próprios membros da família.

O pai, pelo casamento, tinha adquirido a função de guiar a esposa e os filhos pelos caminhos de Deus. A mãe reconhecia-lhe esse poder e era nele que também fundava o seu: o poder de orientar a família quando ele não estava presente. Na ausência do pai competia à mãe decidir tudo quanto respeitasse ao funcionamento da família, e, se as suas ordens não fossem cumpridas, ela ameaçava os filhos com o poder do pai que, em última análise, se encarregaria de as fazer cumprir. Todavia, o poder feminino estava reservado à esfera familiar.

Ao patriarca, autoridade familiar máxima e inquestionável, competia orientar os filhos de acordo com valores e princípios que os conduzissem à felicidade, conforme os ensinamentos bíblicos, que sublinhavam a importância da fé, da moralidade e do amor ao

próximo. Aos filhos apenas competia seguir, sem contestar, as orientações do pai, conforme se infere do que diz Jerónimo Montenegro, o pai do protagonista:

Ele era o pai, sabia melhor do que ninguém o que era certo e o que era errado! Aos filhos, não lhes era dado alimentarem opiniões divergentes à dos seus pais. E, bem claro: obedecer a pai e mãe! Achava-se isso mesmo previsto no código cristão, de pecados contra os pais. Os pais só conduziam os filhos para o Bem, nunca para o Mal! (Martins, 1980, p. 35)

O poder patriarcal do pai era pacificamente aceite por toda a família Montenegro. Elvino era o único que não compartilhava desta posição. Tinha uma visão diferente de como deveria ser estruturada a sociedade, contestava o que lhe era imposto e recusava-se a seguir ideias com as quais não concordava. Manifestação empírica desse poder era o dever dos filhos pedirem a bênção ao pai, hábito da sociedade madeirense de origem religiosa, até meados do século XX. Não se levantar da mesa das refeições antes do pai também era entendido como corolário desse poder.

A sociedade religioso-patriarcal apresentada por Carlos Martins acreditava que tudo acontecia por vontade de Deus. As coisas boas e más mais não eram do que manifestações do poder de Deus. Viver era aceitar o que nos ia acontecendo, o bom com agradecimento, e o mau com resignação. Era esta a única forma de ser um bom cristão. Perante as maiores vicissitudes da vida, dizia-se: “Deus assim quis”. Por isso, a tuberculose que afetou Leonor, uma das filhas do patriarca, que saiu da Madeira para ingressar como freira num convento na Bélgica, aconteceu porque Deus, assim, o determinou. Mais do que isso, foi uma prova a que Deus a submeteu para ela poder demonstrar a sua fé. Como boa cristã competia-lhe aceitar serenamente a doença que Deus lhe mandou. Veja-se:

A doença pela qual tua irmã foi contaminada, foi por expressa vontade do Altíssimo, para submetê-la a um exame, a uma dura prova de fé. E ele, o senhor absoluto do Universo, da mesma maneira a curará, se assim convir aos seus irrefutáveis, mui justos desígnios. (Martins, 1980, p. 34)

Colocava-se nas mãos de Deus o destino dos homens. Acreditava-se que Deus os colocava à prova no dia-a-dia das mais variadas formas. Os contratemplos a que a vida os sujeitava, as dificuldades que enfrentavam e até as doenças eram entendidas como uma prova. Aceitá-las, abnegadamente, era uma prova de fé. Uma prova a que Deus os sujeitava. Jerónimo Montenegro e a esposa acreditavam e viviam de acordo com estas ideias e esperavam o mesmo dos filhos.

O poder do patriarca podia tornar-se opressivo, já que era a ele que cabia tomar todas as decisões em relação ao rumo da sua vida da família, nomeadamente dos descendentes. Este despotismo podia levar a uma série de sentimentos disfóricos, como descontentamento, frustração e, em casos extremos, conflitos familiares.

São, exatamente, esses estados de insatisfação que esta obra destaca através do protagonista Elvino Montenegro, que vive em permanente conflito com a família. Parece, contudo, ser o único a opor-se ao autoritarismo patriarcal, porque os irmãos não mostram qualquer oposição à vontade do pai. Representam a linha conservadora da família, enquanto Elvino, praticamente isolado, apenas pode contar com algum apoio da irmã Leonor. Elvino representa a linha vanguardista, contesta o poder patriarcal e reclama para si o direito de decidir como viver a sua vida. A linha tradicional está, portanto, em larga maioria.

Carlos Martins, através do protagonista, questiona o sentido das normas patriarcais. Elvino Montenegro pretende opor-se à ideia de continuidade. Não tem intenções de fazer as coisas porque sempre assim foram feitas, de geração em geração. Realça que perspetivar esta cultura de obediência cega não é garantia de que seja a forma correta de proceder. O jovem revela-se em desacordo com as convenções sociais, com o que é considerado socialmente correto e com as ideias preconcebidas. Além disso, também nos parece que Elvino Montenegro assoma como a figura social que pretende agir sem se preocupar com os que os outros pensam, ou seja, com as aparências. Tal como noutras obras, mais uma vez, o escritor fornece informações que nos permitem conhecer e refletir sobre a estrutura da sociedade madeirense, as suas instituições, valores e comportamentos.

Do modelo social vigente resultava que os filhos deveriam seguir à risca as determinações dos pais, não lhes sendo permitido qualquer sentido crítico, não havendo espaço para quaisquer mudanças sociais que, como sabemos, inevitavelmente se vão

impondo ao longo dos tempos. De facto, a cultura de uma sociedade com os seus usos e práticas é dinâmica, como referem, por exemplo, Michel Wieviorca, Maria Laura Bettencourt Pires, Isabel Ferin Cunha, referidos anteriormente. João Maria André sustenta também esta questão, nomeadamente em *Multiculturalidade, Identidades e Mestiçagem, o diálogo intercultural nas ideias, na política, nas artes e na religião*.

Ora o poder masculino que se insere na obra de Carlos Martins contraria esse dinamismo. No romance, afirma-se que a felicidade dos filhos dependia de seguirem os exemplos dos pais. Mais: dizia-se que “os filhos que não seguem os exemplos dos pais, nunca poderão ser felizes” (Martins, 1980, p. 157).

Sinal da oposição às imposições familiares, é o facto de Élvio, embora adulto, trabalhador e independente, ser sistematicamente repreendido pelos pais, não apenas pelo pai, mas também pela mãe, como se de um jovem adolescente se tratasse. Veja-se:

Foi Élvio despertado do seu sono pelo pai, que abrindo a porta do seu quarto, vociferava: Não te chegou a noite toda para dormir? Estou farto de dizer, que, aqui em casa, à hora das refeições quero todos presentes à mesa. E ainda é preciso que venham acordar-te, para te lembrarem do cumprimento dos teus deveres! Não basta ter que me sacrificar a trabalhar para vos dar de comer, tenho ainda de fazer de vosso criado. (Martins, 1980, p. 9)

Vivendo em casa dos pais, Élvio Montenobre tem de sujeitar-se às suas repreensões. A pressão para se conformar às normas religiosas e sociais que defendem gera um ambiente onde a liberdade pessoal de Élvio é constantemente questionada. As descomposturas do pai e a mãe, impregnadas de um carácter religioso, refletem a sua preocupação com a moralidade e as aparências. A luta interna entre seguir o caminho que os pais consideram correto e a busca por uma vida que ressoe mais com a sua própria identidade pode levá-lo a questionar não apenas a sua fé, mas também o próprio significado de viver em sociedade.

Pode pensar-se que, se Élvio verdadeiramente não quisesse sujeitar-se ao poder do pai e às suas imposições, podia sair de casa dos pais e viver sozinho de forma independente. Mas não é o que acontece, revelando sempre uma dependência material da família. Nunca toma a iniciativa de abandonar o lar, procurando viver longe das repreensões familiares, provavelmente, porque teria de abdicar do seu conforto. Parece

isto significar que, embora conteste e critique o modelo familiar instalado, o jovem Montenobre não é suficientemente corajoso para abdicar das vantagens que o mesmo lhe proporciona. Este comportamento talvez possa dever-se ao facto de ser habitual os filhos saírem de casa dos pais apenas para casar. Enquanto Élvio se mantivesse solteiro, o normal era viver na casa do pai e, por isso, nem coloca a hipótese de ser de outra forma. Nas décadas seguintes isso havia de mudar. A sociedade madeirense começaria a dar os seus primeiros passos no que diz respeito à sua emancipação, após a Revolução de Abril, trazendo consigo este tempo uma mudança de paradigma, que permitiria que cada pessoa tivesse a liberdade de viver só, conforme os seus desejos e intenções.

Nesta obra, Carlos Martins começa por fazer uma breve exposição de cada um dos irmãos de Élvio Montenobre, do pai, da mãe e do próprio Élvio. Somos confrontados com uma série de preconceitos e disforias que povoavam a família Montenobre, que é o espelho do que se passava em grande parte na sociedade madeirense.

Vítor Sousa, em *A Condição de Ilhéu*, afirma que “A dimensão de uma ínsula como a Madeira torna tudo mais caricatural. Acentuam-se traços, empolam-se efeitos” (Sousa, 2021, p.149). De facto, as descrições que Carlos Martins faz dos personagens revelam o modo como a ilha atua. Seja como for, as descrições parecem assumir uma forma de denúncia que revela uma luta contra os preconceitos instalados na sociedade, e visa promover a aceitação e compreensão da diversidade, como forma de criação de um ambiente onde pessoas de todas as identidades e experiências possam viver com dignidade e respeito.

O termo “preconceito” refere-se a julgamentos prévios ou opiniões formadas sem conhecimento adequado, geralmente baseados em estereótipos ou crenças generalizadas sobre as características, comportamentos ou atributos de uma pessoa ou grupo, que podem levar à sua discriminação e marginalização, seja por questões raciais, de género, orientação sexual, de idade, de crenças religiosas, entre outras. Afetam não apenas as pessoas que são alvo desses julgamentos, mas também as sociedades como um todo, perpetuando desigualdades e injustiças. Os preconceitos estão assim ligados às disforias, pois podem exacerbar o mal-estar e o sofrimento daqueles que não se encaixam nos padrões normativos ou que pertencem a grupos marginalizados.

Marcos Emanuel Pereira e Marcos Eugénio O. Lima, na introdução de *Estereótipos, preconceitos e discriminação, perspetivas teórica e metodologias*, referem

que “os estereótipos, o preconceito e a discriminação são fenómenos presentes desde o surgimento dos primeiros agrupamentos humanos” (Pereira e Eugénio, 2004, p. 9). Destacam assim quão profundos são aqueles fenómenos na história da humanidade. É de sublinhar que, desde os primeiros agrupamentos humanos, as sociedades catalogaram indivíduos e grupos com base em características como etnia, religião, género, entre outros. Os estudiosos referidos salientam que, tendo em conta que se vivia numa sociedade de hierarquias, as atitudes preconceituosas eram consideradas normais:

A análise da trajetória desses temas ao longo da história da psicologia evidencia diferentes ênfases: até a década de 20 do século XX, os preconceitos eram vistos como atitudes normais frente a grupos sociais inferiores, (...) Com efeito, nos séculos XVIII e XIX e até a primeira metade do século XX, não havia preocupação com os preconceitos, vivia-se em um mundo regido por hierarquias. (Pereira e Eugénio, 2004, p. 9)

No âmbito da literatura de ficção madeirense, o preconceito também é dado a ver, como acontece na produção de Carlos Martins. As narrativas espelham, com frequência, esta dissonância e poder-se-á afirmar que são o reflexo da própria sociedade.

As características dos irmãos de Elvino Montenegro podem ter a ver com algumas particularidades dos irmãos do escritor Carlos Martins, revelando-se, desta forma, a sua escrita autoficcional. Conforme já referimos no capítulo primeiro desta dissertação, a escrita do autor aparenta ser um acerto de contas com a família e a sociedade, sem deixar de fornecer uma caracterização das figuras sociais da sociedade de então.

Vejamos o que diz de cada um, iniciando pelo pai:

Meu pai, é um dos católicos mais bem considerados cá da ilha, no entanto, pobre e sem nada herdar, tornou-se milionário muitos anos antes de eu ter nascido. Não pretendo insinuar ele ter roubado. Apenas ter lançado mão dos mesmos processos e expedientes, como todos os outros, para atingir tal fim. (Martins, 1980, p. 29)

O protagonista começa por referir-se à trajetória de vida do pai e à forma como, mesmo provindo de famílias com fracos recursos, alcançou sucesso financeiro. Embora sem afirmar que o progenitor tenha roubado não deixa de lançar dúvidas sobre a licitude da sua fortuna. Refere-se, ainda, à duvidosa proveniência da riqueza das famílias madeirenses abastadas, em geral. Parece-nos que o escritor toma como referência o percurso de vida da sua própria família, e a fazer fé no que diz o jornalista Luís Calisto, na sua obra *Nas margens da Madeira. Vilões, barões e Tubarões*, estará a referir-se ao facto de o enriquecimento familiar se dever ao contrabando.

Segue-se a mãe, que é descrita como uma mulher de temperamento muito difícil. Tem todos os atributos indispensáveis a uma senhora da sociedade, vive piamente de acordo a doutrina de Deus, e, como mulher casada, cumpre com o papel que lhe é atribuído no casamento. Aceitou todos os filhos que Deus lhe deu. Contudo, revela-se revoltada com a quantidade de filhos que tem e quando se zanga não deixa de o revelar. Quando perde o controle, deixa-se levar pela raiva e frustração e mostra realmente o que pensa. O escritor parece poder estar a usar a figura da sua própria mãe já que em alguns momentos terá dito sentir-se um filho indesejado, conforme referimos no primeiro capítulo desta dissertação. Note-se que na época a que nos reportamos poucos eram os métodos anticoncepcionais utilizados. Desde já, porque a igreja entendia que era pecado o seu uso e os que existiam nem sempre eram eficazes. Além disso, da sociedade patriarcal fazia parte o dever da mulher sujeitar-se aos desejos sexuais do marido com as consequências que daí podia advir, no que respeita o número de filhos. Como sustenta Gilles Lipovetsky em *A Terceira Mulher*: “As mulheres eram escravas da procriação”. (Lipovetsky, 1997, p. 9).

É assim que Élvio se refere à mãe:

Minha mãe, sem dúvida, uma dama. Mas com um génio irascível. Insofismavelmente amiga de seus filhos. Mas se o senhor a tivesse dotado apenas com dois ou três, em vez de oito, teria sido tanto melhor para ela – como aliás é franca em declarar nos seus momentos mais explosivos. (Martins, 1980, p. 29)

Quanto aos irmãos, refere-se primeiro a Caetano:

O Caetano: o mais velho, com convictas pretensões a intelectual e artista, nunca na sua vida criou algo, do mais insignificante, em qualquer das modalidades a si próprio atribuídas, ou de qualquer outro género. Apregoa estar de relações cortadas com o pai e diz mal dele e de toda a família e por toda a parte. Não trabalha, nada produz, passa as noites em casa de uma amante que é mantida por diversos e vem dormir todos os dias a casa onde reside sua esposa, filho e filha. (Martins, 1980, pp. 29,30)

O irmão Caetano é retratado como uma figura marcada pelas contradições e pela falta de responsabilidade. Assume-se como intelectual e artista, mas, na realidade, não parece ter feito nada de relevante a esse nível ao longo da vida. Personifica a luta interna entre a necessidade de ser visto e reconhecido como um artista e a realidade de uma vida sem realizações autênticas. A relação conturbada com o pai, acompanhada de uma crítica à família que, apesar das desavenças, o sustenta financeiramente, sugere uma falta de gratidão e o desejo de se distanciar de responsabilidades familiares. A sua rotina parece evidenciar um comportamento contraditório: enquanto critica a sua família e a sua própria condição, prefere viver uma vida de indolência, dividindo-se entre uma amante e a casa da família. Além disso, partilha a amante com outros homens o que poderá indiciar uma situação de relacionamento que pode envolver dinâmicas complexas, como relacionamentos abertos ou poliamor.

Depois segue-se a irmã Mónica:

Minha irmã Mónica, nascida a seguir ao Caetano, manias de grande dama, descendente de ilustre família. Contudo é terceira esposa de um viúvo que, não obstante ser doutorado, é ordinariamente vulgar, manifesto aldrabão, caluniador, mentiroso e burlão. Mónica assume ares de virtuosidade, entra e sai de Igrejas com um livro de orações na mão. Tem uma língua terrível, pior do que qualquer regateira da rua de Santa Maria. (Martins, 1980, p. 30)

Esta sua irmã é retratada como alguém que pretende passar uma imagem diferente daquilo que de facto é: uma mulher que tenta elevar-se acima da sua real condição. É a terceira esposa de um viúvo, que, apesar da formação académica superior, é descrito como uma figura básica e desonesta. Mónica procura na religião e nas convenções sociais um modo de afirmar a sua dignidade e estatuto, embora o seu comportamento denuncie uma hipocrisia subjacente. É comparada às vendedoras da rua de Santa Maria que usavam

expressões desbragadas para vender os seus produtos ou até às mulheres de má vida que lá exerciam o seu mister. A pobreza e má reputação da Rua de Santa Maria têm sido mencionada por diversos escritores madeirenses. João Carlos Abreu, em *Dona Joana Rabo de Peixe*, reportando-se sensivelmente a meados do século XX, refere-se a esta rua como uma rua de tascas e de pobreza onde “Alguns pescadores bebiam café preto e comiam pão com molho na tasca do Quarenta. Por tradição, assentavam os fiados na parede exterior” (Abreu, 1996, p. 80). Ciriaco de Brito Nóbrega, em *Mistérios do Funchal*, obra cuja ação decorre no século XIX, mencionou todo o bairro de Santa Maria com as suas “ruas enlameadas e sempre húmidas” (Nóbrega, 1881, p. 165), e dos seus residentes, disse que:

As fisionomias dos moradores mais desventurados do bairro de Santa Maria têm uma expressão sui generis. Todas ressentem-se das mesmas causas da sua miserável existência. Cada um delas parece dizer: Eu sofro. Estes entes desventurados se distinguem do resto da população do Funchal, pela magreza, pela cor do rosto amarelecido pelo fumo que sai em turbilhões pardacentos das casas escuras e imundas, meio soterradas, quase ao nível do solo”. (Nóbrega, 1881, p. 165)

Como sabemos, pobreza e “má vida” andam muitas vezes de mãos dadas. Foi isso que aconteceu nesta rua do Funchal até aos anos oitenta do século XX, quando começaram, gradualmente, a dar lugar à restauração e ao turismo.

Voltemos ao texto de Carlos Martins, de modo a acompanhar os restantes retratos da família Montenegro. Nas descrições familiares, segue-se o irmão Eleutério:

Depois, vem Eleutério. Era apontado como exemplo modelar na família: não bebia não fumava. Não frequentava restaurantes, cafés, a sua vida era de casa para o escritório, do escritório para casa e acompanhava com a esposa para toda a parte. Veio um dia a ter conhecimento com um casal nórdico. Meses depois o marido morria. Ele ofereceu-se para consular a viúva inveterada bêbeda. Após trinta anos de casado, divorciou-se da mulher para casar com a amante...cometeu um terrível roubo no escritório prejudicando todos nós no nosso património. A bêbeda não durou muito tempo. Foi a enterrar e o Eleutério por aí anda arvorado em viúvo de revista. (Martins, 1980, p. 30)

A história de Eleutério é representativa de como as aparências podem enganar e de como a vida pode tomar rumos imprevisíveis. Homem virtuoso, que dedicava a sua vida à família e ao trabalho, vivia afastado dos vícios e prazeres, representava a fidelidade e responsabilidade até que a vida lhe apresentou um novo caminho. O encontro com o casal nórdico foi o primeiro sinal de mudança. A vulnerabilidade da viúva, perdida na sua tristeza e consumida pelo álcool, acordou em Eleutério o desejo de se sentir útil, talvez, para fugir da monotonia de sua antiga vida. No entanto, a narrativa mostra que essa situação rapidamente se transformou em algo transgressivo, levando-o a romper com sua própria história e a divorciar-se da esposa. O roubo cometido por Eleutério, no escritório, é um ato que paradoxalmente reflete não só a sua decadência moral, mas também a busca por um estilo de vida que contradiz tudo o que ele representava. A morte da nova mulher parece fechar um ciclo de curta duração. Tornou-se então um viúvo de revista, simbolizando isto uma nova fase de sua vida, em que as inquietações e os erros do passado se misturam com uma tentativa de construir uma nova imagem pública.

Irma, por sua vez, é vista da seguinte forma:

A seguir a Irma.... Nunca nos suportamos. Passa quase os dias inteiros fechada no quarto e outros tantos sem se dirigir a alguém. À mais subtil contrariedade, fixa-nos de olhos arregalados, começa a gritar e atira-se ao chão a espernear. Não me pode ver, não nos falamos e a sua presença é-me relevantemente irritante. (Martins, 1980, pp. 30,31)

O texto de Carlos Martins sublinha que a relação de Élvio com a Irma é tensa e difícil. Embora seja comum existirem desentendimentos entre irmãos, o caso concreto parece ir além disso, já que os comportamentos de Irma parecem indiciar algum tipo de doença ou distúrbio mental.

Quanto a Venâncio, as observações são também sarcásticas:

Agora Venâncio. Lábio superior à Habsburgo, manias de aristocrata. Afecta ares de probidade, mas ... um malandrão!... De um cinismo a toda a prova. Casou com uma tipa de terceira ou quarta mão, mas com fortuna. Como durante o namoro quisesse-se manter-se financeiramente, foi conivente com o Eleutério em roubar os irmãos. (Martins, 1980, p. 31)

A condição do lábio superior do irmão assemelha-o aos membros da Casa de Habsburgo. Os casamentos entre familiares muito próximos levaram à desordem genética desfigurativa designada por prognatismo mandibular. Esta condição faz acentuar a sua pretensa aristocracia e traz à tona algumas questões relativas à hipocrisia social. A sua junção ao irmão Eleutério para roubar os restantes irmãos, bem como a sua estratégia de se casar com alguém de uma classe social superior revelam uma ambição disfarçada e um profundo cinismo. Além do casamento por interesse, ao referir-se ao casamento com uma “tipa de terceira ou quarta mão”, também se alude no romance ao preconceito da virgindade como então era entendido. Atente-se que o que na altura era entendido como um atributo essencial, nas décadas seguintes, não só deixou de o ser, como, nalgumas circunstâncias, passou a ser considerado uma desvantagem.

A narrativa de Carlos Martins destacará mais dois irmãos. As observações quanto a Eurico são lacónicas, mas reveladoras do pensamento de Élvio:

Vem depois o Eurico que aos 15 anos fugiu clandestinamente a bordo de um navio para a Argentina e nunca mais ninguém soube dele! Não o censuro, foi o mais ajuizado. (Martins, 1980, p. 31)

Além de elogiar o irmão que teve a coragem de abandonar a família lunática, faz-se aqui uma referência à emigração clandestina, já por nós referida no capítulo anterior. Contudo, o livro nada acrescenta sobre as razões que terão levado o irmão a esta fuga.

Por fim, vem Leonor, por quem nutre laços fraternos:

Leonor um ano mais velha do que eu. A única pessoa de toda a família de quem eu mais gostava!... Para um convento! Não é por ser minha irmã, mas é de verdade linda. Assim como a Irma é um estafermo! A Leonor é genuinamente boa rapariga! Virtude tão rara na época que atravessamos. Tive sempre a impressão de ela e eu sermos demasiado gentis para vivermos em comunidade com esta gente. Foi sem dúvida esse uma das principais razões que a levaram a professar. Eu e ela, internados no estrangeiro em colégios no estrangeiro, desde muito novos, a nossa família afigura-se-nos como estranho ... E pior ainda, após toda aquela preparação colegial e social, pretenderem que nos integremos no seu âmbito de comezinhos burgueses. (Martins, 1980, p. 31)

A imagem de Leonor representa a pureza e a virtude que parece destoar de todo o restante ambiente familiar, sugerindo-se, assim, uma crítica à mediocridade e ao materialismo da sociedade burguesa. A relação com a irmã destaca a sua singularidade, reforçando a ideia de que as virtudes genuínas são raras e, muitas vezes, não apreciadas no mundo contemporâneo. A menção ao internamento em colégios internos por onde ambos passaram, bem como a distância da família, também contribui para aumentar a proximidade dos irmãos. No romance, destaca-se ainda o alto nível de educação obtido por ambos no estrangeiro que os faz elevar a uma espécie de superioridade em relação à forma básica e burguesa que se vivia na Madeira. Em todo o caso, revela-se também aqui o destino de muitas mulheres: a clausura e a castidade.

Resta o próprio Élvio:

E por último, lá venho eu o mais novo. Considera-mo também meio fosforado, mas não admira, provindo de semelhante família. Congéneres manifestações são hereditárias. E o mais interessante é, eu ser tido como tal entre eles, sem apreciarem as suas pessoas, que aliás, evidenciam-se muito mais lunáticos do que eu. (Martins, 1980, p. 31)

Élvio refere-se a si próprio como tendo um caráter colérico, característica ou comportamento que, embora atribua a si mesmo, afirma ser um traço hereditário. Apesar disso, refere que os familiares de quem herdou a têmpera colérica não têm consciência desta situação, sendo, efetivamente, mais lunáticos do que ele.

3.2 Sociedade, religião e aparências

Em *O Grande Amor da Irmã Elsa* está presente uma sociedade patriarcal regida pelos imperativos do homem, competindo ao pai, enquanto chefe da família, encabeçar o topo da hierarquia familiar, sendo responsável pela estruturação da família. O *paterfamilias*, com as atribuições referidas, também simboliza, de certo modo, a sociedade madeirense: muito religiosa, focada nas aparências e no parecer em detrimento do ser. Aliás, se atentarmos não apenas às duas obras do *corpus* desta

dissertação, mas a outras de Carlos Martins, encontramos uma sociedade religiosa e fortemente preocupada com a opinião dos outros.

A ideia de um Funchal inscrito nas aparências é referida em “O Funchal na narrativa literária e na crónica”, por Ana Isabel Moniz e Thierry Proença dos Santos, conforme se segue:

Obras como *Eternidade*, *Canga*, alguns romances de Carlos Martins e o conto “A Princesa Encantada” de Viale Moutinho oferecem um outro perfil, o do “falso herói” funchalense dotado de uma “mente pequenina” que prefere “ter” a “ser”. Por vezes nas narrativas de ficção de ambiente urbano o narrador tende a assumir um tom crítico, denunciando a teatralização das relações humanas na Cidade, assente em novas tendências, preterindo valores tais como a competência, a responsabilidade e a honestidade. (Moniz e Santos, 2011, p. 54)

O “ter e as aparências” são efetivamente aspetos focados no romance em análise. Carlos Martins refere que, não sendo família de Elvino Montenegro de origens abastadas, tem uma situação bastante privilegiada. O seu pai “é um dos católicos mais bem considerados cá da ilha, no entanto, pobre e sem nada herdar, tornou-se milionário muitos anos antes de eu ter nascido” (Martins, 1980, p. 29). O escritor distingue, ainda, as famílias de origem abastada daquelas que também o são, mas não têm linhagem. Ou seja, quem já nasceu rico e quem se tornou rico ao longo da vida. Quem já nasceu rico, nasceu numa família que já possuía riqueza e recursos financeiros e isso pode ter-lhe proporcionado inúmeras vantagens, tais como estudar, viajar e contactar com outras realidades. Ao contrário, quem se tornou rico, embora tenha tido capacidade de acumular riqueza ao longo da vida, não teve as mesmas oportunidades sociais e culturais, nem tão pouco acesso ao ensino - pelo menos nos mesmos termos dos afortunados por nascimento - e não vivenciou as mesmas experiências sociais de quem já nasceu rico com tudo o que daí pode advir. Constatamos que estas situações, “rico de nascença” e “novo-rico”, parecem estar presentes no Funchal da época em que decorre a obra. Se assim não fosse não merecia o destaque que lhe dá o autor. O pai de Elvino Montenegro, Jerónimo Montenegro, pertence então à categoria dos novos-ricos. Não nasceu numa família rica, mas enriqueceu, como o próprio Elvino refere: tornou-se milionário.

A questão do “ter” não é, contudo, nova. Ao longo de tempos, foi sempre uma questão fundamental para o ser humano. De facto, para conseguir sobreviver, o homem sempre precisou de bens, que, sendo escassos, desencadearam uma luta pela sua posse. Por isso, as sociedades organizaram-se em volta dos bens que possuíam e dos que poderiam conquistar.

A leitura do romance histórico de João de França, *António e Isabel do Arco da Calheta*, reportando-se ao século XVI, permite verificar que a sociedade madeirense se estruturava desta forma, evidenciando a importância que a posse e propriedade de bens ocupava na vida das famílias:

Ainda assim, o velho fidalgo galego não parava de sonhar. Uma das outras duas filhas estava solteira, por sinal a mais nova e sua preferida: a bela e bonita Isabel. Não porque não houvesse pretendentes, mas porque o pai não a queria ver casada com um fidalgo qualquer. Ia mais longe a ambição: alcançava a casa apalaçada do donatário, na cidade, onde o senhor da capitania tinha filhos solteiros, puros descendentes do grande Zarco, tão ricos e fidalgos, quanto a sua Isabelinha o era. (França, 2021, p. 38)

Sérgio Guimarães de Sousa, no posfácio da obra indicada, refere que:

Uma das vantagens de se lerem romances históricos reside na possibilidade de reconhecermos o quanto as normas civilizacionais constituem códigos historicamente construídos.

(...)

De facto, o matrimónio em sede de fidalguia dependia de acordos destinados a manter ou mesmo favorecer o valor linhagístico e patrimonial das famílias implicadas. (França, 2021, p. 253)

Parece poder concluir-se que a leitura do romance histórico permite desenvolver uma consciência crítica acerca das raízes e da evolução das normas que regem a sociedade, e reconhecer ainda a continuidade e a transformação das tradições sociais, revelar também como o casamento era usado como instrumentos de poder e controle, destacando assim o valor da linhagem e do património em detrimento dos sentimentos pessoais. A análise desses aspetos no romance histórico de João de França permite-nos

compreender a forma como, na Madeira, as relações sociais e familiares eram organizadas, e como essas dinâmicas ainda ressoam nas estruturas sociais contemporâneas de *O Grande Amor da Irmã Elsa*.

Na obra em análise, o escritor reforça a importância que se atribui à religião, ou não estivéssemos, como já antes referido, numa sociedade em que ela é o principal pilar. Jerónimo Montenegro é referido “como um dos católicos mais bem considerados cá da ilha” (Martins, 1980, p. 29). Podemos assim notar que, até no meio urbano, a religião continua a ter uma forte presença. Provavelmente com um impacto social e pessoal na vida de cada indivíduo menor que no meio rural, mas, ainda assim, com um grande peso. Jerónimo Montenegro é católico, e uma pessoa importante. Ao longo da obra, esta menção volta a ser feita, quando Elvino Montenegro se cruza com o escritor Marco Carlos, e se apresentam. O escritor sublinha: “Élvio Montenegro, filho do nosso virtuoso cristão católico Jerónimo Montenegro” (Martins, 1980, p. 115).

Atualmente, cerca de 70 anos após o período em que decorre a ação, podemos perguntar-nos se alguém seria definido desta forma, apresentando-se como um dos católicos mais importantes da ilha. Cremos que a religião não tem hoje, em termos sociais, a importância que tinha nos anos cinquenta/sessenta do século passado. Ser ou não católico deixou de ser uma forma de definir alguém em termos sociais e culturais.

O escritor Marco Carlos não se limita a referir que Jerónimo Montenegro é cristão católico, diz também que ele é virtuoso. Desta forma, parece-nos que a verdadeira intenção do escritor Marco Carlos, que à semelhança do que acontece noutras obras representa o escritor Carlos Martins, ao referir-se ao “nosso virtuoso cristão católico Jerónimo Montenegro” (Martins, 1980, p. 115), critica a sociedade madeirense. A figura de Jerónimo representa o tipo de figura social repleta de virtudes, esconde uma série de imperfeições na sua vida pessoal ou privada, já que, para se tornar milionário, “lançou mão dos mesmos processos e expedientes, como todos os outros, para atingir esse fim” (Martins, 1980, p. 115).

Sendo Jerónimo Montenegro milionário, é normal que Elvino, seu filho, não apresente qualquer sinal de preocupação financeira. Tem o seu próprio automóvel, nunca deixa de ir ao Hotel Reid ou ao Casino, de pernoitar num qualquer hotel da ilha, pedindo que lhe sirvam os melhores pratos e as melhores bebidas. Veja-se, ao fim de uma memorável noite de Carnaval, pelas sete e meia da manhã, como Elvino e a estrangeira de nome Eve prolongam a noite. No Santo da Serra, dirigindo-se a um dos Hotéis da zona, Elvino ordena:

Entrou com Eve para o bar, sentaram-se ao balcão, e ordenaram ao criado que ali comparecera, para que lhes servisse aguardente inglesa, toucinho fumado e ovos. (...) Mande preparar o quarto do fundo, da ala direita. Ficamos para lanchar. Na altura, tocamos para informar se ele nos será servido no quarto ou cá em baixo. (Martins, 1980, p. 23)

Situações como estas repetem-se ao longo da narrativa, como aliás nas várias obras de Carlos Martins, que, desta forma, retrata o luxo em que vivia a sociedade burguesa madeirense.

Também não pode deixar-se de referir as semelhanças entre Élvio Montenobre e Fernando Porto Moniz, o galã de *Madeira Mar de Nuvens*, o primeiro e mais emblemático romance de Carlos Martins, como já referimos e que também dá conta de um Funchal aberto ao mundo. Ambos os protagonistas representam o sucesso masculino da noite burguesa madeirense e vivem vidas cosmopolitas.

Tal como está presente a crítica ao luxo em que vivia a burguesia funchalense, a questão das aparências é igualmente central na sociedade descrita pelo escritor em *O Grande Amor da Irmã Elsa*. Veja-se, por exemplo, como a mãe de Élvio, na sequência do acidente de viação que o filho sofre, a propósito da morfina que tem de tomar para suportar as dores, podendo criar possibilidade de alucinações e determinar o seu internamento num hospital psiquiátricos, sentencia:

Deus me livre, alguém da minha família, vir a transformar-se num desses indesejáveis! Nem mesmo eu, nem o meu marido, consentiríamos em tal. Expulsá-lo-íamos de nossa casa. Que fosse coabitar com os degenerados perversos da sua têmpera. (Martins, 1980, p. 252)

Pode verificar-se que as aparências se sobrepõem ao amor dos pais pelos filhos. Serão estes os ensinamentos doutrina da igreja católica que, como vimos, está enraizada na sociedade? Que os pais reneguem os filhos, os expulsem de casa se eles não forem um modelo de virtudes? É esta a doutrina da igreja católica? É assim que a igreja manda proceder com um filho que se torna dependente de uma substância química, de uma droga? Parece que a esta família, que representa um modelo de famílias desta sociedade

madeirense, apenas interessa os filhos se estes forem um padrão de virtudes a seguir, se forem motivo de orgulho, e ajudarem a passar a imagem de uma família perfeita.

Também em *A Grande paixão do Padre Abel Caim*, obra analisada no capítulo anterior, está bem presente a cultura das aparências. Em relação ao facto de o Padre Abel Caim ser amante da afilhada, o que realmente importava não era ele desrespeitar os votos que fez ao assumir o sacerdócio, mas não ter sido capaz de viver aquela situação sem que viesse a público. O que verdadeiramente parece importar à sociedade retratada por Carlos Martins, em ambas as obras, não é a verdade, mas aquilo que somos capazes de fazer passar ou ocultar aos outros.

Em *Madeira Mar de Nuvens*, o diálogo entre o protagonista, Fernando Porto Moniz, e sua amante, Ramona Donaldson, em relação ao casamento, é igualmente elucidativo desta cultura: “Terás que assumir as funções de dona de casa e dar receções à sociedade a que pertencemos, pois ela assim nos exige” (Martins, 1945, p. 109). O casamento é entendido como trazendo consigo uma série de obrigações sociais que têm de ser cumpridas com vista a manter as aparências. Ser casado implica agir de acordo com um determinado modelo. Um modelo que compreende cumprir uma série de obrigações sociais, como receber convidados em casa de acordo com as regras de etiqueta vigentes, e sempre passando uma imagem de grandes virtudes e de família feliz.

Em *A Mulher que o Diabo me Ofertou* verifica-se, igualmente, uma grande preocupação com as aparências: Atente-se ao pensamento de Montesaude, companheiro da protagonista, Ângela Vilarides:

Refleti na minha vida e invadiu-me um complexo de incertezas, do que poderia vir a ser o meu futuro e de Ângela. Não que eu pensasse separar-me dela. A paixão, o amor que sempre lhe dedicara, mantinha-se candente. Simplesmente durante quanto mais tempo poderíamos adaptar semelhante vida, sem virmos a ser, não só justificadamente censurados, como proscritos por uma sociedade com a mínima noção de decência? A cena da bandeja e do nudismo aquela hora, haviam de estar já propagadas por toda a Lisboa. Se Ângela não tivesse mão em si e eu nela, viríamos a ser considerados um par de libertinos. (Martins, 1975a, p. 109)

Carlos Martins parece querer demarcar-se do mundo de futilidade em que vive a sociedade madeirense, valorizando o que as pessoas verdadeiramente são e não o que têm ou pretendem ser. Veja-se o diálogo que Marco Carlos, protagonista do romance e também

alter ego de Carlos Martins, em *As Figuras De Proa do “Marco-Wanda”*, desenvolve com o mestre Varela, arrais do iate “Marco-Wanda”:

- Mas os altos cargos, senhor Marco Carlos, são para gente fina...
- Qual gente fina, nem gente grossa! Que é essa coisa de gente fina?
- Quero dizer a nobreza...
- A nobreza apenas existe no caráter, nos sentimentos de cada indivíduo. Não subsiste, não há outra escala com que seja possível classificar, distinguir, calibrar e separar os seres humanos uns dos outros. (Martins, 1975b, p. 166)

Verificamos pelas situações referidas nas várias obras de Carlos Martins que a sociedade madeirense parece estar focada no que consegue mostrar aos outros e não na autêntica essência de cada indivíduo. Trata-se, aliás, de uma mensagem que, no romance em análise neste capítulo, os pais pretendem passar aos filhos, de modo que eles perpetuem a sua forma de pensar e agir. Pretende-se consolidar e manter uma estrutura de valores, que foi passando de geração em geração.

3.3 Do cosmopolitismo e abertura ao mundo à rendição ao amor tradicional

A questão inicial de *O Grande Amor Da Irmã Elsa* prende-se com a doença de Leonor, filha mais nova da família Montenegro, que, tendo enveredado pela vida religiosa, vive num convento na Bélgica⁶. Tomando conhecimento da tuberculose da filha, os pais decidem ir buscá-la para trazê-la de volta à Madeira de onde é encaminhada para um sanatório em Lisboa, dado que a ilha já não era considerada um local de cura para esta enfermidade.

No século XIX, vários escritores portugueses procuraram a ilha da Madeira, em busca de melhoras para a tuberculose. Foi o caso de Júlio Dinis, que viveu no Funchal durante várias temporadas, e de António Nobre, que também esteve na ilha em busca de remédio para os males do peito, dando o seu nome a um Largo da cidade. De facto, a afluência ao Funchal de escritores enfermos, em busca de cura para os seus males, era

⁶ De certo modo, este romance inscreve-se no traçado das narrativas que, já nos séculos anteriores impunham às filhas vida no convento. Assim acontece, por exemplo, em *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco.

tanta que António Fournier, em *12 Meses no Funchal*, “Um Funchal Eterno”, se refere à cidade como “citta dolente e melancólica dos escritores oitocentistas que a demandavam à procura de um ideal que se chamava saúde” (Fournier, 2008, p. 013).

A Madeira no século XIX, e início do século XX, devido ao seu clima, era um local privilegiado para a cura da tuberculose, mas perde a sua importância a partir do momento em que a medicina passa a usar antibióticos no tratamento da doença. Rui Manuel de Campos Matos, em *A Arquitetura do Turismo Terapêutico*, salienta a importância da Madeira e das Canárias como locais de cura da tuberculose, então transformados em locais de turismo terapêutico:

Nos arquipélagos da Madeira e Canárias, o turismo terapêutico foi, fundamentalmente, uma cura de ares, isto é, tirou partido das propriedades climatéricas das ilhas e das supostas qualidades do seu ar como forma de tratamento das «doenças do peito» e, em particular, da tuberculose. (Matos, 2016, p. 26)

A evolução dos tratamentos para a tuberculose, ao longo do século XIX e início do século XX, resultou numa terapia eficaz, que marcou o fim da era da climatoterapia, baseada na exposição dos pacientes a climas favoráveis como forma de tratamento. A busca por medicamentos específicos resultou na criação da tuberculina e soros, bem como na utilização de antibióticos a partir de 1945:

Só nas duas últimas décadas do século XIX os esforços se concentraram na procura de um medicamento específico para a cura da doença: surgiram, então, a tuberculina e os soros. Finalmente, a partir de 1945, a utilização de antibióticos acabaria por pôr fim à era da climatoterapia. (Matos, 2016, p. 27)

No romance em análise, o protagonista Élvio Montenobre não poupa críticas à opção religiosa de Leonor nem à igreja, afirmando que a sua doença é consequência da opção pueril de ir para um convento. Afirma, também, que a igreja tem interesse na sua doença e na sua morte, para ficar com a sua herança. Élvio culpa igualmente os pais da doença da irmã, por terem consentido a sua clausura. O protagonista sugere que o convento onde vivia Leonor não foi diligente em relação à sua doença, que são uns

ladrões, que querem ficar com o dote de Leonor. Já o pai e a mãe acreditam que a maleita aconteceu por vontade expressa de Deus.

Embora a ida para um convento fosse comum entre as famílias mais pobres, como forma de encontrar uma vida melhor, não é esse o caso de Leonor Montenobre cuja opção se deveu exclusivamente à religiosidade familiar. Carlos Martins não deixa, contudo, de referir-se a essas situações, nomeadamente em *As Figura Proa do “Marco-Wanda”*, quando narra a situação de uma criança neta de uma das criadas de Wanda Olga. Sustenta que, uma vez trabalhando em casas de famílias religiosas, a criança poderia mais facilmente enveredar pela vida religiosa e daí conseguir melhorar a sua vida: “De uma casa daquelas, a minha neta se quiser, pode ir para um convento para irmã ou esposa de Nosso Senhor” (Martins, 1975b, p. 121).

Além da vocação e de um meio para atingir uma vida melhor, existiam outras situações que podiam levar uma mulher, jovem ou não, a entrar num convento. Nelson Veríssimo, na nota de apresentação de *Os Mistérios Do Funchal*, de Ciríaco de Brito Nóbrega, refere o caso das mulheres que se recusam casar conforme as imposições do pai, sendo-lhes imposto o convento como castigo: “Por recusar um casamento, sugerido pelo pai, a jovem será internada no convento da Encarnação na condição de recolhida”. (Nóbrega, 2028, p.13) ⁷. Nóbrega sublinha ainda que o convento também era um local para onde as senhoras se retiravam, devido a amores impossíveis. É o caso de Margarida, apaixonada pelo pároco da freguesia, a quem a tia sugere: “Vai Margarida; trabalha por esquecê-lo. Deus há de ajudar-te!” (Nóbrega, 2028, p. 52). A sobrinha, por única resposta, fitou-a “com os seus belos olhos rasos de lágrimas” (Nóbrega, 2028, p. 52). Esta questão da clausura é transversal, pois, a vários escritores.

Em *O Grande Amor da Irmã Elsa*, após recuperar num Sanatório em Benfica, onde esteve internada durante oito meses, Leonor regressa à Madeira, trazida de barco pelos pais. À sua chegada, prudentemente, não abraçou os familiares, mas Élvio enlaçou-a e beijo-a nas faces, o que demonstra a sua proximidade com a irmã, mas também a sua irresponsabilidade, já que, embora recuperada da doença, Leonor podia não estar completamente curada.

A narrativa de Carlos Martins vai revelar que, ao regressar à ilha, a jovem Leonor revela uma transformação surpreendente. Não parecia estar a regressar de uma casa de

⁷ Assim acontece com Teresa Albuquerque em *Amor de Perdição*.

saúde para tuberculosos. Para a sua chegada, “a família e a criadagem da residência de seus pais, dedicara-se toda a decorar e a enfeitar a casa como nunca até à data se consagrara” (Martins, 1980, p. 70), descrição bem característica do autor que, como já referimos anteriormente, tende a usar uma certa megalomania na sua escrita ficcional. O Bispo é convidado para o jantar da chegada de Leonor, revelando-se aqui a proximidade das famílias endinheiradas à Igreja. Élvio, adverso a esta situação, durante o jantar, tudo faz para não beijar o anel do Bispo, um hábito obrigatório na época e revelador da submissão da sociedade à Igreja.

O Bispo oferece os serviços das irmãs do Convento das Carreiras, religiosas com curso de enfermagem, para, durante uma temporada, cuidarem de Leonor, que iria ainda precisar de alguns cuidados. Para isso, prontifica-se a enviar a religiosa mais competente do convento. Élvio, desagradado com a situação, diz para si próprio: “Era só o que faltava!... Uma daquelas sacas de batatas aqui em casa” (Martins, 1980, p. 86). O romance vai demonstrar que Élvio se vai apaixonar por umas das “sacas de batatas”, assim descrita no texto. Nos seus pensamentos, o protagonista lembrou-se ainda, com desagrado, de uma situação por que havia passado:

Ocorreu-lhe uma ocasião em que fora ao Monte e umas tantas freiras vieram ocupar assento em bancadas ao seu lado...fazia um dia de muito calor e elas exalavam um olor a azedo...ou como que a armazém de bacalhau. (Martins, 1980, p. 86)

Ruminou ainda: “desta vez é que esta casa vai ficar totalmente impregnada pelo bafio de sacristia!” (Martins, 1980, p. 89).

O escritor revela desta forma, uma imagem estereotipada das religiosas, que, como esposas de Cristo, pouco cuidavam da sua imagem e higiene pessoal. O tempo, contudo, mostrará a Élvio que a Irmã Elsa em nada corresponde a essa ideia estigmatizante.

Enquanto Jerónimo Montenegro representa o provincianismo da sociedade funchalense de meados do século XX, o filho Élvio revela o cosmopolitismo da cidade. Frequenta regularmente os cafés, nomeadamente o Golden Gate, onde lancha com os amigos e passa as noites nos hotéis de cinco estrelas que começam a proliferar na cidade do Funchal. O périplo da noite passa inevitavelmente pelos hotéis Reid e Savoy e também

pelo Casino. Contrariamente a Élvio, o pai nunca frequentou um café a não ser no estrangeiro, pois, apenas nesse contexto, teve necessidade de deslocar-se a esse locais para poder tomar alguma refeição.

O cosmopolitismo do Funchal também nos é anunciado pelo movimento de navios no seu porto, revelando-se desta forma a abertura da ilha ao mundo, que no romance se materializa através das viagens de navio que o patriarca da família faz acompanhado da matriarca, com o intuito de trazer de volta a filha Leonor, da Bélgica.

Da modernidade funchalense faz parte a vida mundana. Presente nesta obra, bem como na restante ficção de Carlos Martins, apresenta-se intrinsecamente ligada à cultura dos excessos de álcool. Veja-se que, em *Madeira Mar de Nuvens*, bebe-se champagne quase do pequeno-almoço ao deitar, em *O grande Amor da irmã Elsa*, bebe-se aguardente inglesa até de madrugada, e em, *A grande paixão do padre Abel Caim*, embora de forma menos ostensiva, bebe-se vinho.

Em todo o romance, está patente esta cultura de excesso de consumo bebidas alcoólicas. A comprová-lo, atente-se na situação em que Élvio Montenegro e os amigos se encontram no bar de um hotel do Funchal, com o escritor, Marco Carlos, que os convida a beber:

Assim mesmo! Exclamou o escritor – rapazes despachados é o que precisamos aqui na Madeira – e interpelando o empregado de bar mais próximo – serve-nos aguardente inglesa.

Ainda temos ali os nossos copos, informou Élvio.

Esvaziem-nos e tornem a esvaziar os que encomendei

Os rapazes beberam a aguardente inglesa que lhes restava de um trago e voltaram a reunir-se ao escritor e às suas companheiras. (Martins, 1980, p. 116)

Os encontros entre o escritor Marco Carlos e o protagonista sucedem-se, e a relação entre ambos solidifica-se. Numa das noites em que protagonista se cruza com o escritor, e bebem juntos, apresenta-lhes umas amigas estrangeiras e, a partir daí, Élvio passa a frequentar a sua casa. Esta situação leva-nos a destacar o desgosto dos pais perante esta proximidade, representando para eles um grande desgosto, já que revela a opção do filho por uma vida oposta àquela que eles consideram certa. Por outro lado, evidencia as semelhanças entre a ficção e a realidade, que, mais uma vez, marcam lugar na obra de

Carlos Martins. O escritor Marco Carlos representa, no romance, o escritor Carlos Martins, que desta forma se torna personagem das suas obras. Quadros semelhantes se verificam em *Madeira Mar de Nuvens*, *A Mulher que o Diabo me ofertou* e *As figuras de Proa de “Marco Wanda”* e até em *A Grande paixão do Padre Abel Caim*.

A proximidade identitária de Élvio Montenegro a Marco Carlos é grande. Ele identifica-se com o autor que vive numa vivenda fantástica à beira-mar. A sua existência é tal como ele tinha imaginado, como patente no seguinte excerto:

Livre, independente, sem família para o importunar, oprimir, tiranizar; e ainda aquela atmosfera de sombrio claustro que principiara já a gerar-lhe hipocondria. (...) Tinha fortuna pessoal, tornou-se escritor apenas para passar o tempo e dar expansão ao seu exuberante talento, e, assim, desinteressadamente, valorizando como nunca ninguém fez, a literatura da ilha onde nascera. Tudo isso causava despeito, a um meio mesquinho, como era o madeirense. Convivia no meio cosmopolita dos hotéis, e estava-se nas tintas para a restante balofa sociedade de toda a ilha da Madeira. (Martins, 1980, p. 119)

Marco Carlos é apresentado como um indivíduo livre do poder familiar, que, apesar da sua fortuna, decide tornar-se escritor, apenas para aproveitar o tempo e o talento, e utiliza a literatura como meio de expressão e valorização da sua identidade e da sua terra natal. Distancia-se da sociedade madeirense, hipócrita, pretensiosa e desinteressante, já que vive uma vida cosmopolita nos hotéis na ilha, afastado, portanto, dos seus conterrâneos, que considera atrasados.

Em *O Grande Amor Da Irmã Elsa*, Carlos Martins não perde oportunidade, como nos seus restantes romances, para criticar o poder político e religioso, que, na sua perspetiva, pouco faz pela Madeira. Por isso, apesar das vivências descritas na obra revelarem um certo cosmopolitismo da ilha, a conversa de Élvio com duas estrangeiras, que conheceu nas noites do Funchal, revela um lugar atrasado, referido da seguinte forma:

Encetaram conversação mais ou menos banal acerca das belezas panorâmicas da Madeira, banhos de mar, filmes que as raparigas haviam visto anos antes na Inglaterra e que no Funchal são estreados como grande novidade, os carros de bois e de tração humana do Monte para a cidade e estado deplorável em se encontram as ruas da mesma, sem haver quem providenciasse acerca de tão desautorizado escândalo em detrimento da ilha e da sua população. Causou também péssima

impressão às raparigas, ao serem informadas, na Madeira, uma ilha de trezentos mil habitantes só existir um hospital. (...) mas a qualquer altura que subamos na cidade do Funchal avistam-se infindáveis igrejas e capelas. (Martins, 1980, p. 116)

Os excessos de álcool e de velocidade levaram o enredo do romance a incluir um acidente de viação. Não era Élvio o condutor, mas um dos amigos com quem compartilhava as noites funchalenses com as estrangeiras que, assim, desfrutavam da vida na ilha. Morrem seis jovens das mais distintas famílias madeirenses, tendo Élvio conseguido sobreviver. Após uns dias de internamente hospitalar, é trazido para casa e é a religiosa Irmã Elsa quem dele vai cuidar e por quem o protagonista se vai apaixonar. Esta paixão acontece muito rapidamente como é habitual nas obras de Carlos Martins e na sua própria vida.

A mãe aproveita as circunstâncias para lembrar ao filho que o acidente é consequência direta de os filhos não acatarem os conselhos dos pais. Mostra-se sobretudo muito preocupada com o escândalo da situação e com a opinião dos outros. A questão das aparências sempre presente ao longo da obra é aqui novamente destacada. Nesta sequência, veja-se, também, o que lhe diz a irmã Leonor: “Estiveste quatro dias no hospital. Depois eu e irmã Elsa, convencemos os pais a vires para casa. Ficaria mal teres família e ficares no hospital” (Martins, 1980, p. 224).

As censuras do pai prosseguem. Aproveitando para reafirmar a importância de os filhos seguirem os conselhos dos pais, adverte de que deverá aproveitar a nova oportunidade que o acidente lhe está a proporcionar. Assim não o fazendo, Élvio terá o Inferno como castigo eterno, no dizer do progenitor:

É isso, e coisas semelhantes, que sucedem, aos filhos que não aceitam os conselhos de seus pais o ser-te de novo concedido ingressares numa vida normal, este período pelo qual passaste. E do qual só por milagre te salvaste, que te sirva para refletires... Nosso Senhor também se enfada dos grandes pecadores. Para eles criou eles...o Inferno. (Martins, 1980, pp. 266,267)

Revelando o seu caráter resiliente, Élvio não se deixa abater pelas más experiências do passado, sendo muito diferente dos pais. O protagonista informa a mãe que pretender voltar a conduzir, o que a deixa a pasmada. Ordena-lhe que venda o carro,

ameaçando-o com o pai. Para contrariar a voz materna, Élvio recorre ao exemplo de uma Igreja que desabou em Espanha, onde morreram várias pessoas. O protagonista sustenta que não foi por esse motivo que os fiéis deixaram de ir à igreja, inclusivamente mandaram lá construir um novo templo. Vale a pena destacar que para a mãe essa gente morreu na igreja por vontade de Deus, tendo sido a sua morte, nessas circunstâncias, um privilégio: “foi um privilégio terem morrido num lugar sagrado” (Martins, 1980, p. 310).

Ao fim de uns dias as melhoras de Élvio são notórias e o médico considera-o fora de perigo. Retomando a consciência, apaixona-se pela irmã Elsa. Vale a pena destacar como o protagonista olhe para essa jovem: “À parte a sua impressionante formosura, apresentava-se o símbolo da concórdia e da felicidade para a paz conjugal” (Martins, 1980, p. 235). Carlos Martins evoca desta forma uma imagem poderosa de beleza e harmonia, sugerindo que, além da aparência física, a Irmã Elsa representa valores importantes como a felicidade no contexto de um relacionamento. Pode assim antever-se uma mudança no rumo dos relacionamentos amorosos de Élvio Montenobre. Apesar deste sinal de mudança, Élvio continua a não poupar críticas à religião, dizendo não compreender uma religião cujas crenças valorizam a virgindade e a castidade como as mais elevadas virtudes:

Uma religião onde a virgindade e a castidade são consideradas as mais preciosas virtudes que os mortais poderão oferecer aos Deuses... (...) esta conceção barbaresca prossegue atualmente, em nada se tendo alterado. As virgens são enclausuradas para esposas do Deus omnipresente. (Martins, 1980, p. 235)

A paixão pela irmã Elsa torna-se cada vez mais intensa “e tal como para as dores só havia um anestesiante, a morfina – da qual se vai tornando dependente, para as metamorfoses mercuriais do seu temperamento – a irmã Elsa” (Martins, 1980, p. 244). São vários os momentos de enamoramento dados a ver no romance. Élvio é confrontado regularmente com a beleza da irmã Elsa e com a sua formosura, “quando ia levantar o busto, uma ponta do toucado que se havia prendido entre a roupa e a barra da cama, causou aquele ser-lhe arrancado da cabeça e ficar-lhe pendurado ao pescoço” (Martins, 1980, p. 247) o que o deixa em êxtase. Prossegue, dizendo:

E assim adentro deste seu critério passou a considerar a Irma Elsa, não como uma religiosa votada a um Deus ortodoxo, mas sim como inocente e bem intencionada donzela emalhada na rede da interesseira seita de tiranos e mistificadores. (Martins, 1980, p. 248)

Compreende-se que o protagonista não consiga calar essa paixão. Acaba assim por declarar o seu amor à Irmã Elsa, dizendo-lhe: “nunca encontrei na minha vida, alguém como a senhora. Se tivesse encontrado, a minha existência teria sido certamente totalmente diferente. Não me teria transformado num revoltado e por fim num cético” (Martins, 1980, p. 273).

Nos seus pensamentos Élvio considera a irmã Elsa diferente de todas as mulheres que conhecera. Para ele, ela é “a encarnação da jovem que desde a sua adolescência, concebera para um dia vir a ser sua esposa” (Martins, 1980, p. 294). Revela desta forma, que, apesar da vida boémia que sempre levou, o que verdadeiramente procurava era o amor e o casamento. cremos que por aqui se revelam os traços do Romantismo, dada a forma como eram descritas as mulheres, como anjos e belas, já nessa época. O Romantismo, que floresceu no final do século XVIII foi um movimento que, ao longo do século XIX, valorizou a individualidade, a emoção e a natureza, muitas vezes em contraste com as normas e racionalismos da época anterior, o Neoclassicismo. Se pensarmos na produção de Almeida Garret, em particular, em *Flores sem Frutos* (1835) ou *Folhas Caídas* (1853) vemos a figura da mulher angelical por oposição à mulher diabólica.

As "mulheres anjos e belas" são efetivamente uma representação típica do ideal romântico, que frequentemente exaltava a pureza, a beleza e a espiritualidade feminina. Essas figuras eram muitas vezes idealizadas e colocadas em pedestais, simbolizando tanto a fragilidade quanto a força do amor e da inspiração. A natureza etérea e muitas vezes inatingível dessas mulheres refletia os sentimentos de anseio e melancolia que permeavam a literatura e a arte romântica. Portanto, a descrição de mulheres como "anjos e belas" é uma clara manifestação dos ideais românticos, que procuravam capturar a essência do amor, da beleza e da transcendência espiritual, podendo desta forma afirmar-se que a obra literária de Carlos Martins dialoga com esses traços, desconstruindo-os ou reinventando-os para uma leitura da sua época.

Num artigo publicado na *Revista Portuguesa das Humanidades, Mulheres proféticas na Literatura, História e Cultura*, intitulado “O que me adivinha o coração: dizer o futuro em *Lágrimas Abençoadas e Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco” Ricardo Nobre verifica a presença da mulher anjo (e da mulher fatal) na literatura do escritor português, já nele notando algumas refigurações:

Na literatura portuguesa, nenhum autor repercutiu melhor o papel do sentimento como motor da ação feminina do que Camilo Castelo Branco. Por sua vez, no conjunto da novela camiliana, a representação da mulher compreende algumas particularidades que se distanciam da imagem romântica estereotipada, que varia quase maniqueisticamente entre o bem da mulher anjo (projeção terrena da Nossa Senhora) e o mal da mulher fatal (projeção de Eva). (Nobre, 2016, p. 143)

De certa forma, Carlos Martins recupera uma filiação que também soube reconstruir, ora partilhando uma configuração, ora reformulando alguns traços.

Voltando de novo ao texto em análise, sobretudo para sublinhar o enamoramento do casal, um desabafo com a jovem leva Élvio a falar-lhe “da definhção das plantas, que se abstém de florir, e da definhção dos seres humanos, dizendo que poderá levar a pessoa assistente do desespero à degradação... tudo devido à pueril, inútil, mitográfica, quimérica consagração” (Martins, 1980, p. 301). A Irmã Elsa percebe a declaração e considera não ter condições para continuar a cuidar de Élvio.

No meio de uma conversa sobre religião entre a mãe e Élvio, Leonor pede-lhe que não continue a discorrer sobre motivos religiosos, e diz-lhe que ele devia ter em conta que foi graças a uma religiosa que se salvou. Ele responde impensadamente: “antes ela nunca tivesse vindo para esta casa!” (Martins, 1980, p. 311). A mãe chama-o ingrato dizendo: “pensar que criatura tão indigna tivesse sido gerada e saída das minhas entranhas” (Martins, 1980, p. 311). Ameaça esbofeteá-lo não fosse ele estar na cadeira de rodas, sustentando ainda: “deixa teu pai chegar... vou pô-lo ao corrente da situação e ainda hoje deixas esta casa... e não voltas porque não serás recebido” (Martins, 1980, p. 312).

Com a sentença de expulsão de casa, Élvio encontra uma solução para a situação deste amor impossível com a Irmã Elsa. Assim, é encaminhado para o Hospital dos Marmeleiros, mas para um quarto de primeira classe, o que revela a persistência de um

estilo burguês mesmo nas piores circunstâncias. Antes, porém, a Irmã Elsa dá-lhe uma injeção de morfina, pedindo-lhe que seja a última administração da substância. Contudo, Élvio acaba por ficar viciado.

Primeiro pede receitas ao Dr. Pedrosa, médico da família Montenobre, e depois acaba por arranjar morfina com os seus contactos numa farmácia de pessoas amigas. Ao sair do hospital, em vez de se hospedar numa pensão, Élvio opta por um quarto na zona dos Ilhéus e por tomar as refeições na rua. Já viciado na morfina acaba por ser socorrido pela senhoria que contacta o Dr. Pedrosa, para o ajudar. Este, por sua vez, contacta a família e põe-na ao corrente da situação. A mãe diz que não quer o filho em casa e afirma que ele deverá ser encaminhado para o hospital. Mas, a irmã Elsa e Leonor, ao terem conhecimento da situação, não o abandonam e vão ter à casa dos Ilhéus onde o reencontram.

Delirando, o jovem Montenobre, ao ver a Irmã Elsa, sentencia: “Não caminhe Elsa, não volte a abandonar-me, não posso viver sem si” (Martins, 1980.p. 342). Perante esta declaração de amor, ela responde: “Passarei a ser o seu anjo da guarda. Não voltarei a abandoná-lo” (Martins, 1980, p. 342).

Assim, no final do enredo, a irmã Elsa, rendida o amor que sentia por Élvio, diz ao médico que mande embora a ambulância que o ia levar ao hospital, pois nunca mais o vai abandonar. Este final é, sem dúvida, uma recuperação dos romances lacrimejantes tão em voga no século anterior, sobretudo de matriz romântica tardia.

Em todo o caso, a declaração de amor de Élvio à Irmã Elsa expressa uma vulnerabilidade profunda, indicando que a presença dela é essencial para a sua felicidade e estabilidade. A resposta da religiosa, por sua vez, transmite uma sensação de proteção e compromisso, sugerindo que está disposta a estar ao lado dele, oferecendo não apenas apoio, mas também uma forma de transcendência, ao se colocar como um "anjo da guarda". Este desfecho traça de um quadro que parece comum aos romances do século XIX, como, por exemplo, os romances de Camilo Castelo Branco, para sublinhar essencialmente a força do amor e a vitória das emoções sobre o poder das convenções sociais.

O médico sublinha em jeito sentencioso:

O Dr. Pedrosa olhou com bonomia a ex-freira e afirmou:
- Garanto sob a minha honra profissional, radical a cura!
É o Amor o mais eficaz estupefaciente e a mais maravilhosa panaceia existente no Mundo. Assim como é, de verdade, grande, sublime a sua Fé e o seu Amor...Irmã... senhora D. Elsa. Em breve senhora D. Elsa de Montenobre. (Martins, 1980, p. 343)

Carlos Martins, desta forma, destaca a força do amor, que tanto pode proporcionar êxtase como cura. Como força transformadora, é capaz de afetar profundamente a vida das pessoas. Embora, à primeira vista, o final do romance pareça estar em contraste com os seus livros e com a sua vida, por ser uma personalidade exuberante e moderna, de facto em momento algum o escritor nega o valor do amor no contexto de uma relação íntima homem/mulher.

Conclusão

Como tentamos demonstrar ao longo da nossa dissertação, Carlos Martins foi uma personalidade singular na sociedade madeirense, tendo a sua forma de viver, à margem das expectativas sociais, contribuído para construir a imagem de uma figura insólita. Ao contrário de muitos madeirenses, menos beneficiados pela fortuna e obrigados a cruzarem mares à procura de novas configurações sociais e culturais, o escritor não teve de sair da Madeira para procurar melhores condições de vida. A sua condição social permitiu-lhe viajar por opção e por prazer, já que fazia parte do grupo de famílias madeirenses abastadas. Foi a sua rebeldia ainda em criança que apressou a sua saída da região, rebeldia que continuou a manifestar pela vida fora, que lhe viria a valer a alcunha de “estroina” ou “brigão”, ficando assim conhecido na história literária e cultural da Madeira.

As suas obras refletem as suas vivências e emoções, havendo uma forte ligação entre a sua biografia e os temas abordados. Podemos afirmar que a principal inspiração da escrita de Carlos Martins foi a própria vida, ao ponto de os seus romances poderem confundir-se com a realidade. Efetivamente, falam da sua vida amorosa, intensa e preenchida, da sua existência alvoroçada, da infância e do facto de ter saído da Madeira por imposição do pai, da sociedade madeirense e da hipocrisia da igreja. Parece, pois, poder dizer-se que a obra ficcional de Carlos Martins parece ser uma transcrição da sua vida, descrevendo grande parte dela. A mistura de elementos autobiográficos com a ficção permite ao autor reinterpretar experiências, sentimentos e memórias.

Os protagonistas dos seus romances apresentam-se quase sempre como imagem do próprio autor. Espelhos de si mesmo, manifestam traços da sua personalidade e destacam-se por serem sempre os melhores, os mais ricos, os mais apessoados, os que fazem sempre as melhores escolhas, revelando um certo egocentrismo do escritor.

Carlos Martins teve uma vida repleta de luxo, vivendo inclusive parte dela no Hotel Savoy, de forma esplendorosa e opulenta. No entanto, os excessos levaram à delapidação do seu património, o que fez com que o seu final fosse menos exuberante. O valor mensal que recebia da empresa da família Freitas Martins não era suficiente para fazer face às suas necessidades e extravagâncias, tendo sido o subsídio atribuído pelo Governo Regional da Madeira a lhe permitir manter um padrão de vida consentâneo com as suas necessidades, embora nunca se aproximando da abundância em que nasceu.

Além de vários romances, Carlos Martins também escreveu diversos folhetins radiofónicos, alguns deles adaptação dos seus romances, e vários contos radiofónicos. O aparecimento da televisão terá colocado a rádio num segundo plano, o que terá levado o escritor a centrar-se na narrativa ficcional. É de sublinhar ainda a sua colaboração com vários jornais regionais, tais como: *Correio das ilhas*, *Comércio do Funchal* e *Voz da Madeira*.

O romance *A Grande paixão do Padre Abel Caim* revela a influência da igreja na vida rural da ilha da Madeira de meados do século XX e evidencia uma sociedade rural marcada pelo isolamento geográfico que contribui para que costumes e modos de vida mais fechados se mantenham impermeáveis à modernidade que já se fazia sentir na cidade do Funchal.

O escritor critica fortemente o papel da igreja na sociedade que, na sua perspetiva, sempre contribuiu para manter os homens na ignorância, para deles melhor se poder aproveitar, sendo que o peso da religião inegável em todo o país, na ilha da Madeira, por se tratar de um ambiente mais fechado, era ainda maior.

A ficção de Carlos Martins destaca também a pobreza em que viviam as populações rurais, e o sacerdócio reservado para os rapazes, como forma de escapar à escassez a que estavam condenados. Vinca igualmente a falsidade e a hipocrisia da doutrina da igreja, que enaltece a pobreza, mas vive na riqueza.

Carlos Martins também afirma que a humanidade entende mal a doutrina de Deus e revela-se contra o celibato religioso. Defende que verdadeiro intento de Deus é que os homens e mulheres se amem, aproximando-se, de certo modo, da visão defendida outrora por Alexandre Herculano. Defende que o amor afasta os pecados, aproximando-se de muitas tradições religiosas e filosóficas, em que o amor é visto como uma força poderosa para a transformação e o perdão, aliás, como defende a própria igreja católica que acredita que o amor é fundamental na relação entre Deus e a humanidade, sendo o amor ao próximo um dos mandamentos da lei de Deus.

Pode concluir-se que, em *A Grande Paixão do Padre Abel Caim*, o autor explora a forma como a igreja não só molda valores e comportamentos, como também impõe uma cultura centrada no pecado e na punição, refletindo assim a moralidade e as tradições da época.

O romance *O Grande Amor da Irmã Elsa* retrata o quotidiano de uma família madeirense da alta burguesia, imersa em tradições e costumes de uma época marcada por valores conservadores, sendo desta forma retratada a família madeirense burguesa da

cidade do Funchal. Espelha uma dinâmica social e familiar conservadora que reflete normas sociais que favorecem a autoridade patriarcal estruturada em princípios religiosos. O poder do patriarca, conferido pela igreja através do casamento, impunha-se a todos os que com ele viviam e dele dependiam. O seu poder era supremo dentro do núcleo familiar. Aos filhos e à mulher, enquanto dependessem dos pais, não era permitido qualquer escolha.

A sociedade religioso-patriarcal descrita por Carlos Martins no romance reflete uma visão de mundo profundamente enraizada na crença de que tudo o que acontece na vida é resultado da vontade divina. Essa perspectiva molda não apenas as atitudes individuais, mas também as relações sociais e a estrutura da comunidade. Os indivíduos são ensinados a aceitar os factos da vida com uma atitude de gratidão ou resignação, dependendo da natureza das experiências - as boas, recebidas com gratidão, e as más, encaradas como provações que devem ser suportadas com paciência. Essa visão do mundo implica uma submissão total à vontade de Deus, onde o destino de cada pessoa é considerado parte de um plano maior. A fé torna-se um pilar central da existência. A ideia de que as dificuldades e os sofrimentos são, de certa forma, testes da fé, reforça a noção de que a vida é uma jornada espiritual, onde o verdadeiro propósito é a purificação da alma e a conformidade com os desígnios divinos.

Nesta obra, Carlos Martins apresenta ainda um retrato crítico da família de Élvio Montenobre, refletindo a complexidade das relações familiares e os preconceitos que permeiam a sociedade madeirense. Através da descrição dos irmãos, dos pais e do próprio protagonista, expõe as disforias e as tensões que habitam essa dinâmica familiar, revelando como esses conflitos internos podem servir como microcosmos de questões sociais mais amplas. A narrativa não se limita a contar a história de uma família, mas transforma-se numa poderosa denúncia das desigualdades e intolerâncias que persistiam nas interações pessoais e na sociedade, em geral. Ao abordar estes temas, Carlos Martins convida o leitor a refletir sobre a importância da aceitação e do respeito pela diversidade e pela diferença.

Carlos Martins refere-se, também, à questionável proveniência da riqueza das famílias madeirenses abastadas, em geral, e à de Élvio Montenobre, em particular, parecendo estar a referir-se à proveniência da riqueza da sua própria família.

Em *O Grande Amor da Irmã Elsa* está presente uma sociedade patriarcal regida pelos imperativos do homem, competindo ao pai enquanto chefe da família, encabeçar

o topo da hierarquia familiar, sendo responsável pela estruturação da família. O *paterfamilias*, com as atribuições referidas, de certo modo, também simboliza a sociedade madeirense: com grande fervor religioso, focada nas aparências e no parecer em detrimento do ser. Aliás, se atentarmos não apenas às duas obras do *corpus* desta dissertação, mas a outras obras de Carlos Martins, encontramos igualmente uma sociedade religiosa e fortemente preocupada com a opinião dos outros.

Na obra mencionada, o escritor reforça a importância atribuída à religião numa sociedade em que esta é vista como o seu principal pilar. Mas é também neste romance que se sublinha o contraste entre várias vozes do texto.

No romance, o provincianismo da sociedade funchalense de meados do século XX é representada por Jerónimo Montenegro, o chefe da família, enquanto o filho Elvino revela o cosmopolitismo da cidade. Frequenta regularmente os cafés, como o Golden Gate, onde lancha com os amigos e passa as noites em hotéis de cinco estrelas que começam então a proliferar na cidade do Funchal.

A abertura da ilha ao mundo é-nos anunciada pelo intenso movimento de navios no porto do Funchal, bem como pelas viagens de navio que o patriarca da família faz acompanhado da matriarca para trazer de volta a filha Leonor da Bélgica. A vida mundana está nesta obra intrinsecamente ligada à cultura dos excessos de álcool, de resto bem presente em toda a ficção romanesca de Carlos Martins.

O autor destaca a força do amor, afirmando-a como força transformadora e como motor da complexidade identitária, capaz de afetar profundamente a vida das pessoas.

Parece-nos, pois, podermos concluir que a escrita de Carlos Martins aprofunda as complexidades da identidade madeirense, explorando temas que se entrelaçam na vivência do dia a dia de uma sociedade patriarcal de meados do século XX. Destaca a tensão entre o cosmopolitismo e o provincianismo, dualidade que o escritor consegue captar, mostrando como os habitantes da Madeira navegam entre a modernidade e a preservação da sua herança social e cultural. Revela que a ilha, enquanto microcosmos, se torna um espaço onde as influências externas se confrontam com valores e costumes enraizados, refletindo desta forma, uma luta interna entre o desejo de modernidade e as amarras da tradição. O autor faz também uma profunda crítica social e cultural, abordando a luta diária dos ilhéus mais carenciados pela sobrevivência, e as consequências dessa luta, sem deixar nunca de criticar igreja a quem responsabiliza pelo atraso sócio cultural da ilha que a todo o custo tenta perpetuar.

Referências bibliográficas

Corpus

Martins, Carlos (1968), *A Grande Paixão do Padre Abel Caim*, Funchal, Tipografia Minerva.

___ (1980), *O Grande Amor da Irmã Elsa*, Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal.

Obras/filmes consultadas/os e/ou citadas/os

Abreu, João Carlos, (1996), *Dona Joana Rabo de Peixe*, Ponta Delgada, Editora Éter/Jornal de Cultura.

Alighieri, Dante, (1998), *A Divina Comédia – Inferno*, São Paulo, Editora 34.

Andrade, Irene Lucília, (1986), *Ilha Que é Gente*, Funchal, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, DRAC.

___ (2023), *A Penteada ou o Fim do Caminho*, Funchal, Imprensa Académica.

André, João Maria, (2012), *Multiculturalidade, Identidades e Mestiçagem, o Diálogo Intercultural nas Ideias, na Política, nas Artes e na Religião*, Coimbra, Editora Palimage.

Antunes, Padre Manuel, (2008), *Religião, Teologia e Espiritualidade*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Augusto, Mário, (2022), *Mandem Saudades, Uma Longínqua História de Emigração*, Lisboa, Fundação Manuel dos Santos.

Axel, Wilhelm, Eberhard, (1993), “O Aventureiro mais Famoso da Cidade: Carlos Martins descreve como virou meio Funchal”, *Isleña*, n.º 12, Jan.-Jun. 1993, pp. 145-160.

Azevedo, Álvaro d', (1859), *A Família Do Demerarista*, Funchal, Typ. do Funchalense.

Batista, Elina, (2008), *Emigração e Teatro em Portugal no Século XIX, Retratos da Madeira e de Madeirenses*, Funchal, Funchal 500 anos.

Bauman, Zygmunt, (2003), *Amor Líquido*, Lisboa, Relógio de Água Editores.

Branco, Camilo Castelo, (2026), *Amor de Perdição*, Porto, Porto Editora.

Calisto, Luís, (1983), “Cavalgadas Boémias em Mar de Nuvens: a Vida Fascinante do Estroina mais Famoso da Madeira: o escritor Carlos Martins”, *Diário de Notícias*, 15 de maio 1983.

- __ (1985), “Um Abraço Carlos Martins”, Funchal, *Diário de Notícias*, 26 de janeiro 1985, p 14.
- __ (2011), *Nas margens da Madeira”, Vilões, Barões e Tubarões*, Funchal, Empresa do Diário de Notícias.
- Carita, Rui, (2019), *História da Madeira, Séc. XIX, O Caminho do Liberalismo*, Funchal, Imprensa Académica.
- __ (2020), *História da Madeira, Séc. XX, O Caminho da Autonomia*, Funchal, Imprensa Académica.
- Castro, Ferreira de, (1986), *Pequenos Mundos e Velhas Civilizações*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- __ (2020), *Eternidade*, Amadora, Editora Cavalo de Ferro.
- Cepeda, Francisco José Terroso, (1992), “Emigração Portuguesa: um Fenómeno Estrutural”, Bragança, Edição do Instituto Politécnico de Bragança.
- Código do Direito Canónico*, (1983), 4ª edição revista, disponível em https://www.laityfamilylife.va/content/dam/laityfamilylife/Magistero/FamigliaPor/006_POR_Codice_di_diritto_Canonico_2_di_2_can_da_1055_a_1165.pdf (Consulta em 02.10.2024).
- Coelho, Leonor Martins, (2014), “Cruzando Mares. Ilhas e emigração”. *DEDALUS: Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, nº 11-12. Disponível em: Chromeextension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://aplc.org.pt/files/DEDALUS%201718%20(20132014)/DEDALUS%201718%20(volume%201)/42__Leonor_Martins_Coelho.pdf (Consulta 02.09.2024).
- Cunha, Ana, (2022), filme, “A Traição do Padre Martinho”, Lisboa, RTP.
- Cunha, Isabel Ferin, (2010), *Comunicação e Culturas do Quotidiano*, Lisboa, Editora Quimera.
- Cusumano, Maria Gloria MAZZI, “Intertextualidade e Paródia”, <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/31965> (consulta em 28.11.2024).
- Fournier, António (2021). “O Céu sobre as Ilhas”, in *A Condição de Ilhéu: Arquipélago da Madeira*, Nelson Veríssimo, Catarina Duff Burnay (Coord.), Lisboa, Universidade Católica Editora, (pp 23-31).
- __ (2008), “Um Funchal Eterno”, in *12 Meses no Funchal*, Funchal, Funchal 500 anos.
- França, João, (1978), *O Emigrante*, Lisboa, Agência Portuguesa de Revistas.
- __ (2020), *Ribeira Brava*, Funchal, Imprensa Académica.

__ (2021), (1985), *António e Isabel do Arco da Calheta*, Funchal, Imprensa Académica.

Franco, José Eduardo, (2011), *Relações entre a Igreja e o Estado em Portugal. Tempos e modos: Casamentos, Divórcio e União de Facto* Autor: Coleção Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Frazão, Dilva, *Franz Liszt, Músico Húngaro*, (https://www.ebiografia.com/franz_liszt/) (Consulta em 17.11.2024).

Gilles Lipovetsky, (1997), *A Terceira Mulher*, Lisboa, Instituto Piaget.

Gouveia, Horácio Bento de, (1979), *Torna-Viagem, O Romance do Emigrante*, Coimbra Editora.

__ (1980), *Margareta, Romance da Cidade e do Mundo*, Funchal, Câmara Municipal.

__ (1986), *Luisa Marta (Ficção e Memória)*, Direção Regional dos Assuntos Culturais.

__ (2008) (1948), *Canga*, Funchal, Funchal 500 Anos.

Herculano, Alexandre, (2011), *Eurico, o Presbítero*, Lisboa, Mil Editores.

Hock, Leo (2011), *La Marque Du Titre: Dispositifs Semiotiques D'Une Pratique Textuell*, la Haye-Paris- New York, Monton Publishers.

Homem, Maria Aurora Carvalho, (1992) “A Santa do Calhau” in *A Santa do Calhau*, Lisboa, Editorial Notícias.

Hutchon, Linda, (1989), *Uma Teoria da Paródia*, Lisboa, Edições 70.

Lamas, Maria, (1955), *Arquipélago da Madeira - Maravilha Atlântica*, Funchal, Editorial Eco do Funchal.

Lejeune, Philippe, (2008), *O Pacto Autobiográfico*, Belo Horizonte, Editora UFMG.

Lima, Marcos Eugénio Oliveira e Pereira, Marcos Emanuel, (2004), *Estereótipos, preconceitos e discriminação, perspectivas teórica e metodologias*, Salvador- Brasil, Editora da UFBA.

Marino, Luís, (1968), Notas biográficas do autor pelo poeta Luis Marino a *O Grande Amor da Irmã Elsa*, Funchal.

__ (1980), Notas biográficas do autor pelo poeta Luis Marino a *A Grande Paixão do Padre Abel Caim*, Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal.

Martins, Carlos, (2022) (1945), *Madeira mar de Nuvens*, Funchal, Imprensa Académica.

__ (1975a), *A Mulher que o Diabo me ofertou*, Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal.

__ (1975b), *As Figuras de Proa do “Marco-Wanda”*, Funchal, Edição da Câmara Municipal do Funchal.

Mata, Lília, (2002), *Contos de Embarcar*, Machico, Editorial Regionalista.

Matos, Rui Manuel de Campos, (2016), *A Arquitetura do Turismo Terapêutico, Madeira e Canárias, 1800 a 1914*, Universidade de Lisboa, Faculdade de Arquitetura.

Melo, João de, (1989), *Gente Feliz com Lágrimas*, Lisboa, Círculo de leitores.

Moniz, Ana Isabel e Santos, Thierry Proença dos, (2011), “O Funchal na Narrativa Literária e na Crónica”, Moniz, Ana Isabel, Falcão, Ana Margarida, Coelho, Leonor Martins, Santos, Thierry Proença dos, *Funchal (d)escrito, Ensaios sobre Representações Literárias da Cidade*, Vila Nova de Gaia, 7 dias 6 noites – Editores Unipessoal Lda.

Nepomuceno, Rui, (2008), *A Madeira vista por Escritores Portugueses (Séculos XIX e XX)*, Funchal, Funchal 500 anos.

Nicolau, Luís Eduardo, (2022), “Quando D. Quixote Afrontou a Cultura Nazi: Carlos Martins”, Funchal, Académica da Madeira.

Nobre, Ricardo, (2016), “O Que me Adivinha o Coração”, *Revista Portuguesa das Humanidades, Mulheres Proféticas na Literatura, História e Cultura*, Universidade Católica.

Nóbrega, Ciriaco de Brito, (2028), (1881), *Os Mistérios do Funchal*, Funchal, Imprensa Académica.

Nova Bíblia dos Capuchinos, (1998), Lisboa/Fátima, Difusora Bíblica.

Nunes, Cesário, Prefácio à 1ª edição de *Madeira Mar de Nuvens*, Funchal, Imprensa Académica.

Ornelas, João Augusto de, (1997), *Mão de Sangue*, Funchal, Editorial Calcamar.

Pereira, Odeta (coord), “A Emigração na História da Madeira”, in *News Letter* 12, Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, dezembro 2012, pp. 8-16 (consulta em 15.12.2024).

Perrot, Andrea Czarnobay, (2019), “Da “Casa Vazia” de Philippe Lejeune ao Neologismo de Serge Doubrovsk: os Primórdios do Conceito da Autoficção no Século XX, Pelotas, Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Pires, Maria Laura Bettencourt, (2006), *Teorias da Cultura*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa.

Porto da Cruz, Visconde do, *Notas e comentários para a História Literária da Madeira*, vol III, Camara municipal do Funchal, 1953, disponível em https://www.academia.edu/8944576/Notas_and_Coment%C3%A1rios_para_a_Hist%C3%B3ria_Liter%C3%A1ria_da_Madeira_I_Visconde_do_Porto_da_Cruz (consulta em 28.09.2024).

Rebello, Helena, (2022), *Posfácio a Madeira Mar de Nuvens*, Funchal, Imprensa Académica.

Rémond, René, (2003), *Introdução à História do Nosso Tempo. Do Antigo Regime aos Nossos Dias*. Lisboa, Editora Gradiva.

Ribeiro, Orlando, (1985), *Ilha da Madeira até Meados do século XX*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Rocha-Trindade, Maria Beatriz, (2001), *Sociologia das Migrações: as Migrações: Permanência e Diversidade*, Lisboa, Universidade Aberta.

___ (1995), *Sociologia das Migrações*, Lisboa, Universidade Aberta, <http://hdl.handle.net/10400.2/7324> (consulta em 28.11.2024).

Rodrigues, Paulo Miguel (2012), “Madeirensidade: Breves Reflexões em Torno de Um Conceito Identitário a Repensar”, Newsletter nº 15, Centro de Estudos de História do Atlântico, Funchal.

Santareno, Bernardo, (1957), *A Promessa*, Lisboa, Editora Caminho.

Santos, Thierry Proença dos (2007), *De Ilhéus a Canga, de Horácio Bento de Gouveia: A Narrativa e as Suas (Re)Escritas*, Tese de Doutoramento em Co-Tutela: Universidade da Madeira/ Université Sorbonne Nouvelle-Paris 3.

___ (2008), “Gerações, Antologias e outras Afinidades Literárias: A Construção de uma Identidade Cultural na Madeira”, in *DEDALUS: Revista Portuguesa de Literatura Comparada*, no 11-12. Disponível em: [http://aplc.org.pt/files/DEDALUS%2011-12%20\(2006 2008\)/39_Thierry_Proena_dos_Santos.pdf](http://aplc.org.pt/files/DEDALUS%2011-12%20(2006%202008)/39_Thierry_Proena_dos_Santos.pdf) (Consulta em 23.09.2024).

___ “Madeira: Reflexões à Margem do Sistema Cultural Português”, in *VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Volume 12, pp 27- 42 Disponível em: <https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/101>, (Consulta 23.09.2024).

___ *Introdução a Madeira Mar de Nuvens*, Funchal, Imprensa Académica.

Silva, Susana Serpa, (2001), “Em Busca de Novos Horizontes, Açores, Emigração e Aculturação, Nos Finais do Séc. XIX, Inícios do Séc. XX”, Universidade dos Açores. *Sociedade e Cultura Portuguesas II: a Cidade e o Campo* Catroga, Fernando Carvalho, Paulo Archer de, Sociedade e cultura portuguesas II_a cidade e o campo.pdf (Consulta em 15.11.2024).

Sousa, Vítor, (2021), “Tudo o Que Existe Acontece Depois do Mar”, in *A Condição de Ilhéu: Arquipélago da Madeira*, Nelson Veríssimo, Catarina Duff Burnay, (Coord.), Lisboa, Universidade Católica Editora, pp 145-152.

Souto, Odete, (2021), “Migração Madeirense para Angola e Moçambique (1940-1974)”, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.

__ (2017), *Os Retornados de África, Estudo de caso sobre a sua integração na Madeira*, Lisboa, Universidade Aberta.

Veríssimo, Nelson, (2021), “Entre Mar, Serras e Medos”, in *A Condição de Ilhéu: Arquipélago da Madeira*, Nelson Veríssimo, Catarina Duff Burnay, (Coord.), Lisboa, Universidade Católica Editora, pp 39-42.

__ (2021), “O Céu Sobre as Ilhas”, in *A Condição de Ilhéu: Arquipélago da Madeira*, Nelson Veríssimo, Catarina Duff Burnay, (Coord.), Lisboa, Universidade Católica Editora, pp 23-31.

__ (2018), “Descobrimto e Povoamento do Arquipélago da Madeira”, Funchal, Universidade da Madeira e Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar.

Vieira, Alberto, (1998), “O Ensino Público e Particular na Madeira. A Propósito do Colégio Lisbonense”, Funchal, Centro de Estudos de História do Atlântico.

Wieviorka, Michel, (2002), *A Diferença*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa, Editora Fenda.

Xavier, Juvenal, (2024) “radiodifusão portuguesa/rdp-Madeira”, <https://aprenderamadeira.net/article/radiodifusao-portuguesa-rdp-madeira> (consulta em 22.12.2024).

Anexos

Certidão de óbito de Carlos Martins

Conservatória do Registo Civil Funchal Assento de Óbito n.º 3309 do ano de 2014

Falecido

Nome: **Carlos de Freitas Martins *****
Sexo: **Masculino *****
Idade: **75 anos *****
Estado: **Casado(a) com Maria Mendonça Martins*****
Naturalidade: freguesia de **Funchal (Sé) *****
concelho de **Funchal *****
Última residência habitual: **Sítio do Pico, Monte, Funchal *****

Pai: **João de Freitas Martins *****
Mãe: **Clementina Bella Barreto Camacho Martins *****

Hora e data do falecimento: **7 horas 00 minutos , do dia 25 de Janeiro de 1985 *****
Lugar: freguesia de **Monte *****
concelho de **Funchal *****
Sepultado: **no cemitério do Monte, concelho do Funchal *****

Declarante(s): *******
Menções especiais: *******
Data do assento: **17 de Fevereiro de 2014 *****

O/A 1º Ajudante, Sílvia Marta Miranda de Freitas , Por competência própria
Processo n.º **5656/ 2014**

Assento de Óbito 3309/2014, Conservatória do Registo Civil do Funchal

Cota : Informatização do assento nº 139/1985, lavrado em 26/1/1985, na Conservatória do Funchal. - 2014-02-17